

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Marcia Cristiane Peres Maciel

**UM COMPUTADOR POR ALUNO FORA DO CONTEXTO ESCOLAR:
CENAS DIGITAIS DO PLAN CEIBAL NA FRONTEIRA DO BRASIL COM URUGUAI**

Porto Alegre
2012

Marcia Cristiane Peres Maciel

**UM COMPUTADOR POR ALUNO FORA DO CONTEXTO ESCOLAR:
CENAS DIGITAIS DO PLAN CEIBAL NA FRONTEIRA DO BRASIL COM URUGUAI**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora Prof^a Dr^a: Liliana Maria Passerino

Linha de Pesquisa: Informática na Educação

Porto Alegre

2012

Marcia Cristiane Peres Maciel

**UM COMPUTADOR POR ALUNO FORA DO CONTEXTO ESCOLAR:
CENAS DIGITAIS DO PLAN CEIBAL NA FRONTEIRA DO BRASIL COM URUGUAI**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em dezembro de 2010

Profa. Dra. Liliana Maria Passerino (Orientadora)

Profa. Dra. Clarice Salete Traversini (PPGEDU/UFRGS)

Profa. Dra. Sandra Montardo (FEEVALE)

Profa. Dra. Iuta Vieira (UECE)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Olga e Adão por sempre incentivarem os seus filhos a dedicar-se aos estudos e pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida.

Dedico também a meus irmãos Marcio, Marcelo e sobrinho Gabriel, que esta sirva de inspiração para que busquem através do estudo o aprimoramento constante.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado condições físicas, psicológicas e cognitivas para elaborar este trabalho.

Agradeço especialmente a minha orientadora Liliana Passerino, por suas incansáveis e valorosas orientações e, acima de tudo, por sua amizade.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU/UFRGS pelos ensinamentos que permitiram aperfeiçoar-me como pesquisadora.

Agradeço aos meus colegas e amigos pela cumplicidade, ajuda e companheirismo.

Agradeço a CAPES pelo apoio fornecido.

Agradeço aos responsáveis pelos sujeitos de pesquisa por permitirem a participação destes nesta investigação.

E, agradeço principalmente aos meus queridos sujeitos da pesquisa por todo seu carinho e porque, graças a vocês, esta pesquisa se fez possível.

RESUMO

O presente trabalho discute o processo de distribuição de um computador por aluno configurado a partir da implantação do projeto de inclusão digital adotado pelo governo uruguaio, este projeto denomina-se Plan Ceibal e teve seu início em 2007, sendo finalizada a primeira etapa de distribuição em 2010, momento em que foram distribuídos computadores para todos os alunos de escolas públicas que estivessem entre o 1º e 6º ano do ensino primário. Em uma cidade do interior daquele país realizamos um estudo etnográfico do tipo *blended*, combinando espaços da vida real com espaços virtuais de utilização da tecnologia oferecida pelo Ceibal. O presente estudo ocorreu de janeiro a agosto de 2011, nossa investigação procurou identificar novas formas culturais emergentes, analisando o uso destes computadores portáteis fora do espaço escolar através do estudo etnográfico. Assim, conseguimos mapear os espaços de utilização dos computadores pelos alunos na comunidade, obtendo dados que apontam para mudanças em práticas culturais. No estudo netnográfico procuramos entender os tipos de interações que estes alunos estabeleciam no âmbito da internet e que tipo de uso estes faziam da rede para fins de interações. Através deste estudo foi possível ampliar nosso campo de estudo, procurando entender também a cultura gerada a partir do uso da internet e a participação de possíveis redes sociais. Assim identificamos o que muitos alunos faziam em redes sociais, sendo atuantes neste espaço, embora não tenha sido possível identificar relações entre os próprios alunos na rede já constituída. As interações entre estes e a pesquisadora apontam para trocas de capital social do tipo relacional e constituição de laços sociais fortes em alguns casos, mas em sua maioria laços fracos, que apenas estruturam a rede e não foram adiante nas interações. Para esta investigação consideramos que existe um complexo relacionamento entre o uso das tecnologias e as estruturas sociais. Esta pesquisa, com viés sócio-histórico, direciona o olhar para o que fazem as pessoas com as tecnologias na construção de zonas de sentidos, e não apenas para as possibilidades pedagógicas da tecnologia. Por isso identificamos que estes alunos fazem uso da tecnologia fora da escola, trazendo novos sentidos para o uso, vinculando as práticas culturais estabelecidas e não a capacidade tecnológica da tecnologia em si. Identificamos ainda várias formas de socialização vinculadas ao uso dos computadores pelos alunos em espaços públicos. Portanto, verifica-se que a tecnologia está sendo utilizada como mais um componente do meio e que as produções a partir deste uso moldam novas práticas na internet e fora dela na comunidade estudada, caracterizando a tecnologia como cultura e como artefato desta cultura.

Palavras-chave: inclusão digital; computadores; etnografia; inclusão social; educação

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGESIC - Agência para o Governo de Gestão Eletrônica e a Sociedade de Informação e Conhecimento

ANIII - Agência Nacional de Inovação e Investigação

ANTEL- Administração Nacional das Telecomunicações

ARS – Análise de Redes Sociais

CEIBAL – Conectividade Educativa de Informática Básica para Aprendizagem on-line

CEP/ANEP - Conselho de Educação Primária

CODICEN - Conselho Diretivo Central

CMC – Computação Mediada pelo Computador

DF - Distrito Federal

IES – Instituições de Ensino Superior

INE - Instituto Nacional de Estatísticas

LATU - Laboratório Tecnológico do Uruguai

MEC - Ministério da Educação e Cultura

MIT - Massachusset Institute of Tecnology

OLPC – One Laptop for Children

PIB - Produto Interno Bruto

PPS – Processos Psicológicos Superiores

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

REDSIG – Rede de Significações

RJ – Rio de Janeiro

RS - Rio Grande do Sul

RSI – Rede Social na Internet

SP – São Paulo

TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação

TO - Tocantins

UCA - Um Computador por Aluno

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

USB - Universal Serial Bus

XO – Laptop de origem do programa OLPC

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 - Mapa contendo o número de máquinas entregue em cada cidade..... | 16 |
| Figura 2 - As diferentes partes da ceibalita | 20 |
| Figura 3 -.Regiões que foram contempladas com o projeto UCA..... | 22 |
| Figura 4 - Estrutura do UCA e Ceibal | 22 |
| Figura 5 - XO e UCA | 23 |
| Figura 6 – Mapa conceitual | 34 |
| Figura 7 – Síntese de análise da pesquisa..... | 49 |
| Figura 8 – Combinação instrumentos de coleta de dados | 55 |
| Figura 9 – Mapa do Uruguai destacando a cidade de Rivera | 59 |
| Figura 10 – Resumo dos passos da realização da pesquisa | 62 |
| Figura 11 – Mapa conceitual: resumo passos e técnica adotada na pesquisa..... | 66 |
| Figura 12 – Resumo do uso dos XO em janeiro e fevereiro 2011 | 71 |
| Figura 13 - Lugares de uso do XO | 75 |
| Figura 14 – Resumo da utilização dos computadores fora da escola | 76 |
| Figura 15 – Classificação do uso do XO | 77 |
| Figura 16 - Uso nas proximidades da escola | 79 |
| Figura 17 –Uso rápido na frente da escola e em dupla..... | 79 |
| Figura 18 – Uso caminhando e navegando..... | 83 |
| Figura 19 – Uso domiciliar no grupo familiar | 84 |
| Figura 20 – Uso na frente da residência em grupo | 84 |
| Figura 21 – Uso com grupo familiar fora da residência | 86 |
| Figura 22 – Uso agregado a mix de mídias | 87 |
| Figura 23 – Uso com colaboração | 88 |
| Figura 24 – Uso rápido em frente à escola do bairro..... | 88 |
| Figuras 25– Uso no meio rural | 91 |
| Figura 26 – Resumo das informações apresentadas no perfil do sujeito K..... | 96 |
| Figura 27 – Resumo das informações apresentadas no perfil do sujeito C | 97 |
| Figura 28 – Resumo das informações apresentadas no perfil do sujeito Ka | 100 |
| Figura 29 – Esquema de interação..... | 103 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 - Configuração das máquinas dos projetos de inclusão digital Brasil e Uruguai | 23 |
| Quadro 2 – Classificação do capital social Bertolini e Bravo (2004) | 48 |
| Quadro 3 – Distribuição total da população de Rivera..... | 60 |
| Quadro 4 – Questionário aplicado aos alunos | 63 |
| Quadro 5 – Questionário aplicado aos responsáveis | 64 |
| Quadro 6 – Descrição dos alunos selecionados..... | 93 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 PRIMEIROS PONTOS E ALINHAVOS..... | 112 |
| 1.1 INTRODUÇÃO | 112 |
| 1.2 JUSTIFICATIVA | 144 |
| 1.3 PROBLEMA DE PESQUISA | 156 |
| 1.4 OBJETIVO GERAL | 167 |
| 1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS..... | 167 |
| 2 COMENDO A TRAMA INICIAL..... | 178 |
| 2.1 DEFININDO O PLAN CEIBAL | 178 |
| 2.2 CARACTERÍSTICAS DOS COMPUTADORES PORTÁTEIS DO CEIBAL: AS CEIBALITAS | 21 |
| 2.3 COMPARATIVOS ENTRE OS PROJETOS DE UM COMPUTADOR POR ALUNO NO BRASIL (UCA) E NO URUGUAI (CEIBAL)..... | 23 |
| 2.3.1 Projeto Uca..... | 23 |
| 3 CONECTANDO ALGUNS NÓS | 29 |
| 3.1 A INCLUSÃO DIGITAL PARA A INCLUSÃO SOCIAL | 29 |
| 3.2 AS NOVAS PRÁTICAS CULTURAIS NO USO DAS TICS | 37 |
| 4 INTERLIGANDOS OUTROS NÓS..... | 41 |
| 4.1 REDES SOCIAIS NA INTERNET..... | 41 |
| 4.2 PLATAFORMAS DE INTERAÇÃO SOCIAL..... | 43 |
| 4.2.1 <i>Orkut</i> | 43 |
| 4.2.2. <i>Facebook</i> | 45 |
| 4.3 PARA ANALISAR A REDE: ANÁLISE DAS REDES SOCIAIS (ARS)..... | 45 |
| 5 TECENDO A METODOLOGIA | 52 |
| 5.1 COMO OLHAR: INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS..... | 57 |
| 5.2 O CENÁRIO DA PESQUISA ETNOGRÁFICA | 61 |
| 5.3 OS INFORMANTES..... | 62 |
| 5.4 A CAMINHADA DA PESQUISA..... | 63 |
| 6 ENTRELACANDO OS NÓS: PROCESSO DE ANÁLISE E DISCUSSÃO..... | 69 |
| 6.1 ESTUDO ETNOGRÁFICO: TEMPOS E ESPAÇOS DA PESQUISA | 69 |
| 6.1.1 Espaços e Práticas Culturais: | 80 |

| | |
|---|------------|
| 6.1.2 Usos e práticas no meio urbano: | 80 |
| 6.1.3 Espaços e usos nas comunidades rurais | 90 |
| 6.2 ESTUDO NETNOGRÁFICO | 93 |
| 6.2.1 Definindo os sujeitos da rede social estabelecida: | 94 |
| 6.3 OS SENTIDOS DO USO DO XO | 105 |
| 7 DESBOBRAMENTOS DA PESQUISA E CONSIDERAÇÕES FINAIS | 108 |
| 8 REFERÊNCIAS | 114 |
| 9 APÊNDICE | 121 |

1 PRIMEIROS PONTOS E ALINHAVOS

1.1 INTRODUÇÃO

Estamos imersos na Sociedade da Informação, caracterizada segundo Castells (2006) por mudanças produzidas nas áreas da economia, cultura e informação e também nos processos sociais, trazendo com isso transformações e profundas mudanças nas formas de produzir e de compartilhar conhecimento entre os indivíduos e, segundo Gonzalez Rey (2001), na construção da subjetividade.

Desta forma a atual sociedade apresenta fortes modificações, que alteram modos de produção e também de trabalho. Com isso a configuração social pode sofrer agravantes de dominação, controle ou usufruir da tecnologia como recurso para construção da identidade dos indivíduos.

Contudo, essa revolução científica e tecnológica está transformando vários segmentos da sociedade e está cada vez mais próxima do processo de ensino, possibilitando novas práticas para alunos e professores. Na atualidade, para obter novas formas de aprender e ensinar, os alunos e professores contam não só com os instrumentos tradicionais de ensino, mas também com ferramentas tecnológicas e serviços multimídias incorporados às antigas formas de ensinar.

Neste propósito, surge em 2007, no Uruguai, um ambicioso projeto intitulado *Plan ceibal*¹ com o principal objetivo de proporcionar o acesso igualitário a ferramentas tecnológicas, através da inclusão digital para todos os alunos e professores da rede pública de ensino daquele país. Foram distribuídos computadores portáteis para todos os alunos de 1ª a 6ª séries do ensino primário e público do Uruguai. Estes computadores são chamados de *XO*, pois têm origem em um programa chamado *OLPC (One Laptop for Children)* de Nicholas Negroponte, professor do *Massachusetts Institute of Technology (MIT)* que, em 2005, lançou esta organização mundial com o objetivo de distribuir computadores portáteis para a população carente (NEGROPONTE, 2010).

¹ Plan Ceibal - trata-se da distribuição de um computador portátil para todos os alunos e professores das Escolas públicas do Uruguai. Seu nome Ceibal refere-se a Conectividade Educativa de Informática Básica para o Aprendizado em Linha.

No entanto, no decorrer desta pesquisa, chamaremos esses computadores portáteis utilizados no projeto *Ceibal* de “*ceibalitas*”, pois assim vêm sendo referenciados junto aos alunos e comunidades beneficiadas pelo projeto.

O projeto *Ceibal* possui como um dos principais objetivos a inclusão social e digital dos alunos, buscando com isso diminuir a *brecha digital* e oferecer novas ferramentas tecnológicas para serem utilizadas no âmbito Escolar e, posteriormente, ampliando-se para o seu meio social, pois os computadores do *Ceibal* são de propriedade do aluno, o que permite um uso além da Escola por outros caminhos, sendo justamente este o foco de nossa investigação.

Ao navegar por esses caminhos percebe-se que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) não existem separadas da sociedade, são produtos e produtores de espaços sociais. Pois a sociedade não apenas molda o uso e o funcionamento da tecnologia, mas também molda esta exploração ao mesmo tempo em que as TIC configuram e alteram processos de comunicação e interação em sociedade. Direcionar o olhar para o que fazem as pessoas com as tecnologias, e não para as possibilidades do equipamento, é o foco de nossa pesquisa mais do que o uso eficaz das TIC, isto é, nos interessamos pelo complexo relacionamento entre a tecnologia e as estruturas sociais no qual o mais importante são as práticas culturais que emergem na rede tecnológica dos sujeitos. Conforme Warschauer (2006, p.275), “nenhuma tecnologia existe fora de uma estrutura social, exercendo um impacto independente sobre ela”. As tecnologias por si só podem não ser boas nem más, mas tampouco são neutras, como afirma Castells (2006), pois carregam determinadas intenções e valores baseados em sua própria história e idealização, quando “o contexto social, o propósito social e a organização social são decisivos nas iniciativas de fornecer acesso significativo à TIC” (WARSCHAUER, 2006, p. 272).

Assim, as mudanças que ocorrem nas relações sociais, derivadas da interação humana com o processo tecnológico, se entrelaçam nos processos de inclusão social quando evidenciam modificações das práticas culturais pela intervenção da tecnologia, implicando que as TIC devem ser vistas como tecnologias sociais.

Com isso, percebe-se que o entorno da utilização das tecnologias é tão mais importante de ser analisado do que a própria tecnologia quando se desejam analisar processos de inclusão digital.

Neste contexto as transformações ocorrem e estabelecem-se novas práticas culturais. Estudos realizados por Webster (1995 *apud* HINE, 2000) apontam que a teoria social pode ser o caminho para enriquecer a reflexão sobre a complexidade presente nas relações entre

tecnologia e sociedade. O autor acredita que há um forte determinismo tecnológico em alguns estudos de teóricos contemporâneos, pois assumem que o desenvolvimento tecnológico “suporta”, “facilita” ou “promove” o desenvolvimento social em diversas direções, mas, segundo o autor, se equivocam ao afirmar que a tecnologia seja a principal responsável pelo desenvolvimento social.

Hiltz e Turoff (1993, *apud* Hine 2000) destacam a importância do que eles chamam de “inércia social”, ampliando assim a capacidade da tecnologia produzir revolução. A esta “inércia social” atribuíram a ideia de práticas através das quais a tecnologia pode produzir “revolução”. Com isso, eles analisam que a tecnologia em si não é o único agente responsável por essas transformações que ocorrem no âmbito onde ela está sendo utilizada, “*el agente del cambio no es la tecnologia em si misma, sino los usos y la construcción de sentido alrededor de ella*”(HINE, 2000, p.13).

Com esta visão do uso das TIC enquanto fenômenos sociais, desejamos lançar um olhar sobre o projeto *ceibal*, que se encontra articulado a mudanças no contexto familiar dos alunos envolvidos. Destacamos alguns dos nós que compõem esta trama e que foram analisados nesta pesquisa: a necessidade de ampliação do conceito inclusão digital e suas implicações em uma sociedade, que se encontra modificada pela presença das *ceibalitas*, o fenômeno da distribuição de um computador por aluno como representação de um novo paradigma de construção e difusão do conhecimento e por fim, a construção de processos de inclusão digital que considerem não somente a utilização da tecnologia, mas a valorização cultural no ciberespaço (HINE, 2000).

Conforme Alava, “[...] o ciberespaço é concebido e estruturado de modo a ser, antes de tudo, um espaço social de comunicação e de trabalho em grupo (ALAVA, 2002, p.14). Levy (1994) caracteriza esse espaço² como um novo espaço, o qual se configura universal, sem totalidade, sem controles aparentes, com possibilidade de interação, de contato para além da proximidade geográfica.

Através da análise do fenômeno desencadeado no *Ceibal*, que pretende promover o acesso a computadores e internet para a população de modo geral, atingindo também as classes menos favorecidas, percebemos a importância de analisar a implantação de uma política educacional que extrapola os muros da escola e mostra-se como um grande desafio. Esta análise exigiu uma proposta metodológica que traçou caminhos, percorreu galhos e recolheu frutos “mapeando” uma rede em constante mudança, tentando identificar pontos

² “O novo espaço sagrado contemporâneo” (LEVY, 1999, p.142).

comuns numa configuração que permanece modificando-se a cada instante, enquanto a mapeamos, pois o tempo de mudança também se configura de forma diferente, assim como os espaços foram diversos.

Portanto, baseados neste projeto de inclusão digital, e debruçados em pesquisas investigativas do uso destes recursos tecnológicos pelos alunos e professores (OBSERVATICS, 2010), é que trazemos nesta pesquisa a análise da utilização desses computadores portáteis, fora do âmbito escolar, identificando que tipo de utilização os alunos realizam em outros espaços, procurando compreender de que forma esta política, enquanto fenômeno social, favorece a construção e participação de redes sociais visando à inclusão social.

1.2 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa surge do momento sócio-histórico vivido pela pesquisadora, que é natural de Santana do Livramento – Brasil, cidade que faz divisa com Rivera – Uruguai. Através da convivência diária entre brasileiros e uruguaios, pôde perceber ao longo do tempo muitas diferenças nos incentivos a Educação destes dois países, viver em uma região de fronteira nos permite ter uma interação muito peculiar entre duas cidades, com realidades diferentes.

A pesquisadora é graduada em Sistemas de Informação com especialização em Informática na educação. E nesta área possui experiência em educação a distância, onde atua desde 2005 como tutora em cursos voltados para a capacitação de professores em Tecnologias de Informação e Comunicação Acessíveis. Durante a especialização iniciou sua trajetória na pesquisa, participando de diversos projetos voltados à aplicação da informática na educação em diferentes contextos. Como o tema na especialização estava voltado para a utilização dos computadores no processo de atenção de sujeitos autistas, teve também a oportunidade de navegar por temas voltados a informática na educação especial.

Após a realização de sua especialização, a pesquisadora inicia sua trajetória no meio acadêmico ministrando aulas de Informática nos cursos do centro de ciências econômicas da Universidade da Região da Campanha, que fica localizada na região de fronteira do estado do Rio Grande do Sul. E ali a pesquisadora teve a oportunidade de ver como o processo da chegada das TIC na educação ocorre nas escolas da fronteira. No Brasil tínhamos uma inclusão digital, em alguns casos dentro do contexto da escola, com a utilização de

laboratórios de informática, e em poucos casos, com uso de computadores individuais, ainda não atendendo a todas as localidades do Brasil. No Uruguai chegava, naquele momento, uma proposta mais ampla de oferta das TIC para os alunos, sendo instalada a distribuição de um computador por aluno, trazendo uma forma diferenciada de oferta de computador vinculada a uma proposta de inclusão social através desta oferta.

Portanto, o que nos leva a direcionar nosso olhar para o projeto de inclusão digital adotado pelo Uruguai, naquele país, é encontramos um projeto estruturado para atender a todo o país e, ainda, o fato de que naquele projeto os alunos podem fazer o uso do computador também fora da escola, já que os mesmos são de propriedade do aluno e, por isso, permitem uma mobilidade diferenciada estendendo o uso para outros espaços.

E assim, aproveitando a vigência de um protocolo de cooperação existente entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a *Universidad de la Republica* do Uruguai, é que desenvolvemos esta investigação. O protocolo (Processo nº23078.020448/05-48) possibilita que alunos destas duas Universidades façam intercâmbios de estudos e pesquisas. O documento tem como objetivo promover o interesse nas atividades de ensino, de extensão e de investigação de ambas as instituições; desenvolver uma ampla e eficaz colaboração científica-acadêmica em temas de interesse comum.

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

O problema de pesquisa procurou responder o seguinte questionamento: **Em que medida o uso das *ceibalitas* nos espaços públicos propicia práticas culturais de letramento digital e participações em redes sociais pelos alunos da cidade de Rivera no Uruguai, e que tipo de laços e capital social são estabelecidos?**

A partir desta indagação surgem alguns questionamentos: Em que medida o uso dos computadores fora da escola moldam novos espaços de socialização? Há evidências de socialização através deste uso? Que usos os alunos fazem desta máquina nos locais públicos? Como se comportam? Como se acomodam? Existem grupos formados? Estes alunos utilizam redes sociais? De que forma ocorre esta utilização?

Há ainda outros questionamentos que seguem: Em que espaços se estabelecem estas redes? Quais os tipos de trocas evidenciados? Qual o nível de participação? Quem participa? Qual o entendimento desta participação? E o envolvimento? Como isso se reflete no meio familiar? Existe influência deste uso no meio familiar?

1.4 OBJETIVO GERAL

Identificar no uso dos computadores alternativas de socialização, sendo que esta pode ser um fator de inclusão social via TIC de alunos de escolas públicas uruguaias, uma vez que esse recurso pode ser um canal de trocas sociais de informação e de afetividade para os sujeitos. Além de caracterizar os tipos de trocas realizados nas interações que utilizam a rede social, considerando laços e capital social.

1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1° - Identificar e analisar alternativas de socialização e práticas culturais de letramento digital que as *ceibalitas* proporcionam para alunos e seus familiares.

2° - Analisar o processo de configuração de Redes Sociais e o tipo de trocas que são estabelecidas, considerando seus laços e capital social.

2 COMPONDO A TRAMA INICIAL

Neste capítulo definimos o contexto da inclusão digital proporcionada pela inserção do projeto Ceibal nas Escolas da rede pública de ensino do Uruguai. Inicialmente, traçaremos alguns conceitos, referentes a este projeto, definindo as características das máquinas utilizadas e aplicativos disponíveis nestas. Posteriormente, traçamos um comparativo com a experiência brasileira de utilização de um computador por aluno (UCA) e o projeto adotado pelo Uruguai (Ceibal).

2.1 DEFININDO O PLAN CEIBAL

O Plan Ceibal é um programa de inclusão digital instituído pelo governo Uruguaio que atende a toda a população escolar daquele país. Este projeto trata da distribuição um computador portátil para cada aluno e professor, do primeiro ao sexto ano do ensino primário das escolas públicas do Uruguai. A atribuição do nome Ceibal, é um acrônimo de “Conectividade Educativa de Informática Básica para o Aprendizado em Linha”, e representa o símbolo do país, sua flor nacional: o “ceibo”. Nesta dissertação vamos adotar a sigla Ceibal para nos referir ao Plan Ceibal.

A implantação deste projeto ficou sob a responsabilidade do Laboratório Tecnológico do Uruguai (LATU), sendo constituída uma comissão política integrada pelos representantes do Conselho Diretivo Central (CODICEN), do Conselho de Educação Primária (CEP/ANEP), da Administração Nacional das Telecomunicações (ANTEL), do Ministério da Educação e Cultura (MEC), da Agência para o Governo de Gestão Eletrônica e a Sociedade de Informação e Conhecimento (AGESIC) e da Agência Nacional de Inovação e Investigação (ANII) (UNESCO, 2009).

Neste ponto faz-se importante caracterizar o Uruguai por tratar-se de um país com incentivos significativos na área educacional. O setor agropecuário é o principal componente de sua economia, caracterizado pela criação de gado bovino e ovino, sendo estas produções destinadas à exportação. Sua principal indústria é alimentícia, seguida da têxtil e da química. Além dos serviços financeiros que acrescentam uma significativa parcela do PIB (Produto Interno Bruto), a área do turismo tem crescido relativamente. O número total de habitantes

segundo Censo 2004 é de 3.241.003 (INE, 2011). Este país é dividido administrativamente em 19 departamentos. Na Figura 1 apresentamos o número de máquinas do Projeto Ceibal, distribuídas em cada um destes departamentos.

Figura 1 - O número de máquinas entregue em cada cidade



Fonte: OBSERVATICS (2009)

A estratégia de entrega dos computadores partiu primeiro de uma pequena comunidade rural chamada Vila Cardal, um departamento do departamento de Florida. Nesta cidade, de menos de 2.000 habitantes, chegaram os primeiros 150 *laptops*. Estes foram inicialmente doados pela organização One Laptop per Child (OLPC) de Massachusetts Institute of Technology (MIT), com sede nos Estados Unidos, depois foi avançando para todo o país até chegar na capital Montevideo.

Este projeto estruturou-se da seguinte forma: 362.000 alunos de escolas públicas e 18.000 professores receberam computadores, o que implica 220.000 novos lares com acesso digital. O mesmo foi sendo implantado em diversas fases: fase 1, em 2007, do projeto piloto na Vila Cardal na cidade de Florida, chegando a todas as escolas daquela localidade ainda em 2007 (fase 2). No início de 2008 todas as cidades do interior do país foram atendidas (fase3). Nos primeiros meses de 2009 inicia-se a fase 4, procurando atender a capital Montevideo e zona metropolitana, sendo finalizada a distribuição no final de 2010 nesta localidade (OBSERVATICS, 2010).

Em 2011 começou a distribuição de computadores também para os alunos das Escolas secundárias e profissionalizantes, porém ainda não foram divulgados números oficiais desta distribuição, pois encontra-se em andamento.

Para a entrega dos computadores foi necessária a preparação das escolas, iniciando-se por um levantamento atualizado de cada Escola; depois, foi necessário localizar cada criança - que também não possuía um cadastro único - e, por fim, um levantamento físico dos prédios. Descobriu-se, por exemplo, que algumas escolas não tinham energia elétrica e outras, construídas ainda no século XVIII, possuíam paredes muito grossas ou eram feitas com materiais que dificultavam a transmissão de internet sem fio, como estruturas metálicas (UNESCO, 2009).

A partir desse levantamento, cada criança recebeu um número permitindo identificar quem é e em que escola frequenta. Além disso, foi cadastrado um código de barras identificando cada máquina. Nas escolas, realizaram-se também reformas em toda a rede para instalação de internet sem fio. Em cada lugar houve uma solução diferente, com boa parte recebendo por cabo, outros por satélite e alguns por sinal de celular. A ideia inicial foi a de que cada criança não ter de se deslocar mais de 300 metros de sua casa para entrar na rede exclusiva do Ceibal, mas esta ainda não é uma realidade, principalmente por problemas como árvores, prédios e outros obstáculos.

Considerando os objetivos do *Ceibal*, foi elaborado um Projeto Pedagógico que estabelece as linhas de trabalho e, neste aspecto, os objetivos gerais são: contribuir para a melhoria da qualidade educativa mediante a integração de tecnologia e aula, no centro Escolar e no núcleo familiar; promover a igualdade de oportunidades para todos os alunos de educação primária que possuem um computador portátil; desenvolver uma cultura colaborativa em quatro linhas - aluno/aluno, aluno/professor, professor/professor e aluno/família/Escola - e promover a alfabetização e criatividade eletrônica na comunidade pedagógica atendendo aos princípios éticos.

O *Ceibal* também conseguiu conquistar a simpatia da população em geral, é o que aponta uma pesquisa realizada (OBSERVATICS, 2009) na qual 78% da população entrevistada estavam de acordo que fossem investidos recursos econômicos para o projeto, sendo que 95% das mães das crianças beneficiadas estavam de acordo com o projeto.

A aprovação e apoio ao Ceibal podem ser refletidos além das pesquisas, através da participação efetiva no projeto. É o que a Universidade da República e uma organização de voluntários estão realizando. Assim, de um lado, a rede de apoio ao *ceibal* (Rapceibal)³ participou desde o início deste projeto, integrada por mais de seiscentos cidadãos, em sua maioria profissionais, de todo o país, que de forma voluntária estão realizando diversas ações e atividades com o intuito de melhorar a eficiência, fluidez e apropriação do *ceibal* por parte de meninos e meninas, professores e a população em geral. Este grupo, realizou o aporte inicial colaborando com a distribuição das máquinas, realizando cursos para capacitar os docentes na utilização, realizando oficinas e outras ações de caráter operativo em nível local (OBSERVATICS, 2010).

O projeto flor de *ceibo*⁴ da Universidade da República atua nesta mesma direção. Este projeto, que foi criado por um grupo de docentes de diferentes disciplinas, busca unir tarefas de extensão, ensino e pesquisa em torno de um trabalho de acompanhamento do *Plan ceibal*. O projeto, que começou a funcionar em 2008, através de um convênio assinado com o LATU, contou com vinte e cinco docentes universitários e cerca de trezentos estudantes das mais diversas áreas. Hoje, aproximadamente quarenta docentes de diferentes disciplinas estão envolvidos e passam pelas atividades desenvolvidas centenas de alunos. Assim, é possível realizar diversos trabalhos com as comunidades e as escolas. Estas atividades implicam identificar problemas, contribuir com soluções destes e o desenvolvimento de diversas atividades de trabalho junto à comunidade (OBSERVATICS, 2010).

Em resumo, os aspectos indicados aqui são apenas alguns dos que demonstram as inovações nas políticas. Encontramos um trabalho em conjunto e articulado de distintas organizações estatais e também com da sociedade civil e organizações autônomas como a Universidade. E, com isso, podemos dizer que estão se registrando a todo momento fortes impulsos de uma política de inclusão digital através de ações que não se reduzem a aspectos tecnológicos, mas sim incluem iniciativas especialmente sociais.

³ Disponível em: www.rapceibal.blogspot.com

⁴ Disponível em: WWW.flordeceibo.edu.uy

2.2 CARACTERÍSTICAS DOS COMPUTADORES PORTÁTEIS DO CEIBAL: AS CEIBALITAS

Os computadores portáteis que foram distribuídos pelo Plan Ceibal são chamados de XO devido à procedência de sua produção. Essas máquinas foram desenvolvidas pelo Projeto One Laptop Per Child (OLPC) do Massachusetts Institute of Technology (MIT). Este equipamento, que está sendo utilizado pelos estudantes do primário, foi desenvolvido especialmente para ser utilizado por crianças e, após algum tempo de utilização, passou a ser chamado de *ceibalitas* pelos estudantes e professores.

Estas máquinas foram projetadas para ser de baixo custo, são de propriedade dos alunos e, portanto, eles podem levar para seus lares. Algumas de suas principais características são: baixo consumo de energia, possuem proteção contra o derramamento de líquidos, são máquinas leves e que podem facilmente ser transportadas. O monitor desta máquina permite sua utilização tanto em espaços fechados quanto ao ar livre, sem dificuldades para visualização do seu conteúdo. O computador portátil possui uma interface para conexão a internet, com acesso a rede sem fio, que permite não só a conexão à internet. A máquina está equipada ainda com um sistema antifurto que permite o bloqueio automático, caso seja necessário. Completando a configuração da máquina destacamos que ela possui ainda três entradas para USB, câmera de vídeo incorporada, seu sistema operacional é Linux, com interface sugar. Neste sentido é preciso ressaltar que está totalmente de acordo com metáforas infantis, pois seu formato é pequeno, sua cor é atrativa, o *design* é inovador e assemelha-se a um brinquedo que cativa a criança. O teclado é emborrachado, evitando o derramamento de líquidos. Possui teclas de atalho ao lado do monitor, que facilitam a utilização dos recursos multimídias. Além das características físicas o XO é adaptado com softwares que foram projetados especialmente para serem aplicados na educação, obedecendo às condições necessárias para ser usado por crianças.

Figura 2 - As diferentes partes das ceibalitas



Fonte: Observatics (2010, pag.19)

A Figura 3 descreve os principais itens que compõe a interface física das *ceibalitas* distribuídas no Ceibal.

A continuidade do projeto se afirma, pois, atualmente, seguem sendo entregues computadores portáteis para as crianças que ingressam a cada ano no ensino público primário. Foi implementado em 2010, com a distribuição nas escolas da rede pública secundária destes equipamentos com outras características adequadas ao nível aplicado.

Atualmente 95%⁵ das crianças que frequentam algum tipo de escola pública no Uruguai dispõem de conectividade e os 5% restantes tratam-se de escolas localizadas fora do perímetro urbano, que são desprovidas de energia elétrica. Porém, existem iniciativas da organização do Ceibal que pretendem, a todo momento, estar implantando soluções para prover a conectividade por meio de placas solares, entre outras soluções para estas escolas sem energia elétrica. E ainda vem sendo instalada conectividade em outros lugares como centros de educação secundária, comunidades onde vivem crianças que frequentam escolas públicas e locais que não são escolares como centros de formação de docentes da ANEP e em praças públicas. Existem, ainda, muitos projetos que pretendem disponibilizar conectividade a uma distância inferior a 300 metros desde a casa dessas crianças, ampliando assim as possibilidades de conexão para todos os alunos (OBSERVATICS, 2009).

Os computadores portáteis, além de ter sido planejados para o uso específico de crianças, possuem um sistema operacional que também está voltado ao público infantil. Dentre os aplicativos presentes nas *ceibalitas*, destacamos o aplicativo que se chama Diário, que é um local onde é registrado tudo que o aluno faz diariamente no computador. Assim o diário pode servir para organizar os trabalhos dos alunos, permitindo que o aluno volte a um

⁵ Fonte: Evolução do impacto social do Plan Ceibal, LATU, 2009:9.

determinado projeto já encerrado ou mesmo para os professores quando pretendem acompanhar os trabalhos realizados pelos alunos.

2.3 COMPARATIVOS ENTRE OS PROJETOS DE UM COMPUTADOR POR ALUNO NO BRASIL (UCA) E NO URUGUAI (CEIBAL)

Nosso estudo foca-se no projeto adotado pelo governo do Uruguai. Mas no Brasil, também foi adotado o projeto OLPC com adaptações, e este recebeu o nome de projeto UCA (Um Computador por Aluno). Ao longo deste item procuramos apontar, além das características específicas dos projetos, itens nos quais ambos os projetos assemelham-se ou diferenciam-se. Esses tópicos estão alicerçados nos seguintes itens: formas de distribuição dos computadores; formação dos professores; manutenção dos equipamentos, entre outros.

A seguir serão apresentadas algumas das características do projeto UCA e, ao final, vamos descrever as principais semelhanças e diferenças entre os projetos.

2.3.1 Projeto Uca

No Brasil, nasceu em 2005 o projeto de inclusão digital intitulado UCA. Trata-se de uma iniciativa do Governo Federal com o propósito de utilizar o *laptop* como ferramenta de aprendizagem; além de estudar a análise técnica dos modelos de computadores portáteis e soluções disponíveis.

Em 2007 ocorreu a fase I do projeto, participando desta experiência cinco escolas públicas dos estados de RS, SP, RJ, TO e DF, uma de cada estado. Ainda, em 2007, foi criada uma equipe com a finalidade de estruturar as propostas de formação, acompanhamento, avaliação e pesquisa (BEZ, 2010).

Segundo a mesma autora, em 2009, iniciou-se a fase II deste projeto, que contou com a seleção dos municípios e definição das escolas participantes do projeto.

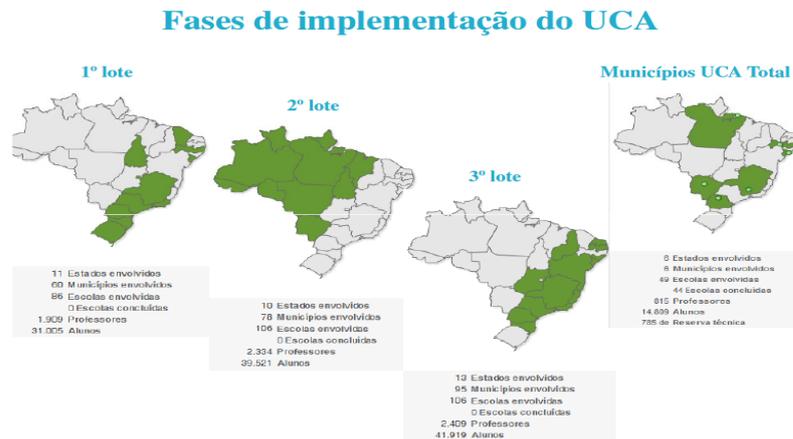
Conforme citado anteriormente, em 2009 o projeto UCA realizou a segunda fase. O objetivo desta foi a seleção das escolas e municípios participantes do projeto, pois neste mesmo ano ocorreu o processo licitatório, bem como a formação dos coordenadores e vice-coordenadores das IES.

Em 2010 deu-se o início das atividades com os alunos e ainda a instituição da cooperação com as IES para a formação, desenvolvimento e o processo de formação nas

escolas. Nesta etapa foram distribuídos 150.000 UCA's para aproximadamente 360 escolas públicas, que se inscreveram e foram selecionadas nos estados e municípios. Os critérios para esta seleção foram: que cada escola deveria ter em torno de 500 alunos e professores; as escolas deveriam possuir energia elétrica para carregamento dos equipamentos e armários para guardá-los; estar situadas próximas a Núcleos de Tecnologias Educacionais (NTE) ou similares, Instituições de Educação Superior Públicas ou Escolas Técnicas Federais, sendo pelo menos uma das escolas na zona rural; as Secretarias de Educação Estaduais ou Municipais de cada local deveriam assinar e enviar ao MEC o termo de adesão (BEZ, 2010).

A Figura 3 apresenta o mapa do Brasil destacando as regiões que receberam o UCA em cada fase do projeto.

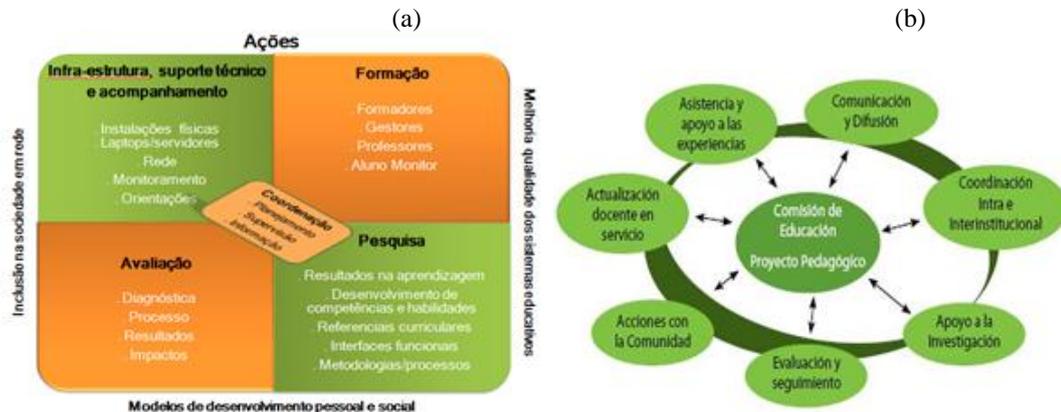
Figura 3 - Regiões que foram contempladas com o projeto UCA



Fonte: Marques, 2010

A estrutura dos projetos de inclusão digital UCA e Ceibal encontram-se representados na Figura 4:

Figura 4 - Estrutura (a) UCA (Bez, 2010); (b) Plan Ceibal.



Fonte: UNESCO (2008)

Os pilares de sustentação dos Projetos UCA e *Ceibal* concentram-se na melhoria da qualidade da educação e a inclusão digital, tendo como princípios o uso pedagógico, a mobilidade e a conectividade à grande rede mundial de computadores, a internet. Percebe-se a necessidade de desenvolver o uso da tecnologia e discutir as práticas pedagógicas de acordo com o previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a partir da inserção do *laptop* na rotina escolar (UNESCO, 2010).

Tanto os projetos UCA quanto as máquinas XO foram preparados para serem de baixo custo. No caso específico do Uruguai, as máquinas portáteis são de propriedade dos alunos que podem levá-los para seus lares. No Brasil, cabe à escola decidir a forma de uso, ou seja, definir se os alunos deixam seus computadores portáteis nas Escolas ou permitir que levem para suas casas.

Nas máquinas do Projeto UCA, como nas do Ceibal, são comuns as características de baixo consumo de energia e proteção contra o derramamento de líquidos, sendo máquinas leves que podem facilmente ser transportadas. Seu monitor permite a utilização tanto em espaços fechados quanto ao ar livre, sem dificuldades para visualização do seu conteúdo. Na sequência são apresentadas imagens dos computadores portáteis utilizados no Ceibal e UCA respectivamente.

Figura 5 - XO e UCA



Fonte: UNESCO (2010)

Quadro 1 - Configuração das máquinas dos projetos de inclusão digital Brasil e Uruguai

| Características | Projeto UCA | Projeto CEIBAL |
|------------------------|--|---|
| Tipo de computador | Classmate | Ceibalita |
| Peso | 1,3 kg | +/- 1,5 kg |
| Processador | Celeron-M 900 Mhz, | AMD Geode 433 MHz |
| Memória | 256 MB de memoria DDR2 | 256 MiB RAM dinâmica DDR333 – 166 MHz |
| Armazenamento central | 1 GB de memoria <i>flash</i> e duas portas USB | 1024 MiB SLC NAND flash. |
| HD | Não contam com HD | Não contam com HD. 3 portas USB e uma porta pra cartão de memória SD. |
| Tela | LCD de sete polegadas | Cristal líquido (LCD): 7.5" (19.05 cm) Dual-mode |

| | | |
|---------------------|---|---|
| | | TFT display. Área visível: 152,4 mm × 114,3 mm; Resolução: 1200 (H) × 900 (V) tela Branco/Preto: Alta resolução, modo monocromático reflexivo; Tela Colorida: 800 (H) x 600 (V) |
| Teclado | 70 + teclas | 70+ teclas, protegido - membrana de goma |
| Mouse | Touchpad | Touchpad |
| Rede | <i>wireless e rede Ethernet.</i> | <i>wireless e rede Ethernet</i> |
| Áudio | Com entrada para microfone, microfone embutido e duas caixas acústicas | Codec de áudio compatível com AC97; estéreo, com dois autofalantes internos; monofônico, com microfone interno |
| Sistema Operacional | Linux 2.6.22.9-143-default i686 (sistema de 32 bits). Versão: KDE: 3.5.5 "release 45.6". Interface gráfica é intuitiva e fácil de usar. | Baseado em Linux distribuição Fedora. O entorno gráfico utilizado é especialmente desenhado para as crianças é conhecido como Sugar v. 767. |

Fonte: elaborado pela autora

No projeto Ceibal existe uma equipe no LATU (Laboratório Tecnológico do Uruguai) para realizar adaptações de aplicativos e testes de novos software. Esta procura adaptar os aplicativos às realidades das Escolas. Os professores podem através do Portal Ceibal baixar os aplicativos para serem utilizados (UNESCO, 2009).

No projeto UCA o software que está sendo utilizado já existia, porém ainda sem as devidas adaptações nos aplicativos. O MEC realiza esforços para concentrar um determinado projeto onde possa realizar adequações do software.

Nos dois projetos, tanto UCA quanto Ceibal, é possível encontrar aplicativos para as mais diversas funções, como acesso a internet, produção de texto, desenhos, conversação, planilha de cálculo, histórico, softwares educativos, aplicativos para programação, entre outros.

Uma das principais linhas de ações, que foram estabelecidas para favorecer o processo de construção de um cenário promissor vinculado à aliança entre educação e TIC no Uruguai, foi a formação dos seus docentes, entendendo que são estes os maiores protagonistas desta iniciativa. Com isso, vêm sendo oferecidos programas de capacitação docente, permitindo uma atualização constante destes.

No projeto UCA, busca-se através de cursos de formações, preparar os professores para a sua prática junto aos alunos. Portanto, a formação dos professores e alunos para utilização dos recursos tecnológicos do projeto UCA não estabelece um modelo específico, rígido, e sim busca adequar-se às opções tecnológicas, científicas, metodológicas e artísticas que favoreçam adaptar estas práticas às peculiaridades de cada região onde o mesmo vem sendo implantado.

Os dois projetos se diferenciam da oferta de outras TICs para a comunidade em alguns aspectos: custo mais acessível, sem necessariamente perda de recursos computacionais, maior quantidade de potenciais beneficiários, mobilidade dos equipamentos, permitindo seu uso em diferentes espaços comunitários, entre outros.

No Uruguai, a distribuição dos computadores ocorreu de forma a atender todo o país. Foram contemplados alunos do ensino primário de todas as escolas públicas, independente da localidade. O processo de distribuição teve um diferencial: foi idealizado para ter início em uma localidade rural, como já mencionado anteriormente, e logo em seguida a distribuição se estendeu para todo o interior, por último chegando a capital, Montevideo. Já no Brasil o governo optou por atender inicialmente somente a algumas localidades, sendo escolhidas cidades para funcionarem como piloto. Ainda que o processo de distribuição tenha acontecido com uma logística diferenciada nos dois projetos, percebemos que o passo seguinte também ocorreu de forma distinta. No Ceibal os alunos são proprietários dos computadores e podem levar para suas residências e fazer o uso deste computador em qualquer local. No Brasil, o projeto UCA, em primeira instância, adotou a condição de que os alunos deixassem na Escola o seu *laptop*. Porém, em um segundo momento de retomada e reestruturação do projeto UCA, percebe-se que foi adotada uma política de distribuição diferenciada, onde os alunos puderam levá-los para suas residências, assemelhando-se assim com as condições de distribuição do Uruguai.

Na formação dos professores no Ceibal inicialmente foi adotada a centralização da capacitação dos professores sendo que os mesmos precisavam se deslocar até a capital para realizar cursos específicos de preparação para acompanhar o manuseio inicial dos computadores. Após as orientações iniciais de uso, foi lançado um Portal com recursos, que serviam como fonte de aproximação e troca de informações entre os professores geograficamente distantes. E, assim, a formação dos professores foi evoluindo e hoje ocorre inclusive em pontos mais próximos as cidades do interior, permitindo que os professores não dependam de maiores deslocamentos para realizar sua capacitação. O Portal do projeto também evoluiu, e oferece hoje novos recursos e possibilidades de capacitação dos professores, através da oferta de novos recursos que possam ser adotados a qualquer momento.

No Brasil a capacitação dos professores ocorreu nas próprias cidades que foram escolhidas para serem pilotos deste projeto. Assim a equipe pedagógica do projeto UCA deslocava-se até a cidade e lá realizava a formação, não implicando viagens para se capacitar. Portanto, esta condição inicial de capacitação difere-se um pouco do projeto do Uruguai. Ao

longo da evolução do projeto UCA, também foram se adaptando algumas novas condições de formação, através do ambiente virtual e-proinfo, do Ministério da Educação, com cursos a distância. Diversas IES, responsáveis por formações, criaram *sites* e *blogs* divulgando as formações e distribuindo amplo material pedagógico para os professores. No Portal do Professor foi criado o fórum UCA, onde os professores podem debater sobre o uso em sala de aula, criticar, sugerir melhorias. Neste mesmo espaço foram distribuídos modelos com sugestões de aulas com os recursos disponíveis nos computadores UCA.

Outro ponto trata da manutenção dos equipamentos distribuídos nos projetos, pois além de oferecer os recursos tecnológicos é preciso garantir que estes funcionem adequadamente ao longo da utilização. No início o Ceibal optou por centralizar também a condição da manutenção, através de uma parceria com a empresa de correios, que fazia o transporte dos equipamentos a serem consertados das cidades do interior até a capital. Porém a manutenção centralizada em Montevideo tinha alguns inconvenientes, como a demora, fazendo com que aluno perdesse um pouco o ritmo de aprendizagem e o manuseio da máquina. Então a equipe Ceibal procurou parcerias com empresas de manutenção de equipamentos de informática, e, através da contratação destes serviços, foram criados pontos de manutenção no interior do Uruguai. Estes locais atendem algumas cidades próximas e permitem agilidade, já que ficou acordado que os equipamentos precisam ser consertados em no máximo 48 horas.

No projeto UCA a manutenção dos equipamentos, no caso de software, é realizada pelas IES responsáveis pelas formações ou pelos próprios técnicos de informática da prefeitura municipal ou secretaria da educação. No caso de hardware, se for no UCA, este é enviado a CCE para a manutenção. Também existe uma imagem do sistema operacional, em que a máquina pode ser formatada e reinstalada. Para os servidores, deve ser aberta uma chamada técnica e a empresa responsável desloca um técnico até a escola.

3 CONECTANDO ALGUNS NÓS

Este capítulo abordará primeiramente o sentido da tecnologia na sociedade, chegando ao tema de inclusão digital com vistas à inclusão social. Serão apresentados os tipos de letramento, identificando suas características e vinculação com as TICs. Ao final, baseando-se nos apontamentos de Warschauer (2006), concluímos expondo uma matriz de análise de projetos de inclusão digital.

3.1 A INCLUSÃO DIGITAL PARA A INCLUSÃO SOCIAL

O Ceibal surge com a finalidade de contribuir para a inclusão social através da redução da brecha digital em sociedade, realizada com a proposta de inclusão digital do Uruguai (UNESCO, 2009).

A partir desta preposição, e debruçados em autores como Castells (2008) e Bunge (1980;1999), podemos afirmar que não há dúvidas que a tecnologia afeta uma sociedade nos diversos sistemas sociais que compõem a civilização. De acordo com Bunge (1999) uma inovação técnica age sobre a sociedade direta ou indiretamente, mas a intensidade do impacto social depende de vários outros fatores como originalidade, utilidade, custo, facilidade de uso, capacidade aquisitiva e nível educacional da população. Percebe-se então que as inovações tecnológicas podem sim alterar o modo de vida e a cultura de um sistema social.

Sob o olhar de Bunge (1999) o Ceibal, ao efetivar a distribuição de computadores portáteis aos alunos, visa a uma provável inclusão digital, mas esta só pode ser caracterizada quando o processo no qual as pessoas têm acesso às tecnologias digitais se capacitam para poder usufruir destes recursos. O objetivo desta capacitação é encontrar uma maneira de utilização que promova impactos positivos sobre seus interesses. Além disso, os recursos tecnológicos devem promover competências que indiquem melhoras em sua qualidade de vida (CHAVES, 2006).

A inclusão digital, a produção e o compartilhamento do conhecimento são de fundamental importância para o desenvolvimento econômico, cultural, social e político do indivíduo, ao considerá-lo digitalmente incluído basta que ele saiba utilizar computadores. Mas aqui vamos adotar a definição de inclusão digital que preconiza que o cidadão

digitalmente incluído é aquele que tem acesso ao computador com conexão à internet, provimento de acesso e formação básica em aplicativos (SILVEIRA, 2001).

Complementando este conceito, Warschauer (2006) diz que o acesso aos computadores não pode estar restrito ao acesso físico que inclui os equipamentos de informática, e sim que deve priorizar um acesso completo, que requer conexão à internet, habilidades de uso do recurso e, principalmente, a internet de modo “socialmente válido”. Existe ainda um terceiro fator muito relevante na busca da efetiva inclusão digital, o letramento. Segundo o autor os dois primeiros fatores, equipamento e conectividade tendem a ser as formas mais comuns de acesso às tecnologias para a sociedade em geral, desencadeando aspectos relativos ao letramento digital.

Letramento é um conceito multidimensional, que remete tanto ao processo de alfabetização em si (TFOUNI, 1995), como o reflexo deste nas práticas sociais oriundas da aplicação da escrita (KLEIMAN, 1998). Para definir o termo letramento partimos da associação deste termo à alfabetização e, depois, nos direcionamos para ao letramento digital. Tfouni (1988, p. 16), procurou defini-lo confrontando-o com a alfabetização: “enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (Tfouni, 1995, p. 20). Portanto, a autora pontua que a diferença entre alfabetização e letramento está no caráter individual da alfabetização e social do letramento:

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de Escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual.

O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas (TFOUNI, 1995, p. 9-10).

Então, para Tfouni, o letramento refere-se às consequências sociais e históricas da introdução da escrita em uma sociedade, “as mudanças sociais e discursivas que ocorrem em uma sociedade quando ela se torna letrada” (TFOUNI, 1995, p. 20).

Em síntese, para Tfouni (1995) o letramento aponta para o impacto social da escrita, e para Kleiman (1998) é apenas um dos componentes, segundo a autora acaba por acrescentar a esse outros componentes como: as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que elas ocorrem compõem o conceito de letramento. Mas ambas autoras concordam que o núcleo do

conceito de letramento são as práticas sociais de leitura e de escrita para além da alfabetização.

A leitura ou escrita hábil pode variar de acordo com o contexto, histórico, político e sociocultural. Nossa visão é que o letramento não se configura como uma habilidade neutra independente do contexto, pois ele é um conjunto de práticas sociais e não somente uma habilidade cognitiva.

Outros autores definem letramento como práticas de leitura e escrita: Kleiman define o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (Kleiman, 1995, p. 19). Posteriormente ela complementa dizendo que o letramento pode ser entendido “como as práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita” (KLEIMAN, 1998, p. 181).

Em nosso estudo adotamos o conceito de Soares (2002), que diz que o letramento vai envolver as práticas sociais de leitura e escrita e, ainda, os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como suas consequências sobre a sociedade. A autora define: “ O letramento é o uso da leitura e da escritura em práticas sociais, sujeitos podem não saber ler e escrever, ser analfabetos, mas podem ser, de certa forma, letrados, uma vez utilizando a leitura e a escritura em práticas sociais.”

Então, tanto o acesso às TICs (letramento digital) como a obtenção do letramento requerem recursos semelhantes: artefatos físicos e conteúdo transmitido por esses artefatos, habilidades, conhecimentos e atitudes adequadas da parte dos usuários (WARSCHAUER, 2006).

Para Warschauer (2006), as pessoas que não sabem ler ou não aprenderam a utilizar o computador não terão facilidade de conectar e utilizar a internet de modo produtivo. É justamente este aspecto que é referenciado pelo mesmo autor como sendo letramento digital, a combinação de equipamentos, conteúdo, habilidades, entendimento e apoio social. E o autor conclui afirmando que somente com este somatório o indivíduo poderá envolver-se em práticas significativas.

Como na atualidade as transformações sociais estão associadas para provocar mudanças importantes nas práticas do letramento, estão surgindo novos tipos de práticas baseadas na informática e na internet, dando origem ao letramento eletrônico.

Soares (2002) nos alerta para a necessidade de defendermos a pluralização do termo letramento, ou seja, letramentos, por acreditar que variadas tecnologias acarretam diferentes modalidades de letramento, pois a utilização das tecnologias, diferenciada em cada cultura

específica, motiva efeitos sociais, cognitivos e discursivos distintos. Podemos dizer, então, que existem vários tipos de letramento digital: letramento por meio de computador, letramento informacional, letramento comunicacional mediado por computador e letramento multimídia, mas o seu significado e valor variam muito de acordo com os contextos sociais específicos.

O letramento por meio do computador refere-se à operação de atividades simples com o computador. Warschauer (2006) considera que a crítica ao letramento por meio do computador, como um fim em si mesmo, era merecida, apesar da existência de um aspecto positivo: o que afeta profundamente a produtividade das pessoas. Já no letramento informacional soma-se, além do conhecimento específico do uso do computador, as habilidades de letramento críticos mais amplos, como a análise e avaliação das fontes de informação. O letramento comunicacional, mediado por computador, trata das habilidades interpretativas e de escrita que as pessoas devem possuir para se comunicar efetivamente por meio da mídia *on line*.

O letramento multimídia surge mediante as mudanças impostas no domínio da informática, onde a comunicação multimídia apresentou progresso através da combinação de textos, imagens, vídeos, materiais gráficos e combinações de planos de fundo em uma única apresentação. Devido a estes avanços da multimídia faz-se necessário equilibrar o jogo do letramento, restaurando as formas naturais de comunicação audiovisual, pois estas são de alguma forma mais amplamente acessíveis.

Para Warschauer (2006) toda atividade humana é mediada por ferramentas, e estas destacam-se pela maneira pela qual se incorporam nas atividades humanas e, ainda, como as alteram. O autor afirma que as ferramentas apenas auxiliam a realização de uma determinada atividade que poderia ter sido realizada sem elas, mas que, quando estão presentes nas atividades, são capazes de alterar o fluxo e as estruturas das funções mentais.

Nesse sentido, as ferramentas tornam-se signos no sentido sócio-histórico do termo quando atuam não sobre o meio e sim sobre os indivíduos (VYGOTSKY, 1998). Os signos, também chamados de instrumentos psicológicos, são indispensáveis para a ação humana (educativa ou de outro tipo) (WERSCHT, 1999), pois permitem projetar-nos no tempo e no espaço, criar representações mentais simultâneas do mesmo fenômeno e compartilhar tudo isso socialmente. Esta característica deriva-se de que os signos são considerados socialmente compartilhados (intersubjetivos) e porque sua aprendizagem sempre é feita a partir da perspectiva do outro (perspectivos) (TOMASELLO, 2003).

Ao analisar a relação entre as TICs e a inclusão social, Warschauer (2006) apresenta uma abordagem diferenciada problematizando a causalidade existente entre acesso a computadores/web e inclusão digital, a partir de uma pesquisa empírica realizada em sete países de quatro continentes. No seu estudo, constatou que projetos que forneciam hardware e software, e prestavam pouca atenção aos sistemas social e humano, não surtiam resultados satisfatórios quanto à inclusão digital. O motivo deste “fracasso” na inclusão digital deve-se, segundo o autor, a que as TICs não devem ser assumidas como uma variável externa ao sistema social, que apenas é inserida e a partir dela instaura-se um processo de inclusão. As tecnologias precisam estar entrelaçadas nos sistemas e nos processos sociais das comunidades a serem contempladas para promover a inclusão social significa “focalizar na transformação, e não na tecnologia” (2006, p. 24).

Assim, a ilusão de superação da exclusão digital, alicerçada na falsa ideia de uma divisão binária entre ter acesso ou não à informação digital, é uma armadilha comumente presente em projetos de inclusão que desconsideram os sistemas sociais e humanos.

Com o objetivo de categorizar projetos de inclusão digital, Costa e Lemos (2005) desenvolveram uma matriz de análise a partir da qual se pode compreender a inclusão digital enquanto quatro tipos de capital: cultural, social, político e intelectual. Para os autores é possível categorizar a inclusão digital enquanto três tipos de semânticas: técnica, econômica e cognitiva.

Já Warschauer (2006) propõe um modelo que abrange quatro eixos para a análise de projetos de inclusão digital:

a) Infraestrutura - definida ao considerar em termos de acesso físico de um equipamento. Assim, compreende o hardware/software, manutenção destes equipamentos, formação dos envolvidos no processo, bem como todo o suporte necessário para o devido funcionamento dos computadores portáteis.

b) Conectividade - A simples posse de um equipamento de informática não pode ser considerada garantia de se obter um acesso completo a estas ferramentas tecnológicas, e sim no atual cenário faz-se necessária a conexão à internet, obtendo-se conectividade aos equipamentos.

c) Letramento - Ao oferecer os equipamentos e conectividade, surge então um outro elemento que conforme o autor soma-se aos eixos anteriores, dando sentido a utilização destes computadores, trata-se do letramento e desenvolvimento humano. Neste eixo considera-se necessário buscar um sentido real e palpável para a utilização dos computadores na realidade, na qual o aluno faz o uso destes equipamentos, assim o letramento envolve muito além da

possibilidade de utilizar o computador em termos de artefatos físicos, ou ainda de ter capacidade de utilizar com qualidade, e sim precisa ir além, encontrando conteúdo, habilidades e apoio social. Estes pontos são fundamentais ao se buscar acesso a TIC, pois não existe apenas um, mas diversos tipos de acesso a TIC e, ainda, o significado e o valor de acesso podem variar dependendo do contexto social específico.

d) Sistemas sociais e comunidades de prática - Os sistemas sociais têm relação com as estruturas comunitárias da sociedade que apoia o uso das TICs. As comunidades de prática podem ser definidas como redes de pessoas dedicadas a atividades similares e que buscam aprender umas com as outras.

Estes indicadores de análise serão explorados e vinculados ao projeto Ceibal na discussão dos resultados no capítulo 7 desta dissertação. Warschauer (2006) parte da premissa de que “a capacidade de acessar, adaptar e criar novo conhecimento por meio do uso das novas TICs é decisiva para a inclusão social na época atual” (p. 25). Frente a isso, o autor (2006) sistematiza que recursos físicos (computadores e conectividade), recursos digitais (material digital disponível *on-line* em termos de conteúdo e linguagem), recursos humanos (letramento e educação para utilização da informática e da comunicação *on-line*) e recursos sociais (estrutura comunitária, institucional e da sociedade que apoiam o acesso às TIC) ao serem empregados como contribuintes na exploração das TIC para acessar, adaptar e criar conhecimento devem favorecer um círculo virtuoso para ampliar e fomentar novos recursos neste sentido.

A inclusão social é um processo que se prolonga ao longo da vida de um indivíduo e que tem por finalidade a melhoria da qualidade de vida do mesmo. Para Sposati (1996) a inclusão concentra-se na busca pelo acesso a quatro utopias: autonomia de renda, desenvolvimento humano, equidade e qualidade de vida.

E, nesse sentido, partindo dos autores apresentados, consideramos a inclusão digital como uma faceta da inclusão social que extrapola o simples direito de acesso ao mundo digital, focando na participação significativa de práticas culturais em espaços digitais/virtuais, que promovem o desenvolvimento sociocognitivo dos sujeitos participantes. Ou seja, trata-se não apenas de desenvolver capacidades técnicas de atuação no ciberespaço, mas capacidades de criação e produção de significados e sentidos nos espaços digitais/virtuais.

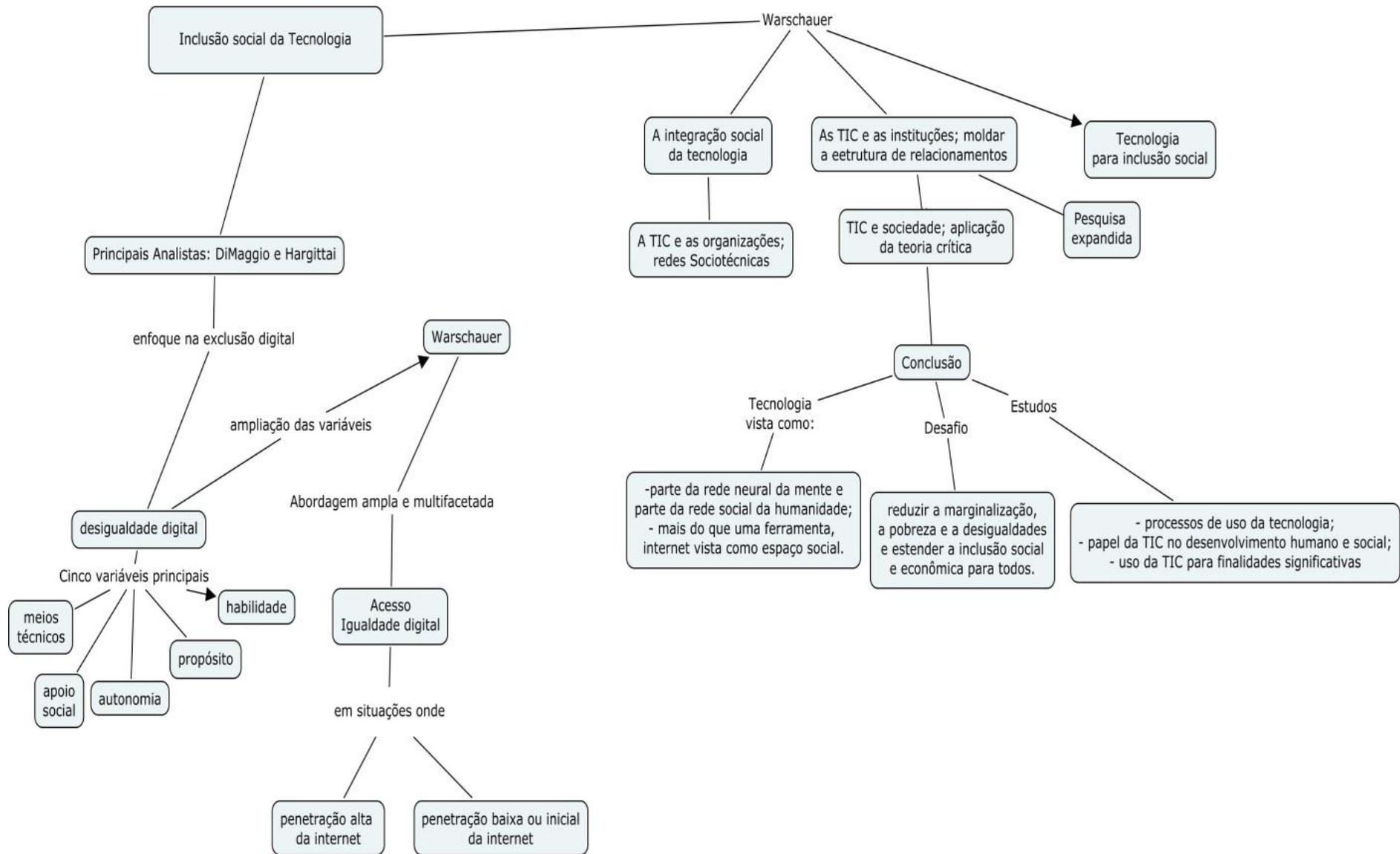
Os autores DiMaggio e Hargittai (*apud* WARSCHAUER, 2006), que estudam a sociologia da internet, afirmam que devido ao aumento da utilização da mesma os estudos deveriam desfocar da exclusão digital e focar na desigualdade digital, que, segundo eles, apresenta-se mais fortemente na atualidade. Os autores consideram que a desigualdade social

se apresenta em cinco variáveis: meios técnicos, autonomia, apoio social, propósito e habilidade.

Warschauer (2006) concorda com DiMaggio e Hargittai, ao dizer que os estudos deveriam ser ampliados para uma abordagem mais ampla e multifacetada, principalmente com relação ao acesso e igualdade digital em situações onde existe a penetração alta da internet, e em outros onde a penetração ainda é baixa deste acesso, pois são nestes casos que a produção de habilidades, apoio social e autonomia podem ser importantes.

A Figura 6 apresenta o mapa conceitual que tenciona a discussão entre os autores que procuram fazer uma integração social da tecnologia e resume as posições dos mesmos com relação a tema. Como pode ser percebido no mapa, os conceitos de inclusão social via tecnologia, a partir de práticas culturais, são centrais para nossa pesquisa e nos permite analisar o Ceibal sob um prisma diferenciado.

Figura 6 – Mapa conceitual



3.2 AS NOVAS PRÁTICAS CULTURAIS NO USO DAS TICS

A dependência das relações desde o início da vida coloca as pessoas em jogos interativos, em uma rede de relações ligadas pela linguagem abrindo lugares e papéis a serem ocupados.

A pessoa é múltipla porque são múltiplos e heterogêneos os outros com quem interage. A pessoa é múltipla porque são múltiplas as vozes que compoem o mundo social e os espaços e posições que vai ocupando nas práticas discursivas (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIN, SILVA; CARVALHO, 2004 p.25).

A multiplicidade de comunicação a que se submete as pessoas leva à inovação e construção de posicionamentos novos e processos de significação envolvendo o mundo do outro e o de si mesmo. Portanto, as características e atributos de uma pessoa, ser única e constante, resultam no processo de construção cultural, permanente e individual, sustentado inclusive pela linguagem, a existência concreta de corpo, o relacionamento com outros sustentam esse sentimento.

Os processos de desenvolvimento humano situam-se em contextos culturais e socialmente regulados. Conforme Vygotsky (1998) o indivíduo desenvolve-se a partir da interação com o meio, num processo de internalização de signos e sistemas de símbolos. Para Vygotsky (1998) a ação do homem no mundo tem efeitos físicos de mudanças no mundo e efeitos psicológicos sobre o próprio homem. Desta forma, os Processos Psicológicos Superiores (PPS), ou Processos Cognitivos, se desenvolvem durante a vida de um indivíduo a partir da sua participação em situações de interação social mediados por instrumentos e signos. No desenvolvimento dos processos cognitivos, os signos são internalizados de forma tal que estes incorporam à sua estrutura, como parte central de todo o processo, o emprego de signos como meio fundamental de orientação e domínio nos processos psíquicos” (VYGOTSKY, 2001, p.161).

O processo de internalização, conforme Smolka (2000), é mais num sentido de apropriação, pois “[...] a apropriação não é tanto uma questão de posse, de propriedade ou mesmo de domínio, individualmente alcançados, mas é essencialmente uma questão de pertencer e participar nas práticas sociais” (p.30).

Nessas práticas o sujeito - ele próprio um signo, interpretando e interpretante em relação ao outro – não existe antes ou independente do outro, do signo, mas se faz, se constitui nas relações significativas (SMOLKA, 2000, p.37).

A apropriação resulta numa transmissão cultural “que permite que cada organismo poupe muito tempo e esforço, para não falar de riscos, na exploração do conhecimento e das habilidades já existente nos co-específicos” (TOMASELLO, 2003, p. 4).

Essa transmissão cultural é importante porque aprendemos as coisas “através” dos outros, de forma que não apenas nos apropriamos dos artefatos e práticas sociais, mas também dos problemas e situações para os quais estes foram desenvolvidos.

E assim, com advento das novas tecnologias e a interação humana imersa neste processo tecnológico, acaba por afetar os processos sociais, na medida em que as pessoas se apropriam da tecnologia para desenvolver suas atividades e entrelaçam os aparelhos tecnológicos nos processos sociais, manifestando modificações nas práticas culturais. Em outras palavras, práticas culturais são alteradas pela intervenção da tecnologia, de forma tal que as pessoas se apropriam do tecnológico para o social e do social para o tecnológico. Em particular, as TICs, pelo seu viés de suporte à informação e interação, são especialmente suscetíveis a evidenciar ou, dito de outra forma, preponderantes a manifestar tais transformações. São tecnologias sociais e, portanto, quando tentamos compreender o impacto de novas tecnologias numa determinada atividade humana, mais do que olhar para as tecnologias precisamos “desfocar” para olhar o pano de fundo da imagem, ou seja, o contexto sócio-histórico em transformação.

Partindo das ideias de Hine (2000), que acredita que o agente da mudança não se trata da tecnologia em si, e sim das construções e sentidos ao redor da tecnologia, Hiltz e Turoff (*apud* HINE, 2000) chamaram este fenômeno de inércia social, como sendo “*las practicas a través de las cuales la tecnologia se emplea y se entiende em contextos cotidianos*”.

Para Grint y Woolgar (1997) “*el impacto de las tecnologias no obedece a suas cualidades intrínsecas, sino que es resultado de series contingentes de procesos sociales*”. Hine (2000) complementa dizendo que “*el impacto de la tecnologia depende de que los usuarios aprenda a emplearla de certa manera*”.

Desta forma, o entorno da utilização das tecnologias faz-se mais importante de ser analisado do que a própria tecnologia, pois é neste contexto que as transformações ocorrem e se estabelecem como novas práticas culturais. Estudos realizados por Webster (1995 *apud* HINE, 2000) apontam que a teoria social pode ser o caminho para enriquecer a reflexão sobre as complexidades presentes nas relações entre tecnologia e sociedade. O autor acredita que se evidencia um forte determinismo tecnológico em estudos de teóricos contemporâneos, quando assumem que o desenvolvimento tecnológico “suporta”, “facilita” ou “promove” o desenvolvimento social em diversas direções, mas se equivocam ao afirmar que a tecnologia

seja a principal responsável por esse desenvolvimento social. Conforme Hine (2000 p. 13) “*el agente del cambio no es la tecnologia em si misma, sino los usos y la construcción de sentido alrededor de ella*”.

Segundo Hine (2000) a internet pode ser entendida de duas formas: como cultura em si mesma e como artefato cultural (produto desta cultura). Ambas as visões confrontam perspectivas de análise etnográfica e cada uma sugere distintas aproximações metodológicas.

A internet adquire sua forma socialmente que surge em contextos onde se utiliza seus serviços, onde existem posturas diferentes frente à tecnologia, sendo que todas elas são significativas e aceitáveis:

Es fundamental tratar las telecomunicaciones y las comunicaciones mediadas por ordenador como entramados de fenómenos locales y como redes globales. Bien sea entre rutinas locales cotidianas y concretas, o em las agendas diárias de “espetáculos de danza”, Internet adquiere su forma entre sus usuarios (SHIELDS, 1996, p.3 apud HINE, 2000).

A internet poderá ser vista como um produto do contexto social, pois tanto o acesso ao serviço como as suas aplicações adquirem formas de acordo com as expectativas com relação ao que ela representa, ou naquilo que ela possa ser utilizada. E por tudo isso ser compreendida como uma construção inteiramente social, formada tanto na sua história como em seu desenvolvimento através da utilização.

Thompson (1995 apud HINE, 2000) destaca que, para compreender os meios, é necessário observar tanto seus conteúdos como os modos em que estes são produzidos e utilizados. A perspectiva deste autor atenta mais para as circunstâncias em que as mensagens midiáticas são produzidas e consumidas e menos aos processos através do qual a tecnologia adquire sua própria forma.

A internet pode ser vista em si mesma como uma cultura, mas os significados e percepções que aportam quem participa com ela podem adquirir forma segundo os entornos, assim como as expectativas que possam ter.

Las CMC no son sólo herramientas sino a la vez tecnologias , médios y maquinarias de relaciones sociales. No son sólo estructuras de relaciones sociales, sino espacios em los que las relaciones ocurren, ala vez que dispositivos para que las personas accedan a tal espacio. Es más que um contexto para fojar relaciones sociales (aunque también es eso mismo), por cuanto allí se comenta y se construye creativamente, a través de procesos simbólicos indicados y mantenidos por individuos y por grupos (JONES, 1995, p. 16 apud HINE, 2000).

Poderíamos dizer que existem enfoques etnográficos de internet como cultura, que negam algum aspecto fundamental de interpretação como artefato cultural e se dedicaram inteiramente aos espaços socialmente delimitados nos que se desenvolvem. Hine (2000) quer

ressaltar que a etnografia contribui para a compreensão da internet em ambos os sentidos, portanto seria útil fazer ênfase à produção de sentido em contexto onde:

- As circunstâncias em que a internet é empregada (*offline*/diretamente na comunidade).
- Os espaços sociais que emergem no seu uso (*on-line*/ espaços virtuais).

Portanto, sob esta premissa de inclusão digital, e debruçados em pesquisas investigativas do uso destes recursos tecnológicos pelos alunos do projeto Ceibal, é que se analisa a utilização desses computadores portáteis fora do âmbito escolar. Iniciamos identificando que tipo de utilização os alunos realizam fora da escola, o que será apresentado no capítulo 7, procurando compreender de que forma a implantação de uma política pública cria um fenômeno social que favorece o surgimento de novas práticas culturais.

4 INTERLIGANDOS OUTROS NÓS

Este capítulo aborda as redes, Redes Sociais na Internet (RSI), seu conceito segundo alguns autores, os elementos que as constituem, definições de laço social e capital social, bem como as suas classificações.

4.1 REDES SOCIAIS NA INTERNET

As TICs ocupam um papel central nas profundas mudanças experimentadas em todos os aspectos da vida social. Conforme Recuero (2009) torna-se difícil resistir ao “determinismo tecnológico”, a “tecnologia define a sociedade.”. Porém a autora considera que as tecnologias são artefatos culturais e a forma como nos apropriamos delas reinventam suas características.

Com a utilização cada vez maior da tecnologia digital foram criadas outras formas de comunicação, possibilidades de interação e cooperação, muitas vezes pela reformulação de práticas já convencionais, levando com isso a novas experiências sociais. E essa tendência define a cibercultura, que não representa um fato recente, tampouco futurista, mas a “cultura contemporânea, marcada pelas tecnologias digitais” (LEMOS, 2003, p.12).

Segundo Lemos (2003, p.22) “a cibercultura é regida por leis que podem auxiliar no entendimento das suas manifestações na sociedade atual”. A primeira delas, denomina-se “reconfiguração”, que tem como princípio não a substituição ou eliminação total de uma prática já existente, mas sim a adaptação e reformulação de uma ação que pode vir a se potencializar ou se modificar em decorrência dos processos em desenvolvimento. A segunda, da “liberação dos polos de emissão”, caracteriza-se pela quebra da centralização gerada pelas mídias de massa, valorizando as expressões sociais contemporâneas e dando vazão a manifestações por meio de novos e democráticos espaços, ultrapassando as práticas comunicacionais do tipo “um para todos” para uma lógica de comunicação multidirecional. E, por último, a lei da “conexão generalizada”, evidente na evolução da tecnologia do computador pessoal para o computador em rede, atualmente, para o computador conectado e móvel, leva a que os conceitos de tempo e espaço sejam resinificados, em razão da onipresença possibilitada aos indivíduos por conta desta conectividade instituída.

A internet e suas ferramentas trouxeram, além de outras vantagens, a oportunidade de sociabilização, devido ao uso das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador. Para Castells (2005) a internet constitui a base material e tecnológica da sociedade em rede; é a infraestrutura, o meio organizativo que permite o desenvolvimento de uma série de novas formas de relações sociais, as quais, embora não tenham origem na internet, uma vez que são fruto de uma série de mudanças históricas, jamais poderiam se desenvolver sem a rede mundial de computadores, sendo que o processo onde os indivíduos montam suas redes em espaços on-line e *off-line* basea-se em seus próprios interesses (CASTELLS, 2003, p.109). Portanto, é importante perceber que os estudos de Redes Sociais na Internet (RSI) necessitam focar também na rede social que já existia na vida concreta dos indivíduos, pois a interação ultrapassa os espaços virtuais, local onde ela surgiu, e estende-se também para a vida concreta dos indivíduos (RECUERO, 2009).

Na sociedade humana as redes baseadas em nós interligados existem desde o início dos tempos⁶, mas assumiram uma nova representação à medida que se tornavam redes de informações alimentadas pela internet. Essas redes possuem características especiais que podem ser exploradas como flexibilidade, velocidade, adaptabilidade e elasticidade (WARSCHAUER, 2006). Conforme denomina Castells (2006) a “sociedade em rede” é baseada no conceito que “rede é um conjunto de nós interconectados”, conduzindo a um formato onde os indivíduos são os nós e a sua correlação com outros, uma imensa estrutura reticular aberta, dinâmica, flexível e adaptável, sujeita a “desconstrução e reconstrução contínua (CASTELLS, 2006, p.498).

A internet potencializa redes sociais, contribuindo para o estreitamento e fortalecimento das próprias relações sociais. Na atualidade, considera-se que “[...] A Internet é – e será ainda mais – o meio de comunicação e de relação essencial sobre o qual se baseia uma nova forma de sociedade que já vivemos” (CASTELLS, 2006 p.256). Portanto, esses recursos permitem aos atores interagir e comunicar-se com outros atores, deixando rastros oportunizando o aparecimento de redes sociais como produtos destes (RECUERO, 2009).

As redes sociais podem ser definidas como um conjunto de dois elementos: atores e nós, em que os atores podem ser representados por pessoas, instituições ou grupos e os nós surgem a partir das suas conexões, seriam as interações ou laços entre os nós (WASSERMAN; FAUST, 1994; WELLMAN; BERKOWITZ, 1988).

⁶ Em 1736, Leonhard Euler resolveu o já famoso “Enigma das Pontes de Königsberg”, na Prússia, criando a Teoria dos Grafos, um dos braços da Topologia. Um grafo é a representação topológica de uma rede, composta por vértices(ou nós) e arcos (ou arestas).

O surgimento da internet faz criar novos espaços de trocas virtuais e coloca em discussão o conceito de territorialidade geográfica que era característica adotada pela sociologia até então. E, assim, faz surgir as RSI.

Recuero (2009), ao definir RSI, faz alguns questionamentos que nos levam a refletir sobre a importância da definição de cada um dos elementos que constituem as redes sociais. A autora indaga-se: “O que é um ator social na Internet?” “Como considerar as conexões entre os atores *on-line*?” “Que tipos de dinâmicas podem influenciar essas redes?”

Segundo a autora os atores são as pessoas envolvidas na rede, representados pelos nós. E como são parte do sistema agem para moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais⁷.

A construção dos atores na internet baseia-se no distanciamento que ocorre entre os envolvidos na interação social e justamente este que diferencia a utilização da CMC, pois estes atores não são identificados como tal e sim podem ser representado por um *weblog*, perfil, *fotolog*. Portanto estes são representações dos atores sociais no ciberespaço.

Através da observação das formas de identificação destes atores na internet é possível perceber as interações e conexões entre eles, compreender ainda como eles constroem neste contexto e que tipo de representações e percepções.

4.2 PLATAFORMAS DE INTERAÇÃO SOCIAL

No campo da internet existem várias plataformas que possibilitam a interação social e constituição de redes sociais pelos atores naquele espaço, buscando com isso conectar pessoas e criar laços através da comunicação. Conceituaremos aqui dois destes espaços: *Facebook*⁸ e *orkut*, por serem os mais populares no momento da realização de nossa pesquisa.

4.2.1 *Orkut*

É um site de rede social que alcançou muita popularidade entre os brasileiros. Este sistema teve sua criação por Orkut Buyukokkten, ex-aluno da Universidade de *Stantford* e lançado pelo *Google* em janeiro de 2004. O software pode ser definido como sendo um

⁷ São as conexões estabelecidas entre os atores (Recuero, 2009).

⁸ Disponível em: www.facebook.com

conjunto de perfis de pessoas e comunidades. O *orkut* fornece um espaço de estudo das teorias das RS, neste os indivíduos são vistos como Perfil, assim é possível perceber suas conexões diretas e indiretas.

Neste site⁹ existem diversas ferramentas de interação: fóruns, envio de mensagens para o perfil, mensagens nas comunidades, dentre outras funcionalidades que permite a comunicação.

No seu início o *orkut* tratava de um sistema onde os amigos eram adicionados apenas através de convites enviados pelos atores já cadastrados na rede. E devido a esta característica a entrada de novos atores era cada vez mais valorizada. Este sistema expandiu rapidamente e teve uma grande aceitação no Brasil, tendo seu início marcado no ano de 2004, obtendo forte impulso de utilização.

O funcionamento do *orkut* está associado aos perfis e comunidades criadas, assim as pessoas ao se cadastrarem no site criam seu respectivo perfil e passam a indicar quem são seus amigos, em um processo de adicionar novos amigos a sua rede. As comunidades também são criadas pelos atores na rede e representam a possibilidade de agregar grupos, oferecendo um espaço para trocas de mensagens sobre um determinado assunto, promovendo o funcionamento de fóruns e tópicos de discussões.

Na atualidade, devido a novas adaptações realizadas e popularidade alcançada, o *orkut* já funciona obedecendo novas normas, onde o seu acesso é livre para todos que desejarem participar da rede social, não necessitando da submissão de convites para esta participação.

O *orkut* permite duas formas de interação social mediada pelo computador: **interação mútua** identificada nos *post* das comunidades, fóruns, onde cada usuário pode postar o que achar interessante e após receber respostas a sua postagem; nos *scrapbooks* dos perfis (seriam os recados nos perfis) e ainda nos testemunhos (texto em forma de depoimento deixado nos perfis) (Primo, 1998 e 2003). Já a **interação reativa**, conforme o mesmo autor, refere-se à solicitação de outro a possibilidade de ser seu amigo na rede, sendo que esta solicitação pode ou não ser aceita pelo outro; nas classificações indicadas em cada perfil, ou ainda no âmbito das comunidades moderadas, quando é necessário o aceite do moderador da comunidade permitindo ou não a participação naquela comunidade.

⁹ Disponível em: www.orkut.com

4.2.2. Facebook

O *facebook* foi idealizado por Mark Zuckerberg (aluno americano de Harvard) com o principal objetivo de focar em alunos ¹⁰que estavam saindo do secundário e entrando na universidade. Lançado em 2004 e, devido a sua origem, primeiramente estava vinculado somente aos alunos e colégios, portanto era preciso ser membro de alguma das instituições reconhecidas nos Estados Unidos (HARVARD, 2004); depois de um tempo foi aberto aos alunos do ensino secundário (2005).

O *facebook* tem seu funcionamento atrelado aos perfis e comunidades lá criadas, sendo que em cada perfil pode-se adicionar novos aplicativos personalizando cada usuário. O sistema é fortemente entendido como sites de redes sociais privadas, ou seja, onde somente os usuários que fazem parte da mesma rede podem ver o perfil uns dos outros. Soma-se a isso a possibilidade dos usuários poderem criar novos aplicativos para o sistema, permitindo personalização dos perfis.

4.3 PARA ANALISAR A REDE: ANÁLISE DAS REDES SOCIAIS (ARS)

Para Recuero (2009) a Análise das Redes Sociais (ARS), devido a sua origem no campo da matemática e da física, mesmo que aplicada à sociologia costuma fixar aspectos qualitativos das redes analisadas. Por isso, acredita-se que ao realizar uma ARS devemos enfatizar os aspectos qualitativos, estes que surgem das relações que se estabelecem na rede, além de levar em consideração os atributos dos nós dessas redes.

A autora propõe um modelo de ARS na internet, que é composto por três elementos principais: organização, estrutura e dinâmica, em que a organização refere-se à interação social em um grupo, a estrutura relaciona-se ao resultado das trocas originadas no grupo, em termos de capital social e laços sociais e a dinâmica está relacionada com as mudanças que ocorrem ao longo do tempo nas redes.

Em nossa investigação vamos adotar a análise do item estrutura, que direciona nossas análises ao campo de estudo dos laços sociais e do capital social trocado na rede.

¹⁰ Alunos da Highh School nos Estados Unidos.

A abordagem de uma rede assim constituída não permite isolar os atores sociais e nem suas conexões. Assim o estudo das redes sociais na internet permite perceber como as estruturas sociais surgem e identificar de que tipos são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas impactam tais estruturas.

Conforme Ferreira, Amorim, Silva e Carvalho (2004) a ação de significar o mundo, o outro e a si mesmo, efetivada no momento da interação, estrutura um universo semiótico denominado de perspectiva da rede de significações (Redsig). Os autores complementam afirmando que, devido à complexidade que o processo de desenvolvimento ocorre, é preciso compreender quais e como os vários elementos participam desses processos.

As RSI podem ser classificadas quanto à forma de integração como emergentes e de filiação/associação (RECUERO, 2009), onde as redes emergentes, de tamanho geralmente pequeno, caracterizam-se pelas trocas sociais realizadas através da interação social e conversação. Estas trocas podem ser observadas durante a construção do grupo por meio da interação. Sua denominação refere-se a sua constante construção e reconstrução realizadas através das trocas sociais. Segundo Recuero (2009) estas redes são criadas e se mantêm devido ao interesse dos indivíduos envolvidos de criar amigos e compartilhar suporte social, além de confiança e reciprocidade.

Já as RSI de filiação/associação são construídas através de mecanismos de filiação de *sites* de redes sociais. Comparando com as redes emergentes, estas são mais estáveis, pois permitem que sejam representados laços que foram estabelecidos em outros espaços. Ainda costumam não ser alteradas, devido à diminuição das interações ou trocas realizadas, mas podem, através das trocas, agregar valor e gerar capital social. Em sua maioria são redes consideradas grandes, não sendo necessário o ato de interagir para manter estabelecida a conexão, pois a conexão está garantida pelo próprio sistema utilizado e, por isso, os laços criados podem ser fracos (RECUERO, 2009).

Uma análise mais profunda das redes sociais, que extrapole os atributos individuais, precisa considerar as relações estabelecidas entre os atores sociais como “unidades de análise”: as relações que são determinadas pelo conteúdo, direção e força, os laços sociais que perfazem, uma vez que “as relações” determinadas pelo conteúdo, direção e força, mostram quais laços sociais se estabelecem, sua composição multiplicidade e número de relações de um determinado laço social.

As interações que se estabelecem dentro de um determinado contexto, através da comunicação entre os integrantes da rede, permitem um envolvimento e o estabelecimento de laços sociais entre esses membros. Os laços são formas mais institucionais de conexão entre

atores, constituindo relações específicas como proximidade, contato frequente e fluxos de informação. Sua interconexão (laços) canaliza recursos e localização na estrutura social. Os padrões dessas relações organiza o sistema de troca, controle, dependência, dentre outros (RECUERO, 2009).

Em uma rede social as interações entre os nós da rede evidenciam as formas de expressão dos atores da rede. Estas interações possibilitam a identificação dos tipos de relacionamentos que ocorrem, além da formação de laços sociais. Os laços assumem a condição de **fracos ou fortes** dependendo dos tipos de interações e trocas realizadas entre os atores. Conforme Wellman (1997) e Granovetter (2000) os laços fortes são evidentes nas relações que emergem intimidade e proximidade, sendo que os fracos originam-se das relações esparsas, sem intimidade e proximidade.

Laços sociais mediados pelo computador configuram-se multiplexos, isto é, refletem interações em diversos sistemas e espaços. Possuem uma composição derivada de atributos sociais dos participantes e são difíceis de ser percebidos por si na internet.

Com relação à qualidade das conexões de uma rede social na internet, agregando-se aos demais componentes de uma rede social (atores, laços sociais) que já foram citados aqui, surge um terceiro elemento que é o capital social. Este que é objeto de estudo de vários autores que o referenciam como um indicativo de conexão entre os pares de indivíduos em uma rede social. Porém seu conceito possui muitas variações, alguns apostam que não existem concordância a ser seguida, mas o que é comum a todos é que o conceito de capital social refere-se a um valor constituído a partir das interações entre os atores sociais (RECUERO, 2009).

Putnam (2000) define capital social como a conexão entre indivíduos, redes sociais e normas de reciprocidade e confiança que emergem dela. O autor acredita que este conceito está relacionado à ideia de civismo, moralidade e que o seu fortalecimento ocorre através de relações recíprocas. Porém Falk e Kilpatrick (2000) afirmam o que capital social é construído por normas, pelos valores e redes que podem ser usados para benefício mútuo.

Baker (2000) diz que o capital social esta associado aos recursos disponíveis em e por meio de pessoas nas redes, onde os recursos referem-se às informações, ideias, oportunidades de negócio, capital financeiro, poder e influência, apoio emocional, confiança e cooperação.

Para Putnam (2000) capital social engloba três elementos: a obrigação moral e as normas, a confiança e as redes sociais. O autor vê o capital social como elemento fundamental para a constituição e o desenvolvimento das comunidades.

Já Bourdieu (1983):

O capital social é o agregado dos recursos atuais e potenciais, os quais estão conectados com a posse de uma rede durável, de relações de conhecimento e reconhecimento mais ou menos institucionalizadas, ou em outras palavras, à associação a um grupo – o qual provê cada um dos membros com o suporte do capital coletivo [...] (p.248).

Para Bourdieu (1983) o capital social é relacionado a um grupo específico (rede social). Assim o conceito de capital social seria composto por um recurso que se refere ao pertencimento a um determinado grupo, as relações de um determinado ator; o conhecimento e reconhecimento mútuo dos participantes do grupo. Por fim, para o autor o capital social está diretamente ligado aos interesses individuais, pois tem origem nas relações sociais que oferecem a um determinado ator vantagens específicas.

Porém, para Coleman (1988) cada ator no sistema social possui controle de certos recursos e interesses em outros. Coleman atribui ao capital social um valor mais geral:

O capital social é definido por sua função. Não é uma entidade única, mas uma variedade de entidades, com dois elementos em comum: consistem em um aspecto das estruturas sociais, e facilitam certas ações dos atores – tanto corporações quando pessoas – dentro da estrutura. Como outras formas de capital, o capital social é produtivo, fazendo com que seja possível atingir certos fins que, em sem ele, não seriam possíveis de ser atingidos (p.59).

Para o autor o conceito está mais ligado à estrutura de relações do que especificamente nos atores.

O capital social, conforme Bourdieu (1983), apresenta-se nas relações entre as pessoas e está ligado ao pertencimento a coletividade.

Para Bertolini e Bravo (2004) o capital social refere-se aos recursos disponíveis a um determinado indivíduo, o qual faz parte de um grupo. Com isso pode-se afirmar que o capital social origina-se nas interações coletivas e molda-se pelo indivíduo, transformando-se em outros capitais (BORDIEU, 1983).

Assim, o capital caracteriza-se de duplo modo: coletivo e individual. É **individual** na forma que são os indivíduos que podem armazenar os recursos, e colocá-los em prática, e **coletivo** no momento em que faz parte das relações de uma rede social ou determinado grupo no qual os indivíduos participam. (BERTOLINI e BRAVO, 2004)

Portanto o capital social somente existe enquanto recurso coletivo, pois tem a capacidade de ser alocado e utilizado individualmente e, por isso, assume um caráter duplo.

Ainda segundo Bourdieu (1983), o capital social depende dos investimentos dos indivíduos. Como as relações sociais existem através dos investimentos e do custo para os participantes das interações, o capital que circula e é produzido nestas interações também

necessita de investimentos para que possa ser acumulado nos laços sociais (GYARMATI; KYTE, 2004). Caso este investimento não ocorra, os laços sociais acabam enfraquecidos com o tempo. Por isso a fala de Bourdieu (1983) explica que a reprodução do capital social também exige um **esforço de sociabilidade**, que necessita de tempo e energia.

Concluindo então a conceituação do termo capital social, e realizando uma análise com o que foi pontuado por cada um dos autores listados, para Putnam (2000) o conceito não engloba conflitos, pois quando define capital social acredita ser algo possuído, já Bourdieu (1983) aposta na luta de classes para definir capital social. Coleman (1988), porém, acredita que o capital social está focado na constituição da estrutura social, sendo que Bourdieu (1983) e Coleman (1988) definem o capital social desvinculado ao indivíduo especificamente, e sim nas suas relações estabelecidas. No entanto, usaremos neste trabalho a proposta de Putnam (2000), que acredita que o capital social conecta os indivíduos e que, através das conexões, ocorre uma estabilidade entre as relações recíprocas.

Portanto, embora sejam um conjunto de recursos coletivos, são recursos inseridos nas relações que se definem e moldam-se pelo conteúdo dessa relação, e são percebidos pelos indivíduos através da interação e integração das estruturas sociais, podendo ser acumulados pelo aprofundamento, pelas trocas amplas e íntimas aumentando o sentimento do grupo.

Por isso faz-se necessário estudar não somente as relações desses grupos, mas sim analisar os conteúdos trocados entre estes. Os autores destacam que se faça um estudo operacionalizado da forma de trabalhar as redes sociais. Salientam que o capital social é heterogêneo, que constroem categorias: seriam os recursos que os indivíduos têm acesso através das redes, sendo relacional nas somas das relações, normativo nas formas de comportamento e cognitivo na soma de informações, confiança no comportamento no ambiente, institucional na estrutura geral dos grupos. Os autores também classificam o capital social em níveis que são encadeados e sofrem um crescimento conforme a maturidade das redes.

O capital social é considerado um dos elementos-chave para o estudo das redes, poucos definem como ele aparece na internet. Assim os primeiros estudos realizados por Wellman (2002) e seu grupo, na vizinhança de Toronto, durante a década de 90, destaca a internet como uma via alternativa para o envolvimento dos grupos sociais. Estes sugerem que a internet poderia trazer ou mesmo fortalecer novas formas de comunidades baseadas na localidade geográfica e, por fim, gerar capital social.

O termo “social” do capital social representa que os recursos não são bens pessoais, e residem em redes sociais. Warschauer (2006, p.208) sintetiza: “O capital social pode ser

definido como a capacidade dos indivíduos de acumular benefícios por meio da força dos seus relacionamentos pessoais e da associação em redes e estruturas sociais específicas”. A partir da definição de capital social proposta por Coleman (1988), os autores Bertolini e Bravo (2004) propõem que o capital social pode ser identificado em diferentes níveis: primeiro nível (individual) e o segundo nível (coletivo). O primeiro nível representa as características individuais dos membros da comunidade individualmente e o segundo só existe graças à existência das relações coletivas.

O Quadro 2 a seguir complementa esta classificação, os autores caracterizam cinco categorias que compõem aspectos pelos quais o capital social pode ser identificado.

Quadro 2 – Classificação do capital social (BERTOLINI; BRAVO, 2004)

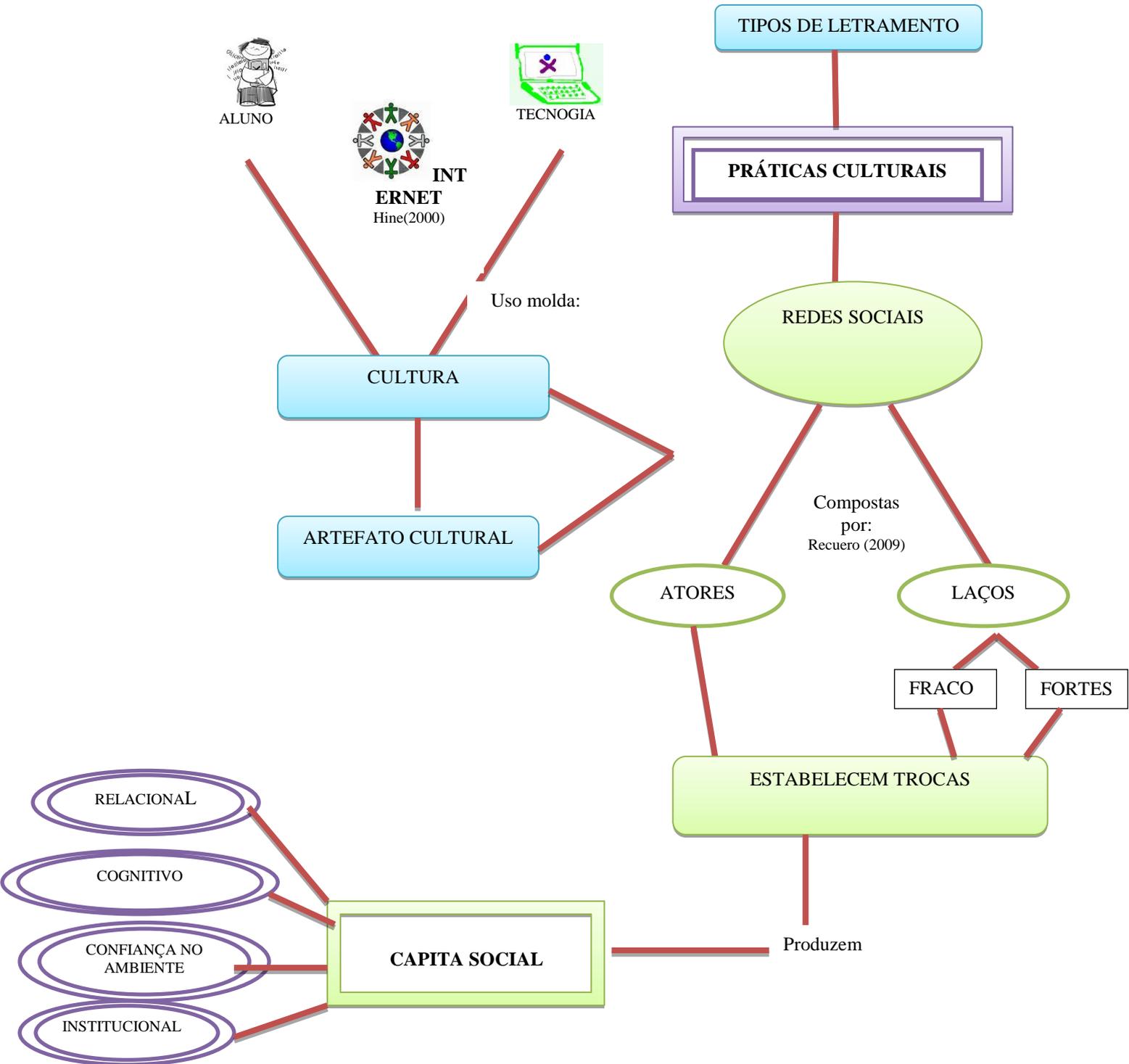
| Capital social relacional | Capital social cognitivo | Capital social normativo | Capital social de confiança no ambiente social | Capital social institucional |
|---|---|---|--|--|
| São as relações que são estabelecidas nas trocas que ocorrem entre os indivíduos. | Refere-se ao somatório de conhecimentos trocados por um grupo determinado, está relacionado à aquisição de conhecimentos. | Aponta para as normas de comportamento de um determinado grupo, são seus valores. | Está atrelado ao nível de confiança que um indivíduo armazena em um determinado espaço social. | Está relacionado com a instituição formal na qual o grupo está inserido. |

Fonte: Elaborado pela autora

A classificação apresentada por Bertolini e Bravo (2004), das categorias capital social relacional, capital social cognitivo e capital social normativo encontra-se no primeiro nível (individual), já o capital social de confiança no ambiente social e o capital social institucional encontram-se no segundo nível (coletivo). Na presente dissertação adotamos esta classificação proposta por Bertolini e Bravo (2004), na tentativa de mapear e identificar os tipos de trocas sociais nas interações entre os sujeitos pesquisados e a pesquisadora. Esta análise poderá ser observada no capítulo 7.2.

A Figura 7 apresenta a síntese de nosso quadro de análise e nos encaminha para discussão dos dados coletados nesta investigação.

Figura 7 – Síntese de análise da pesquisa



5 TECENDO A METODOLOGIA

A presente pesquisa trata de um estudo etnográfico do tipo *blended* que utilizou espaços virtuais (redes sociais na Internet) e espaços na “vida real” (comunidade *in loco*) visando a analisar o fenômeno do Ceibal em termos de sociabilidade e, ainda, as redes sociais que possam surgir a partir do uso dos recursos tecnológicos. A etnografia do tipo *blended* pode ser definida como sendo a combinação da netnografia e etnografia, misturando abordagens face-a-face e de interação *on-line* (KOZINETS, 2010).

A escolha por este tipo de estudo ocorre pelo fato que, segundo Hine (2000), são métodos que se complementam e permitem ao pesquisador estender sua investigação também para outros contextos.

Este estudo ocorreu em duas fases: em um primeiro momento um estudo etnográfico, com o objetivo de identificar potenciais locais, informantes e estabelecimento de pontos de partida, observações do cotidiano dos sujeitos, além da inserção da pesquisadora na comunidade estudada. Em um segundo momento partimos para o estudo netnográfico, procurando nos inserir também na rede virtual de amigos destes sujeitos.

Esta investigação buscou alcançar os seguintes objetivos específicos: a) identificar as alternativas de socialização e inclusão que as *ceibalitas* permitem para alunos; b) analisar a configuração das redes sociais verificando os tipos de trocas estabelecidos no mundo virtual.

Conforme já foi pontuado no capítulo 1, procuramos responder ao seguinte questionamento: Em que medida o uso das *ceibalitas* nos espaços públicos propicia práticas culturais de letramento digital e participações em redes sociais pelos alunos da cidade de Rivera no Uruguai e que tipo de laços e capital social são estabelecidos?

Outros foram os questionamentos: Em que espaços se estabelecem estas redes? Quais os tipos de trocas evidenciados? Qual o nível de participação? Quem participa? Qual o entendimento desta participação? E o envolvimento? Como isso se reflete no meio familiar? Como esta utilização se amplia para seus familiares? Existe essa influência?

Ao iniciar a descrição deste estudo faz-se pertinente tecer algumas considerações com relação aos termos etnografia virtual e netnografia. O termo etnografia virtual é mais utilizado nas pesquisas da área de antropologia e ciências sociais, já o termo netnografia é mais utilizado em estudos voltados à área de marketing e da administração (AMARAL, 2008).

Neste estudo vamos utilizar o termo netnografia quando nos referir ao estudo do comportamento dos indivíduos nos espaços virtuais, adotando assim a terminologia que vem sendo empregada em estudos de alguns pesquisadores desta área (MONTARDO; PASSERINO, 2006).

A etnografia mudou muito desde os primeiros estudos, em que os antropólogos procuravam compreender as culturas de lugares distantes, pois aos poucos foram surgindo novos espaços e, com eles, novas possibilidades de investigação. Esses novos entornos permitem um estudo mais focado em tópicos particulares, em vez de estudar somente certas formas de vida no conjunto. Os etnógrafos da sociologia e estudos culturais dedicam-se a examinar os aspectos mais limitados, envolvendo pessoas, pacientes, estudantes, profissionais, entre outros. Todo o trabalho de investigação envolve o compromisso central, que é desenvolver uma compreensão mais profunda do social através da participação e observação.

Durante a sua evolução a pesquisa etnográfica passou por várias etapas, inicialmente foi utilizada por viajantes de forma agressiva e, gradativamente, foi descobrindo que aqueles habitantes de outras culturas não eram animais exóticos, mas seres humanos com características culturais semelhantes e diferentes de nossa cultura. O ponto máximo da evolução desta técnica de pesquisa ocorreu quando se tornou um laboratório natural de possíveis estudos. A partir deste ponto a etnografia tornou-se um método passível de ser realizado em diversos ambientes (SOARES; BARROSO, 2011).

A técnica etnográfica foi concebida e historicamente aplicada a grupos sociais em interação face a face com o etnógrafo, que fazia a sistematização de sua experiência uma das fontes de dados (KOZINETS, 2000).

Ao definir etnografia nos remetemos ao conceito proposto por Hine (2000): etnografia é uma descrição ou reconstrução analítica dos cenários e grupos culturais intactos, seu objetivo é desenvolver uma compreensão profunda do social através da participação e da observação.

No contexto *offline* o etnógrafo poderá se transladar ao nível de trabalhar por um determinado período de investigação e neste momento poderá observar, perguntar, entrevistar as pessoas, adquirindo novas habilidades e fazendo o que for necessário para participar dentro deste contexto no qual está inserido neste período.

Geertz (1989) define o termo etnografia como:

[...] fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de construir uma leitura de um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas

e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989, p. 20).

A etnografia, conforme Hine (2000), pode servir para alcançar um sentido enriquecido de significados que a tecnologia vai adquirindo nas culturas que as alojam ou até mesmo que se formam a partir dela. Portanto, um dos motivos que nos faz optar por realizar este estudo etnográfico é que esta metodologia confere interessante poder de sedução na hora de lidar com conceitos complexos na cultura, devido a sugestões, tanto na profundidade de descrição, como na ausência de hipóteses *a priori*.

A etnografia mantém o interesse especial pelo estudo do que as pessoas fazem com a tecnologia e, uma vez que interpretamos o ciberespaço como um lugar em que se atua, podemos começar a estudar exatamente o que se faz, por que e em que termos se faz.

No contexto *off-line* supõe-se que o etnógrafo possa se transladar no sentido de viver e trabalhar por um determinado tempo no campo de investigação. Espera-se que observe, pergunte, entreviste as pessoas, registre em fotografias e por fim faça o que for necessário para viver a vida desde a perspectiva dos participantes do estudo.

Na sua forma mais básica a etnografia consiste em que o pesquisador possa submergir no mundo que estuda por um tempo determinado e leva em conta as relações, atividades e significações que se forjam entre quem participa em processos sociais deste mundo. O objetivo é tornar explícitas certas formas de construir sentidos nas pessoas. O etnógrafo habita em um mundo intermediário onde ele transita entre ser um nativo e um estranho em determinados momentos, se aproximando da cultura que pretende estudar com objetivo de conhecer como funciona, procurando entender sem deixar de manter uma distância necessária para dar conta dela.

A aproximação etnográfica, neste sentido, abre um caminho para estudar a configuração do contexto cultural significativo para os participantes, mantendo a pretensão de ver o que eles estão vendo, através dos seus olhos, construindo um enfoque enraizado que busca uma compreensão profunda sobre a cultura do grupo analisado. A aplicação de diferentes formas de observar e comunicar-se com os informantes oferece a possibilidade de triangulação, através da qual as observações podem ser comprovadas de modo cruzado (FLICK, 2004). Flick(2004) define triangulação como:

um plano de ação que elevará os sociólogos acima dos vieses personalistas advindos de metodologias únicas. Ao combinar métodos e investigadores no mesmo estudo, os observadores podem superar parcialmente as deficiências que fluem de um investigador e/ou método único. A sociologia como ciência se baseia nas observações geradas a partir de suas teorias, mas até que os

sociólogos tratem o ato de gerar observações como um ato de interação simbólica, as ligações entre as observações e as teorias permanecerão incompletas. Nesse sentido, a triangulação de métodos, investigador, teoria e dados, continua sendo a estratégia mais sólida de construção de teorias (FLICK, 2004, p. 63).

O crescimento das interações mediadas por computador nos convida a reconsiderar a ideia de uma etnografia ligada a um único lugar em específico, oferecendo a possibilidade de estar em múltiplos espaços de uma única vez. Estudar estas configurações e reconfigurações do espaço, através das interações mediadas, representa uma grande oportunidade para a perspectiva etnográfica (HINE, 2000).

Como os meios interativos nos desafiam e nos dão oportunidade de fazer netnografia, estes fazem surgir as questões relativas ao local de interação, o ciberespaço não deve ser visto como um lugar necessariamente afastado de qualquer conexão com a vida real ou da interação face-a-face. A internet conecta-se de forma complexa com os entornos físicos que facilitam seu acesso, pois dependem das tecnologias que são empregadas de modo particulares segundo contextos determinados e que são adquiridas, aprendidas, interpretadas e incorporadas em seus espaços.

A opção pela realização da netnografica surge para contemplar estes novos espaços de interação. Esta metodologia é resultado de pesquisas anteriores nas quais houve um aprimoramento metodológico¹¹ (PASSERINO; MONTARDO, 2006, 2007, 2008). O termo netnografia pode ser definido como a metodologia de pesquisa qualitativa para o estudo de espaços de socialização mediada por computador. Segundo Montardo e Passerino (2006), trata-se de um método de pesquisa em que se procura um maior grau de proximidade entre o pesquisador e seu objeto de estudo, como uma forma de melhor compreender as interações sociais estabelecidas no ambiente virtual e estudo.

Conforme Braga (2007), o termo “netnografia” (*netnography* = *net* + *ethnography*) foi cunhado por pesquisadores norte-americanos no ano de 1995, o objetivo do grupo de pesquisadores era preservar os detalhes ricos de observação em campo etnográfico em meio eletrônico.

Conforme Kozinets (2002) netnografia pode ser definida como um método de pesquisa derivado da técnica etnográfica desenvolvida no campo da antropologia, que tem conhecido um crescimento considerado devido à complexidade das experiências da sociedade digital.

¹¹ Nestes estudos foi estabelecido pelas autoras um método e um conjunto de categorias de análise decorrentes de dados empíricos e de teorias base (GOFFMAN, PUTNAM, RECUERO entre outros).

Rheingold (1994) destacou-se entre outros por sustentar que a CMC (Comunicação Mediada pelo Computador) seria capaz de promover formas de interação muito ricas e ainda proporcionar o espaço. No entanto, outros estudos estabelecem a metodologia etnográfica para compreender a CMC como espaços onde se mantêm interações relevantes, que podem sim ser entendidas como constitutivas de uma cultura em si mesma.

Esses estudos contribuíram para estabelecer a internet como cultura e também como um lugar possível para se realizar estudos de campo. Mas, sobretudo, percebe-se que até este momento os estudos da internet estão centrados no seu status enquanto cultura e, muitas vezes, deixam de explorá-la como artefato cultural. Portanto, o que buscamos é encontrar formas de analisar e concentrar-se no entorno, onde a tecnologia esta sendo empregada, incluindo uma análise da influência da identidade social dos participantes destes espaços (HINE, 2000).

Assim afirma Hine (2000) que a internet se estabelece como um campo de ação natural, permitindo o estudo do comportamento das pessoas *on-line*, porém faz-se necessário ajustar-se às constituições dos desenhos de investigações. Como o ciberespaço evidencia-se como um lugar onde atuamos, com isso as perspectivas metodológicas para o estudo dos contextos virtuais têm variado intensamente. A etnografia mantêm o interesse especial pelo estudo “do que as pessoas fazem” com a tecnologia. Assim é possível estudar o que se faz, por que e em que termos dentro do ciberespaço (HINE, 2000).

Um estudo netnografico pode permitir a investigação com detalhes das formas em que se experimenta o uso de uma tecnologia. Ao utilizar este método de pesquisa como meio é possível examinar o curso de como se configuram os limites entre o real e o virtual, com a preocupação pertinente de saber quando deter-se e até onde chegar no contexto estudado. Utilizamos este movimento de deslocamento espacial permitido pelo ciberespaço em vistas de encontrar também um deslocamento temporal dos envolvidos.

Nossa premissa de investigação é que, se tratando de redes sociais, estudos sobre a inclusão digital não podem se focar apenas a confirmar a apropriação tecnológica dos participantes nas redes e sua inserção. Partindo de que não é possível compreender a inclusão considerando essas dimensões, é necessária uma análise da produção dos sentidos e significados nesse espaço (rede social).

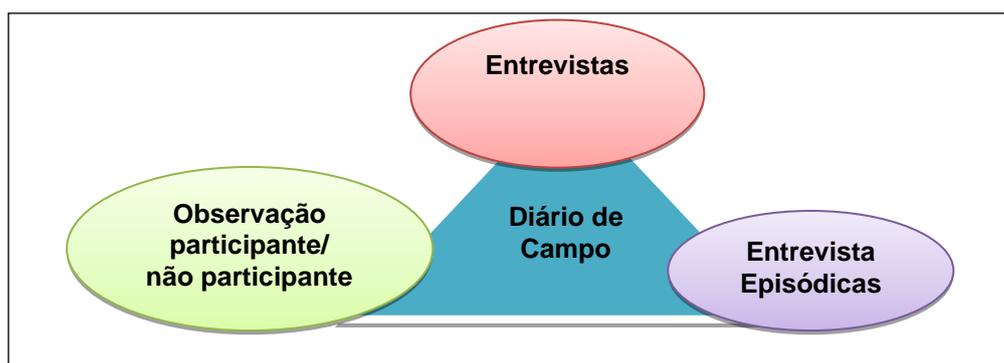
5.1 COMO OLHAR: INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Ao traçar um estudo netnográfico enfrentamos uma série de questões, e uma das principais foi a de encontrar uma forma de interação adequada ao objetivo do etnográfico, devido a etnografia entender que a interação face a face é a mais apropriada, pois o investigador viaja ao encontro da presença física, se comunicando diretamente com os participantes do estudo (HINE, 2000).

A maioria dos pesquisadores na área de redes sociais concorda que a melhor opção é utilizar a combinação de instrumentos de coleta de dados (HINE, 2000). No entanto, para determinar qual método de pesquisa será utilizado, é preciso determinar se o método possui relação com o contexto estudado, se os dados coletados serão válidos para a pesquisa e se os tipos de dados serão os corretos para o tipo de pesquisa (KOZINETS (2010).

Os instrumentos descritos por Kozinets (2010) são questionário, entrevistas e métodos jornalísticos, grupos focados, análises de redes sociais e etnografia. No contexto desta pesquisa a coleta de dados foi realizada por uma combinação destes instrumentos. Em um primeiro instante foi realizada a observação não participante e participante em alguns momentos, além de entrevistas junto aos informantes selecionados. Após a realização das entrevistas foi iniciada a constituição dos grupos para análise das redes sociais estabelecidas, partindo-se então para o estudo netnográfico.

Figura 8 - Combinação dos instrumentos de coleta de dados



Fonte: elaborado pela autora

Ao escolher a combinação dos instrumentos de coleta de dados (Figura 8) proposto por Kozinets (2001) conseguimos alcançar a possibilidade de enxergar o que as pessoas fazem com tecnologia (observação participante/não participante), o que as pessoas dizem que fazem (entrevistas) e, ainda, o que as pessoas pensam que deveriam fazer com a tecnologia

(entrevistas episódicas). A seguir, apresentaremos a descrição de cada um destes métodos adotados.

Durante a aplicação dos métodos de levantamento de dados contamos, além das competências da fala e escrita propostas por entrevistas, com o método de observação, que conceitua-se como: “um modo de contato com o real: é observando que nos situamos, orientamos nossos deslocamentos, reconhecemos as pessoas, emitimos juízos sobre elas” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.176).

A observação permite o pesquisador acompanhar os diferentes comportamentos, registrar como ocorrem e depois selecionar os eventos mais informantes. Para auxiliar este processo é importante que seja feito um roteiro prévio, a partir dos objetivos da pesquisa. O pesquisador precisa registrar o que acontece na realidade analisada, descrever o que viu, e com isso possa complementar e confrontar estes dados com o que gravou e/ou filmou, pois nem sempre conseguimos anotar na totalidade os fatos que aconteceram, e esse movimento de comparação com informações gravadas se faz importante.

As observações aplicadas foram participantes e não participante em alguns casos. A observação participante pode ser entendida como uma técnica pela qual o pesquisador integra-se e participa na vida de um grupo para compreender o sentido de dentro (LAVILLE; DIONNE, 1999).

A observação participante é uma forma de observação muito utilizada em pesquisas qualitativas, Denzin (1989b, p.157 *apud* FLICK, 2004) a define como “uma estratégia de campo que combina, simultaneamente, a análise de documentos, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação diretas, e a introspecção”.

O método consiste no mergulho do pesquisador no campo de pesquisa para poder observar sob a perspectiva de membro do local estudado, mas, além disso, influencia o que é observado, graças à sua participação. O que diferencia a observação participante da não participante pode ser estabelecido em sete aspectos indicados por Jorgensen (*apud* FLICK, 2004 p. 152):

- um interesse no sentido humano e na interação sob perspectiva daqueles que são insiders ou membros de situações e ambientes específicos;
- localização nos ambientes da vida cotidiana;
- de olhar que permite a interpretação e a compreensão da existência humana;
- um processo de investigação sem limites e bastante flexível e baseada nos fatos coletados nos ambientes concretos;

- abordagem e um plano de estudo em profundidade
- empenho em estabelecer e manter as relações com os nativo do campo de investigação;
- a possibilidade de observar diretamente com outros métodos de coleta de informações (1989, p.13).

A observação participante deve ser entendida como um processo sob dois aspectos: primeiro, onde o pesquisador deve atuar como participante e ganhar acesso ao campo e às pessoas e, em um segundo momento, deve passar por um processo para se tornar cada vez mais concreta e concentrada nos aspectos essenciais para responder às questões de pesquisa (FLICK, 2004).

Já a observação não participante “é um modelo que se abstém das intervenções no campo em contraste com as entrevistas e observações participantes” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.148).

A realização de observações participantes e não participantes permite obter os dados empíricos de primeira mão dos fenômenos tal como se dão nos cenários do mundo real, procurando assim evitar a manipulação intencional das variáveis de estudo (HINE, 2000).

Depois da realização das observações, partimos para a aplicação de entrevistas dos alunos e em alguns casos de seus responsáveis. A opção aqui foram os alunos com maior grau de utilização dos computadores do projeto em lugares públicos.

O ato de entrevistar constitui-se em obter informações de um entrevistado sobre um determinado assunto. A entrevista pode ser classificada como padronizada ou estruturada, quando possuir um roteiro previamente estabelecido, e despadronizada ou não-estruturada, quando não existir rigidez de roteiro (MARCONI; LAKATOS, 2006).

As entrevistas aplicadas neste estudo foram do tipo estruturada, pois as questões foram elaboradas anteriormente à sua aplicação e procurou-se seguir um roteiro em todas elas. A entrevista pode ser definida como “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação (FLICK, 2004, p.140).

Ao realizar uma entrevista o pesquisador deve realizar um planejamento da entrevista, ter um conhecimento prévio do entrevistado, obter uma oportunidade de realizar a entrevista, buscar condições favoráveis, fazer contato com os possíveis líderes, obter conhecimento prévio do campo estudado e, por fim, realizar uma preparação específica.

Feitas as entrevistas e observações, optou-se por realizar entrevistas episódicas com o objetivo de voltar a fatos ocorridos no passado, que são pertinentes na realização desta

investigação. Portanto, após a seleção dos alunos com o perfil que demonstrava um envolvimento maior com o uso do XO, passamos a aplicar entrevistas episódicas com os seguintes temas: a chegada do XO, o início do uso das redes sociais e, por último, o uso das redes sociais na atualidade (sua evolução na rede).

Para Flick (2004) a entrevista episódica pode ser definida como:

a suposição de que as experiências que um sujeito adquire sobre um determinado domínio estejam armazenadas e sejam lembradas nas formas de conhecimento narrativo-episódico semântico. Enquanto o conhecimento episódico possui uma organização que se aproxima mais das experiências, estando vinculado a situações e circunstâncias concretas, o conhecimento semântico baseia-se em suposições e relações abstraídas destas e generalizadas.

As informações obtidas através dos instrumentos de coleta de dados foram registradas no diário do etnógrafo ou diário de campo. No diário de campo o pesquisador registra, detalhadamente, tudo o que foi observado. Segundo Creswell (2007) manter um diário durante a pesquisa de campo é uma técnica para coletar dados qualitativos.

Assim, durante a realização das observações e entrevistas, adotamos o registro através de notas de campo, gravações e fotografias. Estas possuem uma larga história como registros de informações que permitem ao pesquisador revisar, reconsiderar e afinar suas observações, além de servir para apresentar de maneira direta alguns aspectos do campo da pesquisa. O pesquisador sabe que tudo aquilo que ele consegue registrar no momento da observação, através das notas de campo, possui mais adiante um sentido amplo que pode ser explorado, aproveitando as vivências do pesquisador no campo de pesquisa.

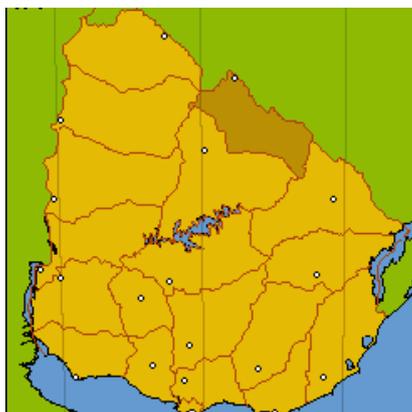
Como este estudo apresentou-se em duas fases, partimos das quatro principais diferenças apontadas por Kozinets (2000) entre o estudo realizado *on-line* e o realizado face a face: adaptação a novos meios tecnológicos, opção de observar o grupo estudado de forma anônima, livre acesso a meios culturais virtuais e arquivamento de informações inseridas na web.

O componente netnográfico deve ser muito mais proeminente e central em pesquisa de caráter *on-line*, considerando que a prática e o suporte destes estudos estão focados nestas comunidades (KOZINETS, 2010). Mas em “terrenos” novos ou em constantes mudanças, como o da internet, as técnicas qualitativas podem ajudar a desenhar e redesenhar o mapa neste espaço (KOZINETS, 2010).

5.2 O CENÁRIO DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

O cenário escolhido para ser pano de fundo da referida pesquisa é a cidade de Rivera, uma localidade do interior do Uruguai que se encontra localizada na região norte daquele país. Rivera faz divisa ao Noroeste com o departamento de Salto, ao Nordeste e Norte com o Brasil, ao Sudeste com Cerro Largo e ao Sul e o Oeste com Tacuarembó. Sua fundação está datada em 1º de outubro de 1884, tendo sua origem atrelada ao departamento de Tacuarembó. Seu nome foi uma homenagem ao General Fructuoso Rivera, primeiro presidente do Uruguai. A cidade possui uma área total de 9.370 km², correspondente a 5,31% da área total do país (INE, 2011).

Figura 9 - Mapa do Uruguai, destacando o departamento de Rivera



Fonte: INE (2011)

De acordo com o censo de 2004, a cidade possuía 104.921 habitantes, correspondente a 3,24% da população total do Uruguai. Outros indicadores importantes: para cada 100 mulheres existiam 96,4 homens, taxa de crescimento populacional de 0,61%, taxa de natalidade de 17,94 nascimentos por mil habitantes, taxa de mortalidade de 8,45 mortes por mil habitantes, idade média correspondente a 29,6 anos (28,1 homens e 30,9 mulheres), expectativa de vida no nascimento igual a 74,12 anos, sendo 70,04 anos para homens e 78,37 anos para mulheres, tamanho médio familiar de 2,56 filhos por mulher, renda per capita urbana (cidades de 5.000 habitantes ou mais) de 3.214,70 pesos uruguaios/mês (INE, 2011).

O Quadro 3 a seguir mostra a distribuição do total de 104.921 habitantes nos povoados de Rivera, onde destacamos em **negrito** os povoados visitados durante a realização desta pesquisa.

Quadro 3 - Distribuição total da população de Rivera

| Povoado | População |
|-------------------|------------------|
| Rivera | 64.426 |
| Tranqueras | 7.284 |
| Mandubí | 5.157 |
| Vichadero | 4.074 |
| Minas de Corrales | 3.444 |
| La Pedrera | 2.887 |
| Santa Teresa | 2.171 |
| Lagunón | 2.154 |

Fonte: INE (2011)

Dentro da cidade de Rivera, visitamos algumas localidades que se encontram identificadas no topo do Quadro 3: Rivera (centro e bairros), Tranqueras, Mandubi, Vichadero, sendo que estas referem-se a locais com maior volume de população.

Nesta localidade procuramos identificar possíveis informantes, utilizando a técnica de “bola de neve”, que consiste numa cadeia de informantes para a coleta de dados (BIERNACK; WALDORF, 1981). Durante esta abordagem adotamos a aplicação de entrevistas semiestruturadas, além de observação participante e não participante em alguns momentos (MARCONI; LAKATOS, 1999).

5.3 OS INFORMANTES

Inicialmente estes sujeitos eram alunos de escolas da rede pública que tivessem sido beneficiados com o Ceibal, além de fazer uso das *ceibalitas* fora do contexto da escola, tendo assim o perfil apropriado para esta investigação. Os informantes foram diversos de acordo com as etapas da etnografia e da netnografia. Ao todo foram entrevistados mais de quarenta informantes em diferentes situações e contextos, oferecendo informações importantes para a pesquisa, cujos dados foram coletados com os instrumentos mencionados anteriormente. O perfil destes informantes será apresentado no capítulo 7, de análise de dados.

5.4 A CAMINHADA DA PESQUISA

O caminho transcorrido desde a chegada na comunidade, até o início do levantamento dos dados junto aos sujeitos selecionados para a pesquisa, compreende a inserção da pesquisadora na comunidade, onde foram iniciadas as observações do tipo não participante e participante, junto aos locais caracterizados para a pesquisa. Estes locais, que foram identificados ao longo do estudo etnográfico, eram pontos de utilização dos computadores fora do ambiente escolar, onde os sujeitos que passamos a observá-los na exploração utilizavam os seus respectivos computadores. Após o relato destas observações, através do diário etnográfico, registro feito diariamente pela pesquisadora, apontando com todos os detalhes os fatos transcorridos em cada dia, partimos para a seleção dos sujeitos que efetivamente faziam uso das *ceibalitas* para conectar-se a internet e fazer uso de redes sociais, este que além da socialização seria nosso objetivo de pesquisa.

Após realizar um traçado geral de como a comunidade encontrava-se estruturada, o uso dos recursos tecnológicos oriundos do projeto Ceibal, através da etnografia realizada, nos permitiu compor um novo caminho para chegar ao estudo netnográfico com os sujeitos que assim fizessem o uso da internet para interação. A Figura 10 resume nossos passos durante a realização desta pesquisa:

Figura 10 - Resumo dos passos da realização da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora

Desta forma, procuramos identificar um grupo de sujeitos em cada localidade que estivessem conectados a alguma rede social, compondo nosso novo cenário de investigação para o estudo netnográfico, o qual buscava caracterizar as trocas realizadas neste ambiente entre seus respectivos grupos de amigos *on-line*.

O estudo etnográfico teve duração aproximada de 4 meses e o netnográfico iniciou a partir das primeiras interações, se desenvolvendo por 6 a 8 meses. Não definimos a priori o número de informantes nem o perfil socioeconômico dos mesmos, mas tratamos de selecionar informantes diferenciados para maior riqueza no levantamento de informações. Assim, visitamos vários bairros da cidade de Rivera, contemplando inclusive a zona rural do município, à procura de ampliar nosso olhar para as comunidades que ficam distantes do centro da cidade, que vivem com algumas carências devido à sua localização dentro do município.

As entrevistas foram realizadas ao longo das observações, procurávamos chegar na família, entrevistar seus familiares ou responsáveis. Porém, cabe destacar aqui a natureza da pesquisa, que tratava de encontrar os alunos utilizando os computadores fora do ambiente escolar e ali onde se encontravam, na maioria dos casos, estavam desacompanhados dos seus responsáveis. Portanto, necessitava um encaminhamento para uma posterior visitação desta família. Nosso critério aqui foi visitar somente os alunos que efetivamente faziam o uso do computador em suas residências, os demais que não manifestavam este uso não foram visitados e, sim, apenas observados nos locais onde estavam utilizando seus computadores.

As entrevistas eram compostas de várias questões que buscavam encontrar dados referentes ao uso das *ceibalitas* pelo aluno fora do espaço escolar. O roteiro das entrevistas obedeceu, primeiramente, à aplicação de um questionário amplo abordando diversas questões dentro do tema de inclusão digital.

Para os alunos (Quadro 4) perguntamos sobre:

Quadro 4 - Questionário aplicado aos alunos:

| | |
|---|---|
|  | <p>PERFIL TECNOLÓGICO</p> <ul style="list-style-type: none"> • O início da utilização, com quem aprendeu a utilizar a ceibalita • Com relação a frequência de uso da ceibalita • Onde costuma utilizar a ceibalita • Quando utiliza a ceibalita fora da Escola, quais atividades realiza • Quando utiliza a ceibalita e não está com acesso a Internet o que costuma fazer <p>SOCIABILIDADE NA INTERNET</p> <ul style="list-style-type: none"> • Na Internet, qual o meio de conversação que mais utiliza. Sobre quais assuntos em geral conversa • Quanto tempo dedica a esta conversa • Participa de alguma rede social na Internet • Ensinou alguém a utilizar a ceibalita • Quais são os integrantes da família que utilizam a ceibalita • Qual dos integrantes que mais sabe utilizar a ceibalita • Em alguma atividade realizada na ceibalita você tem ajuda de mais colegas • Qual local onde você mais acessa a Internet • Quando utiliza a ceibalita para jogar que tipo de jogo utiliza • Ao realizar as atividades Escolares, você costuma utilizar a ceibalita • Os seus pais participam destas atividades • Você conheceu outros colegas que também foram beneficiados pelo Plan Ceibal, através da utilização da Internet? |
|---|---|

Inicialmente adotamos tentar também chegar à família dos alunos e assim, em alguns casos, selecionamos alunos que faziam uso da internet em suas residências, perguntando aos responsáveis (Quadro5) sobre:

Quadro 5 - Entrevista aos responsáveis



- Quais são os motivos que demais integrantes da família não fazem uso da ceibalita?
- Quais foram as suas expectativas com relação a distribuição dos computadores portáteis para seus filhos?
- Você já percebe algumas mudanças de atitudes do seu filho devido ao uso diário das ceibalitas? Desde a introdução da utilização das ceibalitas pelo seu filho o que você percebe com relação as seguintes áreas:
- O que você destaca como consequências positivas e negativas da utilização das ceibalitas pelos seu filho.

Fonte: elaborado pela autora

A partir da realização de algumas entrevistas obedecendo a este formato, sentimos a necessidade de resumir esses questionamentos, já que percebemos dificuldades de entendimento por parte dos pais e alunos entrevistados, além, é claro, de ter a necessidade de dispor de um tempo maior para a realização das mesmas. Portanto, passamos a adotar este formato mais simples de entrevista, sendo que aproveitamos a conversa com o aluno e passávamos a entrevistar juntamente o seu responsável, quando possível.

Aqui nos interessava saber se o aluno utilizava o computador e a internet fora da escola. Partimos destes pontos para selecionar rapidamente nossos sujeitos. A partir de então, passamos a utilizar um questionário mais resumido, que pretendia primeiramente traçar um perfil dos alunos entrevistados e tê-los como sujeito da pesquisa, se assim se enquadrassem nos objetivos desta, os quais seriam, primeiramente, fazer uso do XO fora da escola e utilizar a internet em um local público. E assim fizemos por algum tempo. Porém, após encontrar o aluno utilizando o XO no local público, passamos a acompanhá-lo realizando a utilização do primeiro formulário de pesquisa mais detalhado, pretendendo obter o maior número de dados possíveis. Partindo das entrevistas neste formato, passamos a realizar acompanhamentos, sem necessidade de intervenção na utilização, deixando que eles utilizassem e realizassem suas atividades costumeiras, sem interferir.

Este roteiro foi adotando em todas as localidades que foram visitadas. Além da forma escrita registrada no diário, dispomos de câmera fotográfica e filmadora para registros de imagens e vídeos do uso do XO nos locais públicos de Rivera.

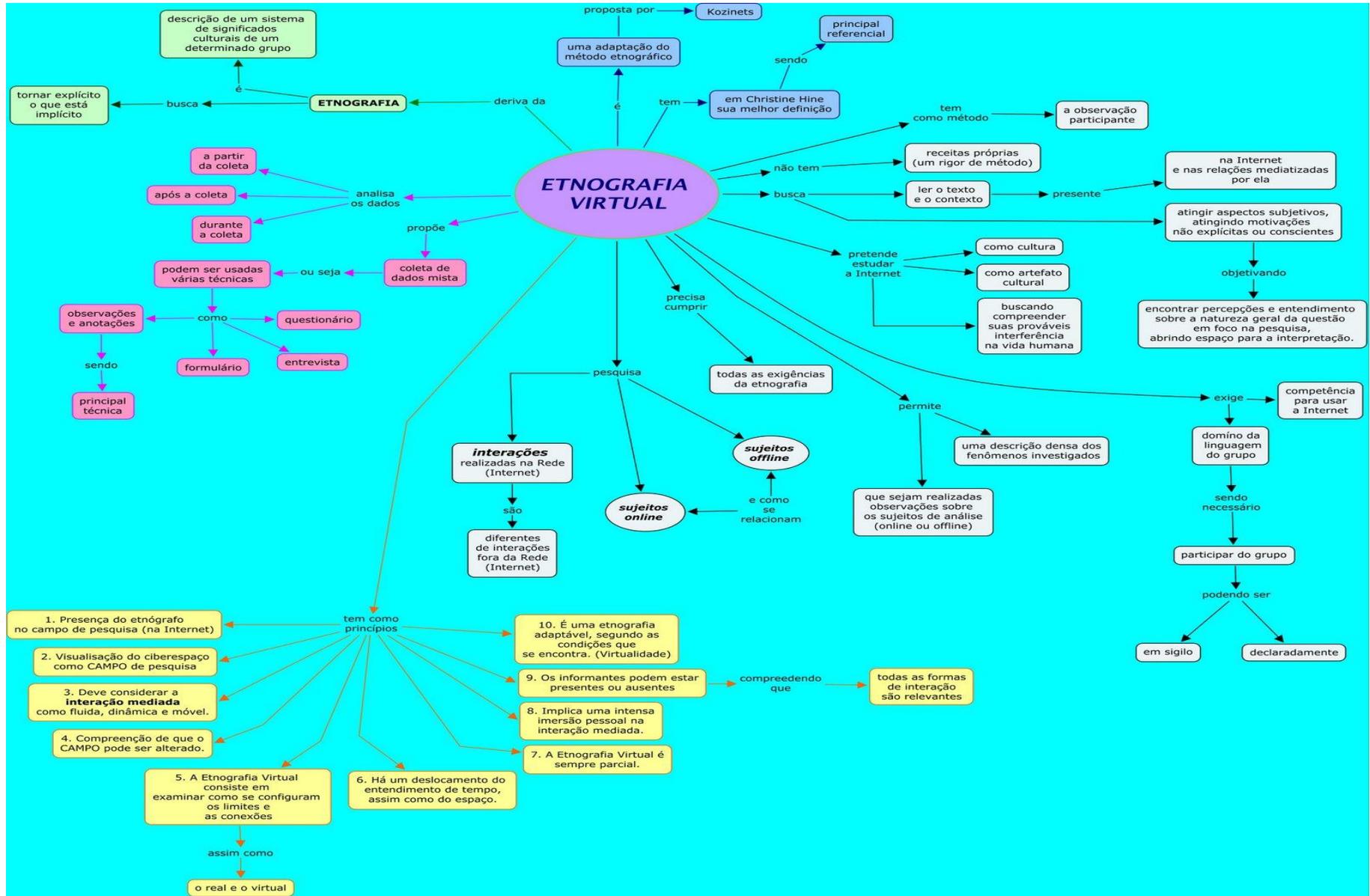
As categorias de análise deste estudo foram as seguintes:

- a) Identificar as formas de socialização e utilização com o uso do XO na comunidade.
- b) Identificar trocas na rede social, tipos de laços e capital social.

Estas categorias serão detalhadas e identificadas no capítulo seguinte, que apresenta a discussão dos dados.

O mapa conceitual (Figura 11) foi elaborado com base nos achados de Hine (2000) e resume os passos e a técnica adotada em nossa pesquisa.

Figura 11 – Mapa conceitual: resumo passos e técnica adotada na pesquisa



6 ENTRELAÇANDO OS NÓS: PROCESSO DE ANÁLISE E DISCUSSÃO

Este capítulo é estruturado em três partes: a primeira parte apresenta a **análise dos dados coletados durante o estudo etnográfico**. Ressalta-se que, para a redação do presente texto, foram consideradas as observações de campo e situações de conversas informais com os sujeitos, além de dados coletados nas entrevistas. Na segunda parte apresentamos os **resultados da análise do estudo netnográfico**, que se realizou através do acompanhamento dos sujeitos da pesquisa no cenário virtual, triangulando estes com dados coletados nas entrevistas episódicas e observação participante e não participante. A terceira parte consiste numa **síntese das duas anteriores, com a finalidade de responder aos questionamentos traçados no começo deste estudo**. Cabe ressaltar que no texto que segue vamos nos referir a XO ao invés de *ceibalitas*, pois na localidade onde ocorreu a pesquisa assim eram referenciadas, e não por *ceibalitas* como em outras localidades.

6.1 ESTUDO ETNOGRÁFICO: TEMPOS E ESPAÇOS DA PESQUISA

Iniciamos o estudo etnográfico em janeiro de 2011, mês em que os alunos encontravam-se em férias escolares. Nosso objetivo foi tentar encontrar os alunos utilizando seu respectivo XO nos espaços públicos. Antes de localizar os sujeitos da pesquisa, procuramos a imersão da pesquisadora na comunidade, então fomos visitar os locais onde provavelmente encontraríamos crianças utilizando os computadores. Para isso conversamos com pessoas naturais daquela localidade, que nos deram dicas de onde procurá-los. Neste contexto passamos a aplicar o método “bola de neve”, o qual é recomendado quando existem poucos sujeitos de pesquisa ou como em nosso caso o pesquisador é externo à comunidade. Neste caso, a bola de neve consiste em localizar poucos sujeitos e solicitar a estes indicadores de possíveis informantes. Esta técnica, que já foi utilizada em outras pesquisas netnográficas (HERRERA; PASSERINO, 2008), permite construir uma rede de informações, consultar mais indivíduos e, a partir disso, aplicar outras metodologias.

Assim, adotamos em um primeiro momento a busca por informantes através das pessoas. Fomos conhecendo na cidade, sendo que estas nos levaram ao encontro de outras famílias que possuíam crianças em idade escolar e que eram participantes do projeto de

inclusão digital daquele país. Portanto, nos meses de janeiro e fevereiro de 2011, a procura pelos sujeitos da pesquisa e a inserção da pesquisadora na comunidade ocorreram através de amigos e conhecidos, que foram nossos novos informantes e permitiram conhecer aquela localidade.

Esta sistemática foi aplicada em inúmeras situações e nem sempre foi simples. Vários problemas foram encontrados, que podem ser vistos nos trechos do diário de campo da pesquisadora:

“[...] visitei alguns bairros que ficam próximo ao centro de Rivera, mas não encontrei nenhum aluno usando os computadores fora da escola. Nesta semana também fez tempo ruim, muita chuva e frio e isso é uma condição bem pertinente para os alunos não estarem utilizando as máquinas em lugares públicos”. RECORTE DIÁRIO ETNOGRÁFICO REFLEXÃO DA PESQUISADORA MAIO 2011

“[...] naquele dia não pude registrar este uso que os alunos estavam realizando porque a professora não permitiu tirar fotos. Fiquei observando um pouco a utilização dos alunos...” RECORTE DIÁRIO ETNOGRÁFICO REFLEXÃO DA PESQUISADORA DURANTE A OBSERVAÇÃO DE ALUNOS UTILIZANDO O XO NO PARQUE INTERNACIONAL (Local de divisa entre Brasil e Uruguai)

Neste período o principal objetivo era conhecer mais pessoas e aos poucos se inserir na comunidade para iniciar as observações do uso dos computadores.

Este método permitiu conhecer muitos alunos com realidades distintas, mas estes de fato poucos faziam uso do XO fora da escola naquele momento (tempo e férias). Ao realizar as visitas foi possível perceber que vários alunos com idade inferior a 10 anos pouco usavam o XO fora da escola. Vários nem sabiam, no momento da visita, onde estava o seu computador, mostrando um indício de pouco uso. Nestes casos, conforme o relato dos alunos, a maior utilização se resume à motivação extrínseca oriunda do professor. Somente se este solicitar é que os alunos levam o computador para a escola. Este uso é refletido no meio externo ao da escola, onde surgem outras aplicações com o computador, caso ocorra a motivação.

“[...] elas usam muito, mas agora estão de férias não usam, nem querem saber de usar, elas usam mais quando estão em época de aula. Os computadores aqui estão guardados...até voltar as aulas.” RECORTE DIÁRIO - RELATO MÃE DE ALUNA MAIOR DE 10 ANOS- BAIRRO POVO NOVO

“[...]ele diz não ter interesse em usar, somente utiliza na Escola, quando a professora solicita o uso... não faço o uso do computador em casa, prefiro vídeo game e atividades físicas com colegas.” RECORTE DIÁRIO DE BORDO - ALUNO 8 ANOS – COMUNIDADE URBANA – BAIRRO SARA

Além disso, durante o período de férias alguns pontos de acesso à internet não estavam disponíveis. A conectividade ainda estava ligada às escolas e em alguns momentos os alunos não conseguiam ter acesso a conexão, já que em alguns dias o acesso ficava desligado, seja

por ser final de semana ou ainda por tratar-se de férias escolares. Estas situações foram observadas durante esta pesquisa e que, por este motivo, os alunos não conseguiam acesso à internet nas proximidades de suas residências.

“[...] Meu filho não utiliza o XO, pois em casa não pegamos o sinal da internet, precisa caminhar várias quadras até a escola e não gosto que ele fique na rua.” RELATO DE UMA MÃE EM ENTREVISTA BAIRRO VILLA SARA

“Sem conexão à internet eu não faço uso do XO, prefiro usar somente em dias que levo à escola para acessar a internet, em casa não tenho acesso e o computador fica sem utilização.” RELATO DE ALUNO ENTREVISTA BAIRRO POVO NOVO

Com isso justifica-se o pouco uso evidenciado durante os meses de janeiro e fevereiro, período de férias de verão, resultando em um uso muito tímido da tecnologia, sendo que os mesmos optavam por fazer outras atividades de preferência ao ar livre e se envolviam em jogos com amigos sem o uso desta tecnologia.

“[...] mostra-se muito satisfeita com a utilização dos computadores pelo filho e pelos colegas de modo geral no seu país. Ao questioná-la sobre a utilização em específico de seu filho...informa que o menino utilizava muito no início para jogar, mas agora como a professora não está solicitando que leve a escola ele parou de usar. Neste ano ele vai mudar de professora vamos ver se esta incentiva o uso, agora nas férias ele não usa, nem abre o computador...gosta mesmo de ficar ouvindo musicas, brincando com amigos não tem interesse no XO nas férias” RECORTE DA ENTREVISTA COM RESPONSÁVEL ALUNO MENOR DE 10 ANOS

Contudo os meses de janeiro e fevereiro apenas permitiram conhecer a comunidade, estudar e compreender sua cultura, seus hábitos, alguns bem diferentes dos praticados no Rio Grande do Sul e outros já adotados pelos gaúchos, os quais hoje já não sabemos mais a definir a origem. Observamos várias situações, em que chegávamos e, primeiramente, conversávamos com os pais ou responsáveis pela criança e após, em uma conversa informal, anunciávamos que iríamos então entrevistar o aluno sobre a utilização e participação neste projeto de inclusão, como mostramos no seguinte exemplo:

“[...] precisava entrevistar...conhecer crianças que tivessem sido beneficiadas com o projeto ceibal. Então fui aproveitando e qualquer oportunidade, evento social e assim fui falando com amigos e estes me apresentando a outras pessoas com filhos na idade escolar e beneficiados com o projeto de inclusão digital do governo uruguaio.” RECORTE DIÁRIO REFLEXÃO DA PESQUISADORA

Durante a realização das observações e entrevistas percebemos um consenso entre os familiares responsáveis, todos sem exceção acreditam no potencial do Ceibal, acham bastante válida a proporção de distribuir um computador por aluno, mas percebem que muitos alunos não utilizam como deveriam esta tecnologia, que o uso ainda está bastante atrelado à

aplicação em sala de aula e que, os que fazem livremente, não exploram corretamente a totalidade das possibilidades da máquina.

“[...] Eles se reúnem aqui na frente da minha casa para usar, mas sempre usam jogos, poucos usam para estudo mesmo, acho que precisava mais incentivo da escola para ajudar na utilização. Minhas filhas usam para estudar, mas a maioria usa mesmo para brincar”. RECORTE ENTREVISTA MÃE DE ALUNO BAIRRO FERRO CARRIL

Justificando o não uso dos computadores por alguns destes alunos nas férias, encontramos várias situações: alunos desmotivados, alunos com computadores bloqueados (devido à falta de utilização), alunos que não tinham interesse em usar (estes com menos de 10 anos, na maioria), alunos que atribuem o uso à escola e somente o fazem nesta oportunidade, alunos de classe social média ou alta que possuem outro computador à sua disposição e, ainda, alunos com seus respectivos XO com algum defeito e que não haviam sido enviados para o conserto. Conforme pesquisas realizadas (OBSERVATICS, 2009) a maior incidência de consertos refere-se a aspectos físicos do XO, sendo o teclado o mais apontado como necessitando de conserto.

A Figura 12 apresenta um resumo das razões do pouco uso no período de janeiro a fevereiro de 2011.

Figura 12 - Resumo do uso dos XO em janeiro e fevereiro 2011



Fonte: elaborado pela autora

Devido às investidas e ao pouco retorno encontrado nos meses das férias escolares, optamos por trocar o local de busca por alunos utilizando os computadores do projeto Ceibal. E assim passamos a adotar um segundo método para encontrar os informantes, agora em um único lugar, e neste momento não ir mais ao encontro dos alunos e, sim, aguardar que estes viessem até nós. Para aplicar esta técnica identificamos um local frequentado por muitos usuários do XO. Para isso, fomos até o local onde realizam o conserto dos computadores do projeto, a loja que fica localizada no centro da cidade de Rivera é um local de fácil acesso, no qual os alunos costumam frequentar para buscar ajuda no conserto dos XO, fazendo isso acompanhados de um responsável.

“[...] percebi ao chegar na loja que os alunos sempre que levam o computador para conserto estão acompanhados de um responsável. Antes de levar o computador para consertar é preciso ligar para uma central de atendimento informando que o XO está com um determinado defeito e posteriormente podem entregar o computador para o devido conserto na loja credenciada”. RECORTE DIÁRIO ETNOGRÁFICO REFLEXÃO DA PESQUISADORA DURANTE OBSERVAÇÃO EM LOCAL DE CONserto DOS COMPUTADORES

Assim, nosso local de partida para identificação foi essa oficina, cujo proprietário ficou sensibilizado com nossa pesquisa e nos permitiu permanecer nela e abordar seus clientes. Portanto, no início do mês de março de 2011, durante três semanas passamos a

visitar a loja de conserto dos XO, e o método era aguardar os alunos entrar na loja para solicitar o conserto do computador, podendo assim ser apresentada e solicitar a participação na entrevista. Procurava entrevistar o responsável juntamente com o aluno, pois conseguimos desta forma alunos de localidades bem distintas. Porém, poucos puderam ser aproveitados na pesquisa, já que muitos não utilizavam o XO fora da escola (foco do nosso estudo) e, em geral, isto devia-se ao fato não ter internet nas proximidades de sua casa. Outro fato que distanciava os alunos da utilização do computador era, obviamente, o computador estar estragado, levando vários dias para ficar novamente disponível para utilização, dificultando a participação daquele aluno, neste momento da pesquisa, embora existisse um movimento oriundo da coordenação do projeto para minimizar o tempo de espera do conserto das máquinas, agilizando o retorno do aluno ao manuseio da mesma. Na prática as ocorrências de alunos com equipamentos em conserto ainda é muito significativa na comunidade estudada, existem hoje outras iniciativas adotadas pela equipe do Ceibal tentando minimizar o tempo de conserto dos equipamentos. Existem equipes que foram contratadas pelo Ceibal e vão até a escola para tentar atender ao maior número de consertos, buscando trazer agilidade ao processo.

“[...] A aluna relata que utiliza mais o computador na Escola, que em casa não utiliza, pois mora no Brasil [...] não consegue conectar aos pontos de acesso a internet. Ela diz que no início utilizava bastante na Escola para fazer pesquisa, utilizava o chat também para conversar com os colegas, mas usa pouco em casa agora.”
RECORTE DIÁRIO ALUNA 13 ANOS BRASILEIRA QUE ESTUDANO URUGUAI E MORA NO BRASIL

“[...] o que houve cadê teus colegas...ninguém usando o XO? Ainda estão em férias? E ela responde...Acontece que agora estamos voltando as aulas e as coisas custam um pouco a se organizar..várias máquinas estão bloqueadas, pois não utilizamos nas férias e elas se travam depois de um tempo sem se conectar ao servidor da escola.(medida para controlar a evasão Escolar)”
RECORTE DIÁRIO ALUNA 14 ANOS BAIRRO MANDUBI MARÇO/2011

O grau de sucesso com este método foi realmente pequeno e, considerando nossa necessidade de identificar os alunos, partimos para outra forma de abordagem aos possíveis sujeitos da pesquisa. Assim, nos meses de abril e maio de 2011, adotamos a busca aleatória nos bairros da cidade de Rivera, com o objetivo de encontrar os alunos que efetivamente utilizam o XO fora da escola, indo aos bairros, conhecendo onde vivem os alunos seria possível verificar o uso de fato dos computadores e traçar o perfil do aluno e do local onde faz o uso.

“[...] andei aleatoriamente pelo bairro até encontrar a escola da vila..”
RECORTE DIÁRIO ETNOGRÁFICO REFLEXÃO DA PESQUISADORA NA ALTERAÇÃO ABORDAGEM DOS INFORMANTES

Esta busca aleatória não foi isolada, pois para aquele momento muitas pessoas conheciam nossa necessidade e então passaram a ser informantes, que nos ligavam e avisavam que havia alunos utilizando em determinados locais. Em geral, esses informantes não usuários eram donos de lojas de serviços ou de comércio, que tinham sido contatados nos primeiros meses.

“[...] fui ao cabeleireiro que fica em Rivera, onde costumo ir com frequência, porém agora que estou realizando a pesquisa, e as profissionais que trabalham lá sempre estão me perguntando como está indo minha pesquisa, assim que todos acabam se envolvendo um pouco na ajuda em indicar alunos para que eu possa entrevistar.”
RECORTE DIÁRIO ETNOGRÁFICO REFLEXÃO DA PESQUISADORA

“Hoje recebi uma ligação avisando que tinham crianças usando o computador em uma praça acompanhados dos seus professores e então me encaminhei para o local para observar esta utilização.”
RECORTE DIÁRIO ETNOGRÁFICO REFLEXÃO DA PESQUISADORA

Ressalta-se que neste período já tínhamos o ano letivo em andamento, ou seja, uma situação de normalidade do ano letivo com alunos frequentando as aulas e utilizando os XO, e já não encontrávamos mais alunos com máquinas bloqueadas pelo pouco uso.

“Portanto neste início de ano letivo no Uruguai percebo alunos um pouco tímidos na utilização do XO o que demonstra que o incentivo e motivação para o uso encontram-se ainda atrelados a Escola e todas as possibilidades de uso também, já que muitos alunos reforçam que o acesso a internet se dá na maioria das vezes na sua própria Escola...”
RECORTE DIÁRIO ETNOGRÁFICO REFLEXÃO DA PESQUISADORA

“[...] Ela responde que utiliza na Escola [...] costumo ficar um pouco mais na frente da Escola usando a internet.
RECORTE DIÁRIO ALUNA 13 ANOS BAIRRO MANDUBI

A partir desta busca, sempre que algum aluno era encontrado utilizando o XO, nos aproximávamos e procurávamos conversar com ele, solicitando que participasse da entrevista. Como se tratava de menores de idade, era necessário identificar algum de seus responsáveis e, caso não estivesse no local, o termo era encaminhado para que trouxesse no dia seguinte quando retornaríamos para entrevistá-lo.

“[...] encontrei alguns alunos (três) utilizando o XO, sentados no chão e bem concentrados no uso. Me aproximei e eles conversaram comigo sobre o uso.”
RECORTE DIÁRIO ETNOGRÁFICO REFLEXÃO DA PESQUISADORA

“[...] retornei ao bairro e hoje só encontrei um aluno quando cheguei, porém era próximo a hora da saída da escola e logo vários alunos chegaram com seu XO para acessar a internet.”
RECORTE DIÁRIO ETNOGRÁFICO REFLEXÃO DA PESQUISADORA

Em geral, sempre conseguimos localizar algum responsável no momento da observação ou entrevista com os alunos, mas em casos isolados encontramos resistência dos responsáveis na aplicação da pesquisa, embora a maioria tenha colaborado.

Neste método foi possível obter mais êxito, já que o perfil de alunos que estavam em lugares públicos, utilizando o computador e a conexão a internet, atendia aos nossos critérios de seleção de alunos com possibilidade de um uso mais intensivo do XO. E assim foi possível conhecer a maioria dos alunos entrevistados durante as observações, visitando os bairros e observando a utilização, conhecendo a forma como os alunos utilizam esta tecnologia.

Através do método de busca aleatória, conseguimos somar um grande número de sujeitos entrevistados e, com isso, foi possível novamente traçar uma nova forma de abordagem para os próximos meses. Em junho, julho e agosto de 2011 procuramos criar na prática uma rede de amigos, ou seja, através dos próprios alunos fomos conhecendo e entrevistando outros alunos que eram conhecidos ou seus colegas, alguns vizinhos e outros colegas de escola. Ao conhecer um aluno do ensino médio, procuramos entrevistá-lo. Após visitar sua casa o aluno pôde nos encaminhar para a visita de outros colegas que já faziam parte de sua rede virtual e presencial de amigos, realizando uma mistura de busca aleatória e bola de neve. As etapas deste método foram identificar o perfil aluno conectado, conhecer um aluno e o aluno nos apresentar a outros. Ao criar a rede pessoal de alunos que se conheciam de alguma forma entre si, passamos então a marcar entrevistas episódicas com cada um dos sujeitos selecionados. Na primeira entrevista procuramos focar no “recebimento do XO”, fazer os alunos lembrar como foi a chegada do XO em suas vidas. Fomos marcando novos encontros, que sempre possuíam um tema específico, para traçar o caminho desde a chegada do XO até o momento do início da exploração e utilização das redes sociais.

Direcionamos nosso olhar para onde os alunos faziam o maior uso dos computadores com a opção de conexão à internet. Através das observações realizadas ao longo dos meses deste estudo, foi possível retratar o uso do XO nos lugares públicos, fora do ambiente Escolar. Estes lugares que estão apresentados na Figura 13:

Figura 13 - Lugares de uso do XO



Fonte: Elaborado pela autora

A maioria dos usos estava vinculada ao uso da internet, ou seja, sempre que encontrávamos alunos utilizando os computadores fora da escola estavam de alguma forma fazendo uso da internet, em diferentes situações e aplicações, mas sempre conectados.

Conforme Hine (2000) são nestes espaços que a internet adquire sua forma social, surgindo nos locais onde se utilizam seus serviços, onde existem posturas diferentes frente à tecnologia, e todas elas são significativas e aceitáveis.

Ao perceber este uso pelos alunos, nestes espaços, evidencia-se que a internet poderá ser vista como um produto do contexto social, pois tanto o acesso ao serviço da internet como as suas aplicações adquirem formas de acordo com as expectativas em relação ao que ela representa, ou naquilo que ela possa ser utilizada.

Quando analisamos os locais de acesso, percebemos que a maior incidência de utilização foi nas proximidades das escolas de bairros da cidade, embora as outras condições de acesso e utilização nas praças públicas também tenham sido observadas. Percebemos ainda que os alunos moradores de bairros mais distantes do centro da cidade, parte da população de classe média e baixa, fazem o maior uso dos recursos do XO fora da escola.

Verifica-se a efetiva exploração do XO por alunos nas ruas usando para alguma aplicação o computador, seja esta em jogos (entretenimento), na busca por informações para estudos, ou realização de trabalhos escolares. O uso é intenso e percebe-se uma prática já estabelecida nestes locais, pois é feito diariamente e já parecem ter criado o hábito inclusive desses locais.

Já nos bairros próximos ao centro da cidade, local onde vivem pessoas da classe média e alta daquela localidade, percebemos pouco uso do computador nos locais públicos, devido ao poder aquisitivo destas pessoas, que possuem outras possibilidades de ter outro meio para conexão e uso do computador.

“[...] não utiliza o XO, pois possui outro computador em sua casa e prefere utilizar o outro que tem acesso à internet em casa e no XO ela não tem acesso em casa à internet.” RECORTE ENTREVISTA ALUNA 13 ANOS BAIRRO CENTRO

A Figura 14 mostra a análise da utilização do computador fora da Escola ao longo dos meses do estudo etnográfico:

Figura 14 - Resumo do uso dos computadores fora da



Escola

Fonte: Elaborado pela autora

Nos locais visitados encontramos diferentes usos do XO, estes que são nosso foco de estudo, partindo das análises das novas práticas culturais que se estabeleceram nesta comunidade onde surgem o uso. A Figura 15 mostra a classificação do uso que será analisada no texto que segue.

Figura 15 - Classificação do uso do XO



Fonte: Elaborado pela autora

Ao acompanhar o uso destes computadores nos bairros da referida cidade, evidencia-se que o maior deles é realizado pelos alunos de classe social baixa. Estes utilizam o XO fora do horário da escola, com bastante regularidade, na maioria das vezes para baixar jogos e músicas, costumando utilizar posteriormente em casa os arquivos baixados. O acesso à internet é realizado nas proximidades de pontos de conexão, sendo as Escolas do bairro, onde vivem, o local escolhido. Os pais, na maioria dos casos, não utilizam o XO, e em muitos outros porque não sabem utilizar ou porque não tem interesse na utilização. Em uma comunidade observada, entrevistamos uma mãe que seu interessou pelo uso, comprou um tutorial para auxiliar na exploração do XO, porém seu filho não tem paciência e não permite o uso. Assim ela deixou de tentar utilizar o computador.

6.1.1 Espaços e Práticas Culturais:

No item que segue apresentaremos os cenários de utilização e as novas práticas culturais que foram evidenciadas ao longo das observações. Chamados aqui de espaços e prática culturais, são eles: nos muros da escola, caminhando e navegando, no grupo familiar na residência, fora da residência em espaços públicos, combinação de mídias e colaboração e na frente da escola do bairro.

6.1.2 Usos e práticas no meio urbano:

a) A forma usual: nos muros da escola

Identificamos diferentes locais de utilização do XO. Um deles onde os jovens costumam se reunir para este uso é nas calçadas que ficam nas proximidades (Figura 16 (a) e (b)) ou em frente da Escola do bairro (Figura 17 (a) e (b)). Ali os alunos se acomodam, sentados no chão utilizam o computador, apoiando-o em cima das pernas, algumas vezes colocando-o no chão, geralmente estão encostados em uma parede, permitindo assim melhor utilização.

Partindo dos achados de Warschauer (2006), de que toda atividade humana é mediada por ferramentas, e estas se destacam na maneira pela qual se incorporam nas atividades humanas e como as alteram, passamos então a analisar estes usos que emergem de práticas culturais adotadas por eles no local estudado. Nessas práticas o sujeito não existe antes ou independente do outro, do signo, mas se faz, se constitui nas relações significativas (SMOLKA, 2000, p.37). Conforme Smolka (2000) “[...] a apropriação não é tanto uma questão de posse, de propriedade ou mesmo de domínio individualmente alcançado, mas é essencialmente uma questão de pertencer e participar nas práticas sociais”.

Esta apropriação resulta numa transmissão cultural “que permite que cada organismo poupe muito tempo e esforço, para não falar de riscos, na exploração do conhecimento e das habilidades já existentes nos co-específicos” (TOMASELLO, 2003, p. 4).

Figuras 16 - Proximidades da escola



Figuras 17 - Uso em frente da escola em dupla



As Figuras 16 e 17 apresentam registros de alunos que não costumam utilizar ferramentas de comunicação disponíveis na internet, e sim costumam apenas jogar e baixar aqueles jogos. Estes, em muitos casos, envolvem lutas, jogos de futebol, alguns do próprio software do Ceibal, porém pouco mencionados. O jogo mais mencionado no momento das entrevistas e durante as observações foi um jogo chamado “detetive”, com fundo pedagógico, que permite aos alunos realizar cálculos matemáticos e revisões gramaticais. Ao longo do jogo apresentam-se problemas que os alunos precisam resolver, sendo oferecidas dicas neste momento para ajudar para a sua na resolução: de português ou matemática.

“[...] fiquei um pouco observando o uso do XO por eles...estavam baixando um jogo..cada um baixava um jogo específico...ouviam musica tocada através de um celular de um dos alunos e trabalhavam individualmente no seu XO.” RECORTE DIÁRIO ETNOGRÁFICO RELATO OBSERVAÇÃO USO DO XO BAIRRO POVO NOVO

“[...] Entrevistei um a um dos alunos que estavam ali, um fato comum a todos os entrevistados é o motivo da utilização naquele lugar....ali sentados no chão..encostados em uma parede...fazendo o uso do XO...eles utilizam para baixar jogos, gostam mesmo é de jogar, assim quando voltam para casa já tem os jogos na máquina e podem jogar. Não costumam usar em grupo..não realizam nenhuma atividade em grupo.” RECORTE DIÁRIO ETNOGRÁFICO IDENTIFICAÇÃO DOS ALUNOS DURANTE OBSERVAÇÃO BAIRRO POVO NOVO

[...] eles respondem ...que usam mesmo para baixar jogos e jogar fora da escola, pois na escola não é permitido”
RECORTE FALA ALUNO BAIRRO FERRO CARRIL.

“[...] Descrevendo os alunos são bem carentes, estão vestidos de bermuda camiseta e chinelo, alguns estão de pés descalços...os que acabaram de sair da escola ainda estão vestindo o uniforme da escola.” RECORTE DIÁRIO ETNOGRÁFICO DESCRIÇÃO DE ALGUNS ALUNOS DURANTE UMA OBSERVAÇÃO BAIRRO POVO NOVO

Estes relatos do efetivo uso dos jogos por estes alunos remete-nos aos apontamentos de Buckingham (2008), que diz que o uso dos jogos e internet no cotidiano das crianças implica uma variedade de processos de aprendizagem informal, indo além daquela estabelecida na relação “democrática” entre professores e alunos. Este autor vê o uso dos jogos e da internet como meios e não como tecnologias em si. Ele acredita que são como maneiras de representar o mundo e de comunicar-se, entendendo portanto estes usos como processos sociais e culturais, indo além de meros processos técnicos. Ainda, prossegue o autor, as máquinas são parte desta história, mas não devem ser concebidas como um conjunto de dispositivos neutros, muito pelo contrário, ele acredita que essas são determinadas de maneira particular, pelos interesses e motivações sociais das pessoas, que produzem e que utilizam a tecnologia.

As crianças aprendem a usar estes meios, através da prática e dos erros, e assim permanecem explorando, experimentando com seus parceiros midiáticos. A colaboração que ocorre não é direcionada ou orientada na maioria das evidências. A interação, seja ela face-a-face (como na maioria dos casos observados durante esta pesquisa) ou virtual, pode constituir-se em um elemento essencial do processo. Por tudo isso, este tipo de aprendizagem caracteriza-se como social em grande parte porque se trata de colaborar e interagir com outros e em particular na comunidade dos respectivos usuários.

Buckingham (2008) acredita que este uso da tecnologia fora da escola é de alguma forma mais autêntico e natural que o ocorrido em sala de aula, dentro da escola. Porém, devem as escolas se preocupar com as experiências culturais que os jovens vivem fora da escola, pois na atualidade muitas destas experiências encontram-se vinculadas aos meios digitais, como é o caso destes alunos que fazem parte do Ceibal, e em muitas situações as escolas desconhecem este uso.

Este uso está diretamente ligado à conexão da internet, verifica-se que o resultado deste, conforme Hine (2000), é a tecnologia sendo um local que gera cultura, que se manifesta através dos produtos oriundos das práticas culturais na internet.

As crianças, ao aprender nestes meios e através destes, também aprendem a aprender, ou seja, desenvolvem orientações particulares a respeito da informação, métodos específicos de aquisição de novas habilidades e, assim, acabam formando a sua própria identidade enquanto alunos que são. Possivelmente essas crianças sentem-se mais autônomas, no sentido de exercer seu direito de eleger suas próprias escolhas, seguindo seu próprio caminho. Segundo Seymour Papert (1996 *apud* BUCKINGHAM, 2008 p. 133) *“el valor de lo que llama “aprendizaje de estilo hogareño” que caracteriza como autodirigido, espontâneo y motivado, características de las que el “aprendizaje de estilo Escolar” carece”*.

Nestes contextos percebe-se que os alunos, devido à forma livre de exploração permitida, acabam aprendendo por experimentação e não por seguir instruções diretas (BUCKINGHAM, 2008). Devido a este fato, ocorre que muitas vezes o aluno torna-se passivo na sua utilização, não cria nada, apenas utiliza aquilo que foi criado por outras pessoas e não é estimulado à prática de criação. Durante as entrevistas realizadas com os responsáveis pelos alunos foi possível identificar que os alunos obtêm o incentivo ao uso do XO dos professores na escola, isso determina muito o uso que os alunos fazem fora da escola.

“[...] fazendo o uso do XO...eles utilizam para baixar jogos, gostam mesmo é de jogar, assim quando voltam para casa já tem os jogos na máquina e podem jogar. Não costumam usar em grupo..não realizam nenhuma atividade em grupo”. RECORTE DIÁRIO ETNográfico FALA DE UM ALUNO 12 ANOS BAIRRO MISSIONES.

O uso das novas tecnologias requer que os envolvidos sejam mais do que alfabetizados em meios digitais, é preciso ir além de saber escrever nos meios, é preciso conseguir ler o que foi produzido, aderindo às possibilidades novas e interessantes caminhos que a tecnologia oferece (BUCKINGHAM, 2007).

Não basta possuir equipamentos e ter acesso à internet, na fala de Warschauer (2006), é preciso acrescentar um terceiro elemento o letramento digital, este que emerge não da tecnologia e sim do seu uso significativo junto à sociedade. Portanto, o aluno precisa dos equipamentos físicos e da conexão, mas principalmente do letramento, oriundo das práticas culturais que surgem a partir desta utilização, este é o verdadeiro sentido do uso da tecnologia.

Na comunidade estudada, o uso dos computadores mostra-se passivo, existe ainda pouco incentivo para o uso mais direcionado dos computadores. Percebemos que o uso não é intencional e sim por uma exploração, casual e superficial de produtos já prontos, sem envolvimento destes alunos na produção da tecnologia utilizada, apenas exploram o que já foi projetado por terceiros.

Com o crescente uso das tecnologias pelas crianças, percebe-se que podem fazer um uso ainda maior, partindo para a autoria dos produtos disponíveis, pois à medida que o tempo

vai passando, e a utilização crescendo, o entorno fica cada dia mais fácil, permitindo aos alunos serem produtores, pela facilidade de exploração das mídias digitais (BUCKINGHAM, 2007).

Essa exploração permite aos alunos a possibilidade de reflexão sobre o vínculo emocional entre ele e os meios, sobre questões relacionadas com a construção da identidade destes alunos (BRAGG, 2000; DE BLÇOCK *et.al.*, 2005 *apud* BUCKINGHAM, 2007).

Alguns autores acreditam que a produção criativa oferece um “espaço seguro” onde os alunos podem explorar e produzir produtos voltados aos seus próprios interesses (BUCKINGHAM *et.al.*, 1995).

Já o acesso a internet nos bairros está associado à escola, onde nas proximidades os alunos conseguem utilizar a rede através da conexão sem fio. Os computadores possuem antenas *wireless* que permitem a conexão e assim o tempo de utilização é longo, muitas vezes até a duração da bateria chegar ao seu limite. Alguns mesmo depois que termina a bateria, continuam acompanhando os demais que estão com eles, naquele momento. Em certos casos os alunos buscam nas proximidades possibilidades de estar carregando a bateria para continuar a utilização.

b) Um uso casual: caminhando e navegando

Ainda nas proximidades da escola identificou-se uma outra forma de uso dos XO, classificamos como “caminhando e navegando” (Figura 18).

Figura 18 - Caminhando e navegando com XO



Nesta forma de uso, os alunos ao saírem da escola e nas proximidades, continuam andando e tendo o computador aberto em suas mãos. Esta prática é muito comum na frente das escolas no horário de saída. Os alunos costumam abrir o XO e caminhar buscando rede ou mesmo já com algum processo de salvamento em andamento. Neste caso, evidencia-se uma prática cultural já estabelecida e moldada a partir da chegada dos computadores na comunidade, o que é sustentado pelos autores Castells (2008) e Bunge (1980;1999), que afirmam que a tecnologia afeta a sociedade nos diversos sistemas sociais que a compõem a civilização de forma diferente. Bunge (1999) diz que uma inovação técnica, como no caso da incorporação do XO nesta comunidade, age sobre a sociedade direta ou indiretamente. Percebe-se então que as inovações tecnológicas podem sim alterar o modo de vida e a cultura de um sistema social, pois como mostra a figura 18 foi incorporado no modo de vida dos alunos observados diferentes formas de uso do computador, estando este conectado a internet, e o “caminhar e navegar” ocorre frequentemente na saída da escola os alunos permanecem conectados e utilizando o computador mesmo estando caminhando.

c) Uso na família: No grupo familiar na residência

Figuras 19 - Uso domiciliar no grupo familiar



Figura 20 - Uso em frente da residência em grupo



Através das entrevistas e observações realizadas, percebe-se que o uso dos computadores nos meios familiares ocorre, mesmo que timidamente, pois nas falas dos alunos e familiares foi possível perceber este uso, sendo que em alguns casos foi possível, inclusive, registrar e acompanhar esta exploração. Mas é preciso esclarecer que este uso específico dentro das residências não foi muito explorado devido as poucas oportunidades de acesso às famílias. Existe, naquele país, ainda, uma forte resistência ao novo. Entender que somos de outro país e estamos analisando o uso que é dado na atualidade aos computadores do projeto, em muitos casos, não foi entendido, impedindo assim o avanço das observações nesta área.

Mesmo assim, conseguimos identificar o uso no meio familiar através de entrevistas e observações, o que nos possibilitou visitar algumas famílias que permitiram nosso acompanhamento do uso que é dado à tecnologia por seus familiares.

“As vezes eu utilizo ali em casa mesmo, meus pais e minha irmã também utilizam as vezes para entrar na internet, empresto meu XO. RECORTE FALA DE ALUNO ENTREVISTA BAIRRO FERRO CARRIL

“[...] estou procurando informações de uma receita para meu pai que é cozinheiro, então venho aqui na escola onde tem internet para fazer a pesquisa para ele”. RECORTE FALA DE ALUNO ENTREVISTA BAIRRO POVO NOVO SUJEITO S 14 anos.

Em uma observação um aluno (Figura 18) relata que na sua casa a internet funciona, consegue captar o sinal da rede, oriundo da escola do bairro, porém ele prefere utilizá-la juntamente com os colegas na rua, assim conseguem conversar e trocar dicas no momento de baixar alguns jogos. Acomodam-se, sentados na calçada, com o computador nas pernas, sendo que alguns colegas deixam sua máquina para ir realizando o *download* e depois voltam para levar a máquina com o *download* concluído.

“[...] O outro aluno de 11 anos diz que geralmente eles reúnem-se para utilizar a internet, mas que ele também consegue ter o sinal da internet na sua residência, coloco o XO próximo da janela e assim consigo conectar.

Quando o sinal não está bom lá na minha casa venho usar a máquina na calçada.” RECORTE FALA DE ALUNO NA ENTREVISTA BAIRRO FERRO CARRIL

Ainda com relação ao uso domiciliar do XO associado ao grupo familiar, relatamos aqui o caso de uma menina de 14 anos que faz uso da internet na sua própria residência, (Figura 19). Existe um local aberto (nos fundos da casa) onde ela consegue conectar-se à rede da escola. Com isso, costuma fazer um uso diário da internet, utiliza para realizar trabalhos escolares bem como acessar redes sociais. Faz uso do *facebook* para se comunicar com colegas, familiares e amigos. No dia de nossa visita estava procurando por informações sobre um determinado autor, a partir do qual deveria estar realizando um trabalho, e fazia a busca de informações na internet para complementar sua pesquisa. Ao entrevistar os responsáveis, a mãe manifesta-se positivamente a este uso. A filha agora não precisa mais sair de casa para realizar pesquisas, faz uso ali mesmo da internet. Disse que às vezes o sinal não está muito bom, mas na maioria das vezes a aluna consegue fazer um ótimo uso da conexão, oriundo da escola na sua própria residência. Relata a mãe que este projeto ajudou bastante nos estudos das duas filhas, já que uma menina não recebeu, pois quando iniciou o projeto ela estava finalizando os estudos. Porém agora pode fazer uso do computador da irmã em suas pesquisas, para seu primeiro emprego. A mãe garante que, se não fosse desta forma, não conseguiria que as filhas tivessem esta forma de estudar e aprender mais através das informações pesquisadas na internet. E prossegue dizendo que antes elas precisavam se deslocar para uma *lan house* para conectar-se e realizar as pesquisas necessárias.

d) Uso com familiares: fora da residência em espaços públicos

Figura 21 - Uso com grupo familiar fora da residência



Em uma das observações realizadas em uma praça pública, encontramos uma aluna que estava acompanhada de sua mãe, fazendo uso da internet naquele local (Figura 21). A praça localiza-se no centro da cidade de Rivera, onde estavam as duas sentadas, no banco da praça, a menina estava utilizando uma página de uma rede social (*facebook*) para responder alguns recados. Sua mãe costuma utilizar para se comunicar com parentes que vivem distante, ela é surda e acredita ser esta uma ótima oportunidade de comunicação via computador. A aluna costuma emprestar e auxiliar o uso do computador para sua mãe, incentivando o uso da máquina por ela. O uso da internet muitas vezes ocorre na escola, onde a menina tem acesso à conexão, porém, em algumas vezes, ela costuma utilizar outros locais onde consegue se conectar, como é o caso da praça pública. A aluna tem hábito de utilizar as redes sociais, além do correio eletrônico, para se comunicar. Relata que não costuma jogar, sua preferência de uso é para se comunicar através da máquina. A aluna afirma que costuma ficar bastante tempo utilizando o computador, que gosta muito, porém na escola poucas vezes é solicitado seu uso. A aluna frequenta o ensino secundário (Liceo) e relata que em suas atividades escolares em sala de aula não costuma usar o computador, apenas em atividades extraclasse.

e) Outros espaços e outras práticas associadas ao uso: Combinação de Mídias e Colaboração

Figura 22 – Uso agregado a mix de mídias



Figura 23 – Uso com colaboração



Ao explorar as ferramentas da internet os alunos o fazem na maioria das vezes de forma individual, mesmo que estejam agrupados cada um faz uso de seu próprio XO. Percebe-se o uso de outras mídias enquanto reúnem-se para o uso do computador. Gostam de ouvir músicas reproduzidas pelo celular ou mesmo do próprio computador (Figura 22). Porém, observa-se que em alguns momentos os alunos maiores (14 anos ou mais) e

experientes no uso das ferramentas da internet auxiliam os demais colegas, dando dicas para a utilização, conforme mostra a Figura 23.

Toda a atividade social envolve o aprender com o outro. Para Vygotsky (1998) existem dois níveis de conhecimento: o real e o potencial. No real, o indivíduo é capaz de realizar as tarefas com independência e caracteriza-se pelo desenvolvimento já consolidado. No conhecimento potencial, o indivíduo é capaz de realizar tarefas com a ajuda de outra pessoa, neste nível as tarefas e ações realizadas por eles, são frutos de diálogos, da colaboração, da imitação, das experiências compartilhadas e, também, das pistas que lhe são fornecidas. Portanto, há a necessidade de existir um mediador, que aquela pessoa que traria o conteúdo a ser aprendido para dentro da ZDP¹² do aprendiz, de modo que ele tenha um aprendizado significativo que se desenvolve a partir da interação colaborativa entre os pares, propiciando a criação de uma rede de comunicação e colaboração, na qual todos se inter-relacionam.

f) Uso rápido e individual: na frente da Escola do bairro

Figura 24 - Uso rápido em frente à escola do bairro



Dentre as formas de uso dos computadores, o uso rápido na frente da escola é bastante comum. Na Figura 24, pode-se encontrar um aluno que se deslocou até a escola do bairro e acomodou seu XO no muro da Escola, para fazer uso da internet. O aluno estava buscando utilizar a internet para fazer uma pesquisa, por informações para um trabalho escolar. Na

¹² Denomina-se então de Zona de Desenvolvimento Proximal ou Potencial (ZDP), que sustenta a ação do meio como estimulador e instigador da aquisição do conhecimento pelo indivíduo, a distância entre as ações que o indivíduo é capaz de fazer de forma autônoma (nível de desenvolvimento real) e aquilo que ele realiza com a ajuda de outros (nível de desenvolvimento potencial). (VYGOTSKY, 1998)

mesma figura, verifica-se outro aluno que costuma fazer o mesmo. O primeiro aluno acessa a internet na frente da escola do seu bairro. Como ele vai até a escola de bicicleta então ele fica sentado na bicicleta e deixa o computador no muro da escola e assim faz a utilização. Já o segundo aluno que, nas proximidades da sua casa não consegue ter acesso à internet, costuma ir até à escola para fazer o mesmo. Este aluno frequenta uma escola em outra localidade, já está no ensino médio, porém como ele reside nas proximidades, fazendo uso da internet da escola do bairro. Geralmente utiliza quando precisa fazer alguma pesquisa. O aluno não gosta de jogar, não possui e-mail e não costuma utilizar o computador para se comunicar.

6.1.3 Espaços e usos nas comunidades rurais

Após um período de observações e análises nas comunidades, fomos direcionados para a área rural do município de Rivera. A primeira localidade rural visitada foi uma vila chamada “*Villa Idarte*”, localizada a 80 km do centro da cidade. Observamos que o uso dos recursos tecnológicos do Ceibal ainda se apresenta muito fraco nesta localidade. Visitamos a escola da comunidade, onde conversamos com uma docente que se manifesta contra o projeto de inclusão digital, da forma como foi estabelecido. Ressalta que na Escola desistiu de utilizar as máquinas com os alunos, pois sempre tem algum problema técnico. Os alunos somente utilizam o XO fora da escola, no momento da visita nenhum aluno estava com seu computador, não é uma prática comum naquela escola.

Ao conversar com alguns pais, eles afirmam que os alunos em casa utilizam as máquinas na maioria das vezes para jogar ou brincar, que não existe mais um incentivo, por parte da escola para dar continuidade ao uso mais intenso das máquinas e, principalmente, para motivos educacionais. Mas, em casa, não possuem acesso à internet, então o resultado do uso é limitado. A internet da escola naquele momento estava com problemas técnicos e não estava funcionando, parece não haver interesse por parte dos responsáveis pela comunidade que a conexão volte a funcionar. Várias vezes já foi consertada e volta a ter defeitos. Os docentes não manifestam o desejo de mudança deste cenário, pelo menos por enquanto. Alguns pais manifestam-se a favor do projeto e dizem que os filhos usavam bem mais no início e que, aos poucos, foram se afastando do uso e deixando de levá-los para a escola.

Nesse sentido percebe-se que o Ceibal no caso das escolas rurais prestou pouca atenção aos sistemas sociais e humano, assim não conseguiu avançar com resultados satisfatórios quanto à inclusão digital nestas localidades. A propósito Warschauer (2006)

refere-se que estes sistemas deveriam mudar para que a tecnologia fizesse a diferença. Assim, conforme o autor, as TICs não devem ser uma variável exterior ao processo de inclusão, mas devem estar entrelaçadas nos sistemas e nos processos sociais das comunidades a serem contempladas por um projeto dessa natureza. Nesse sentido, promover a inclusão social significa “focalizar na transformação e não na tecnologia” (JARBOE *apud* WARSCHAUER, 2006, p. 24).

Além disso, Warschauer (2006) complementa que a ilusão de superação da exclusão digital está alicerçada na falsa ideia de uma divisão binária entre ter acesso à informação digital e não ter acesso à informação digital. Estar incluído socialmente pressupõe verificar o que significa estar incluído em cada época, noção intrinsecamente ligada ao surgimento e alcance dos meios de comunicação na sociedade na visão do Warschauer (2006). Com isso, o autor (2006) parte da premissa de que “a capacidade de acessar, adaptar e criar novo conhecimento por meio do uso das novas TICs é decisiva para a inclusão social na época atual” (WARSCHAUER, 2006, p. 25). Assim, mostra-se que as diretrizes impostas, e não a cultura emergente as políticas públicas, acabam “não vingando” em comunidades remotas que as veem como intrusas (PASSERINO, 2010).

Visitamos outra comunidade rural visitada, chamada “*Arroyo Blanco*”, que fica localizada a 100 km do centro da cidade de Rivera. Lá encontramos uma comunidade mais organizada e voltada ao uso dos recursos tecnológicos. Fomos recebidos na escola, os alunos naquele dia ensaiavam para uma apresentação que deveriam fazê-la dentro de alguns dias, para festejar uma data comemorativa para os uruguaios, a batalha de *las piedras*.

Quando chegamos, os alunos cantaram para nos receber. Depois nos encaminharam para uma sala, onde os eles estavam cada um com seu respectivo XO e assim iniciamos nossa conversa sobre o uso do XO fora da Escola. Os alunos parecem empolgados com o computador e a possibilidade de conexão à internet na escola da comunidade. Dizem que costumam ir à escola, fora do horário da aula, para acessar a internet e conseguir informações, enviar e-mails e baixar jogos ou outras informações para uso familiar. Dizem ainda que, em casa, eles conseguem fazer um uso mais limitado, pois não tem acesso à internet, apenas alguns alunos que vivem próximo da escola e conseguem ter conexão nas suas residências.

“[...] Aluna relata que mora do lado da Escola e por isso tem acesso à internet em casa, utiliza a internet com frequência fez um blog e costuma atualizar, além de participar das redes sociais”. RECORTE ENTREVISTA ALUNA ESCOLA RURAL

Esta comunidade possui grandes limitações de infraestrutura, mas a escola parece ser a grande referência para aquelas famílias, pois ainda se mantêm como um norte na aprendizagem e direcionamento daqueles alunos.

Observamos aqui uma utilização do XO um pouco diferente daquela que visualizamos nos bairros da zona urbana de Rivera. Nesta localidade os alunos fazem um uso da máquina, fora da Escola, não atrelado à conexão da internet. Reúnem-se para utilizar, individualmente, o XO. Cada um utiliza o seu respectivo computador e realiza a atividade de jogos na maioria das vezes. Costumam reunir-se em um comércio que fica na vila, um local que vende gêneros alimentícios e utilidades, já que estão distante do centro e dos locais de comércio, além de ser um lugar onde os membros da comunidade reúnem-se para conversar. Os alunos comentam que acabam indo naquele lugar acompanhados de seus pais e costumam levar o computador para se reunirem com os colegas que ali estão para jogar. A interação aqui não virtual, pois na utilização naquele local não possuem acesso à internet e não compartilham jogos, mas compartilham aprendizagens, trocam ideias, conversam e mantêm os laços de amizade. Essas trocas serão analisadas com maiores detalhes no capítulo 6.2, que compõe a análise dos dados netnográficos.

Estes alunos, eventualmente, utilizam a internet na frente da escola, porém gostam mais de estar jogando e convivendo com os colegas no local do comércio, onde é um ponto de encontro dos demais amigos da comunidade. Comentam ainda que os pais não utilizam o computador, mas que quando necessitam pedem para os filhos realizar pesquisas usando a internet da escola.

Realizando uma análise das interações que ocorrem em diferentes localidades entre as áreas urbanas e rurais da cidade de Rivera, percebemos que, apesar dos alunos possuírem o mesmo equipamento (o computador XO) e a possibilidade de conexão o uso que é dado pelos alunos é diferente. Podemos definir um uso em localidades rurais menos intenso do que nos bairros mais centrais da cidade, pois o uso do computador nestas localidades está mais associado à aplicação que é dada na escola, além de que os espaços aqui são diferentes, as distâncias também, mesmo que a ideia central tenha sido a de proporcionar o mesmo acesso em locais urbanos ou rurais. Evidencia-se menos intensidade de uso nas localidades rurais devido às dificuldades de deslocamento para conseguir o acesso a internet nas proximidades da escola, fazendo ressaltar aqui a necessidade de conexão apontada por Warschauer (2006) no sentido de direcionar o uso dos computadores.

Através de relatos nas entrevistas, observamos que existe um uso desatrelado da internet. Reúnem-se para jogar, cada um nos seus computadores, mas ressaltamos que a

interação que ocorre entre os alunos durante a exploração das ferramentas é mais próximo, já que foi possível registrar durante as utilizações um envolvimento e uma colaboração entre os pares.

Figura 25 - Usos no meio rural



Durante as observações nestes espaços percebe-se que os alunos possuem um forte vínculo e também manifestam o desejo de estarem juntos na utilização do computador. Possuem, inclusive, grupos de amigos que costumam se reunir para fazer uso do XO. Vários manifestam a preferência de estar com os colegas no momento de utilizar o XO, ao invés de usar a conexão em sua residência quando isso é possível (alunos que residem próximo da escola do bairro onde vivem).

Ainda existem poucos trabalhos que façam análises da utilização dos computadores em espaços mais afastados do centro urbano das cidades. As comunidades rurais ainda estão esquecidas, nos levando a pensar a necessidade de realizar incentivos e teorias que sustentem o uso nestes espaços.

6.2 ESTUDO NETNOGRÁFICO

Neste item apresentam-se as análises dos dados coletados no estudo netnográfico. Após um determinado período de realização dos estudos etnográficos partimos para a seleção dos sujeitos para acompanhamento virtual, procurando conectar a pesquisadora a estes membros nas redes sociais.

Neste estudo, como já foi mencionado ao longo desta dissertação, nosso foco de análise são as possibilidades de sociabilização através da CMC. Portanto, passamos a analisar

evidências de sociabilidade *on-line* através das trocas sociais e rastros deixados na rede que enaltecem o novo comportamento das pessoas na rede, ou ainda estendem os tipos de comportamentos da vida real para a vida virtual.

Ao analisar as redes sociais na internet precisamos levar em consideração a interação das pessoas neste processo tecnológico, pois muitas vezes os focos de estudo partem dos equipamentos tecnológicos e esquecem do entorno a ser analisado. Por isso em nosso estudo procuramos focar **menos nas possibilidades da própria tecnologia e mais nos usos e produtos deste uso pelas pessoas.**

Com isso, ao longo da pesquisa em diversas localidades da cidade de Rivera, foi possível perceber que a maioria do uso dos XO estava atrelada à internet, constituindo novos espaços e práticas culturais, conforme foi discutido no item anterior. Da mesma forma que no estudo etnográfico, no netnográfico foi possível perceber um uso dos computadores XO no ciberespaço para construir redes sociais que emergiram entre os participantes, jovens em especial¹³.

O estudo netnográfico iniciou a partir dos primeiros contatos com sujeitos que, enquadrados no perfil de utilizar o computador fora da escola e ser participante de uma Rede Social na Internet (RSI), passaram a compor nosso grupo de informantes.

O grupo de sujeitos participantes interagindo no ciberespaço foi de 6 sujeitos, com estes iniciamos nosso estudo netnográfico. O primeiro passo foi solicitar que todo sujeito nos aceitasse para ser seu amigo na sua rede social. Ao ser aceito pelo sujeito, a etapa seguinte foi enviar uma mensagem de boas vindas no meio digital, no qual a pesquisadora e o sujeito já eram participantes, mas ainda não eram amigos. Em alguns casos, os alunos corresponderam de imediato nosso contato, enviando resposta ao nosso primeiro recado e sinalizando para um início de interações através da rede, e em outros esta interação foi mais tímida ou inexistente.

6.2.1 Definindo os sujeitos da rede social estabelecida:

Nossa investigação buscou compreender como as redes sociais constituídas estão modificando os processos sociais da sociedade analisada. Iniciamos analisando o “perfil” de cada sujeito na rede, esse perfil é a representação do indivíduo no ambiente virtual. Conforme

¹³ Os sujeitos da pesquisa neste caso eram alunos com idade entre 11 e 16 anos que faziam o uso do computador fora do ambiente da escola e neste uso evidenciava-se o acesso a redes sociais. Frente a estas condições foram escolhidos os informantes do estudo netnográfico.

Recuero (2009, p.28) “através das formas de identificações dos usuários na internet, é possível **perceber os atores** e observar as interações e conexões entre eles”.

Dentre os sujeitos entrevistados (quarenta), selecionamos seis alunos. Estes que efetivamente nos aceitaram em suas redes sociais. E aqui iniciou nossa caminhada na busca de criar laços e nos aproximar cada vez mais dos sujeitos que apenas teríamos encontrado uma única vez fazendo o uso do XO em algum local fora da Escola.

O Quadro 6 mostra a descrição dos alunos selecionados e indica quais continuaram a interação na rede de amigos.

Quadro 6 – Descrição dos alunos selecionados

| Identificação do sujeito | Local onde estava usando XO na primeira observação | Qual atividade estava realizando durante a observação | Continuou a interação na rede social |
|---|--|---|---|
| Sujeito K Sexo feminino 14 anos Reside na zona urbana | Na frente de sua residência acompanhada da irmã. | Utilizava a internet para baixar jogos e verificar recados na rede social (<i>Orkut</i>). | Sim, algumas vezes correspondeu as mensagens, depois não manteve a interação. |
| Sujeito C Sexo feminino 14 anos Reside na zona urbana | Na sua residência, uso individual. | Utilizava para acessar a internet, realizando pesquisa e enviando recados na rede social (<i>facebook</i>). | Sim, sujeito ativo na rede social, envia vários recados, interação intensa com o pesquisador. |
| Sujeito Ka Sexo feminino 13 anos Reside na zona urbana | Na frente da escola do bairro acompanhada da irmã. | Acessando a internet, verificando email e recados a rede social (<i>Orkut</i>). | Sim, sujeito muito participativo, gosta de enviar recados e continuou se correspondendo com a pesquisadora. |
| Sujeito S Sexo masculino 16 anos Reside na zona urbana | Em cima de um barranco sozinho. | Realizando pesquisas para trabalho escolar e respondendo recados da sua rede social (<i>Orkut</i>) | Não respondeu nenhuma mensagem da pesquisadora na rede social. |
| Sujeito E Sexo feminino 12 anos Reside na zona rural | Na escola com os colegas | Acessando a sua rede social (<i>Orkut</i>) | Não respondeu nenhuma mensagem da pesquisadora. |
| Sujeito J Sexo feminino 11 anos Reside na zona urbana | Na sua residência acompanhada da mãe. | Verificando recados na rede social (<i>Orkut</i>) | Não respondeu as solicitações da pesquisadora. |

No início das interações, depois que recebemos o aceite dos alunos para participar de sua rede social, passamos de alguma forma a fazer parte do grupo de amigos virtuais estabelecidos por estes alunos. O contato inicial com todos se deu da mesma forma, ao receber o convite aceitamos e partimos para a primeira interação virtual. E assim passamos a identificar nas primeiras trocas a **interação reativa**, que conforme Primo (1998 e 2003) ocorre no momento da solicitação e aceite de amizade para a rede social. Após ocorrer a primeira troca de mensagens passamos a identificar interação mútua, em que, depois de enviar um recado, recebíamos uma resposta dos sujeitos, estabelecendo as interações iniciais.

A interação na rede social com estes sujeitos ocorreu entre os meses de maio e outubro de 2011. Em alguns casos, como de três alunas (Sujeito Ka, Sujeito C, Sujeito K), houve

inclusive continuidade das formas de interação para fora da rede social, se estendendo ao meio onde vivem, inserindo assim a pesquisadora de fato no seu grupo de amigos e conhecidos.

Como pode ser percebido no Quadro 6, a maioria dos participantes utilizava a plataforma *orkut* para construir sua RSI, sendo que apenas um deles utilizava o *facebook*. Na atualidade existe um grande crescimento dos usuários do *facebook* no Brasil (*Internet World Stats*)¹⁴, mas na localidade de realização desta pesquisa percebemos que a plataforma do *facebook* ainda é pouco utilizada pelo público desta pesquisa.

Ainda com relação às informações apontadas pelo Quadro 6 percebe-se que, entre os sujeitos selecionados, a maioria tratava-se de meninas. Este dado contrasta com as nossas observações nos lugares públicos, que evidenciavam a maioria de usuários do sexo masculino. Acreditamos que, por se tratar de ambientes distantes das residências os pais não permitiam o deslocamento das meninas para estes lugares. Mas mesmo frente a este cenário, encontramos algumas meninas em ocasiões especiais (em frente à residência da família) ou em frente a escola acompanhadas, e com isso acabamos conseguindo entrevistar meninas que compõem nosso grupo de estudos no campo netnográfico.

Para analisar a rede constituída durante este estudo vamos adotar um modelo de análise sugerido por Recuero (2009), que possui como elementos principais a organização, a estrutura e a dinâmica. A organização refere-se à interação social em um grupo, a estrutura relaciona-se ao resultado das trocas originadas no grupo, em termos de capital social e laços sociais. E a dinâmica está relacionada com as mudanças que ocorrem ao longo do tempo nas redes. O item dinâmica não será contemplado em nossas análises devido ao pouco tempo de trocas realizadas, não sendo possível evidenciar as possíveis mudanças.

Partimos então da investigação dos itens **organização** e **estrutura**, direcionando nossas análises para as interações sociais ocorridas entre o grupo estabelecido e as trocas realizadas por estes, buscando caracterizar os tipos de laços sociais e capital social trocado na rede.

a) **Sujeito K**

Na composição de nossa RSI para este estudo, adicionamos o primeiro sujeito, uma menina de 14 anos (**Sujeito K**) que já utiliza a rede social a um longo tempo e possui um número considerável de amigos, um total de 371, participante de 92 comunidades.

¹⁴ Internet World Stats é um site que estuda os usos da internet no mundo, indicando dados atuais deste uso. Disponível em: <http://www.internetworldstats.com/>

A Figura 27 apresenta a imagem que representa o resumo das informações apresentadas no perfil do Sujeito K.

Figura 26 - Resumo das informações apresentadas no perfil do Sujeito K.



Em seu perfil encontramos apenas uma breve descrição, contendo ainda uma foto adicionada junto ao texto, possui ainda alguns depoimentos. No álbum muitas imagens com frases simbólicas e fotos de acontecimentos em família e amigos. Verifica-se que a aluna costuma atualizar seu perfil, com fotos, vídeos ou novas informações. Porém não encontramos evidências de produções deste sujeito e sim postagem referente a vídeos oriundos do próprio *youtube*.

A interação com o **Sujeito K** não avançou, pois, depois de adicionar e trocar o primeiro recado, não tivemos mais contato na plataforma. Percebemos ainda que depois de um tempo o seu perfil passou a ser comandado por outra pessoa, supostamente seu namorado, que fazia então o uso do seu perfil para lhe deixar declarações e recados, tendo inclusive modificado o texto de descrição e apresentação da menina. Assim, não tentamos mais contato com o Sujeito K, devido à falta de retorno da mesma.

b) Sujeito C

O segundo sujeito que se soma a rede, uma menina de 14 anos, **Sujeito C**, que faz uso diário da internet, pois consegue acesso ao sinal da Escola nas proximidades de sua residência. Costuma utilizar o XO para trabalhos escolares, pesquisas e acesso a rede social (*facebook*) e para comunicação. Desde que recebeu seu computador passou a emprestar também para o uso de sua irmã, na sua residência as duas irmãs fazem um uso intenso do

computador. C é uma menina bastante comunicativa e interessada em tecnologia, gosta de saber cada vez mais sobre as ferramentas disponíveis na internet. No momento da visita trocamos nossos contatos e passamos a conversar utilizando a rede social.

A Figura 27 mostra o resumo das informações do perfil do Sujeito C.



O perfil no *facebook* de C tem um total de 151 amigos, na sua descrição na página ela não costuma utilizar sua imagem e sim adota usar fotos de seu time de futebol (*Penharõl*) ou ainda outras imagens que tenham alguma simbologia momentânea para ela. Na sua descrição no perfil encontramos poucas informações com relação a C, ela não é participante de nenhuma comunidade na rede e também não possui vídeos postados.

As trocas realizadas com o Sujeito C mostram que a aluna utiliza os recursos de comunicação da plataforma do *facebook* corretamente, pois envia mensagem, responde-as e faz isso corretamente e com frequência no acesso.

Sob o aspecto das trocas realizadas verifica-se que entre a pesquisadora e o sujeito C estabeleceram-se trocas que efetivame **laços fortes**, pois ao analisar as trocas verifica-se a intimidade e proximidade estabelecida (WELLMAN, 1997; GRANOVETTER, 2000).

Assim que o sujeito C passou a ser amigo na rede nossa comunicação foi bastante frequente. A cada mensagem enviada para C sempre tínhamos um retorno pontual, conforme mostram os recortes das interações:

| Data do scrap Sujeito C | Texto do scrap enviado por Sujeito C |
|----------------------------|--|
| 28 de maio | <i>hola como estas ?te mando meu celular: 000000000000000000 beijos</i> |
| Data do scrap Pesquisadora | Texto do scrap enviado pela pesquisadora |
| 28 de maio | <i>Obrigada...vou te chamar para marcar com tuas colegas na proxima semana.brigadu bjinho bom final de semana p tu Ahhh tuas fotinhos ficaram lindass vou levar qndo for</i> |

Resposta do Sujeito C para pesquisadora:

| Data do scrap Sujeito C | Texto do scrap enviado por Sujeito C |
|-------------------------|---|
| 28 de maio | <i>ok vo esperar tua ligasau niguna d mis amigas quiserum por que tiene la xo boqueada besoss</i> |

Verifica-se nas mensagens trocadas entre o Sujeito C e a pesquisadora uma efetiva interação, onde o sujeito responde quase que de imediato à mensagem. A aluna possui acesso à internet em sua residência (oriundo da escola do bairro) e, portanto, faz um uso diário da rede. E assim se intensificam as trocas sociais ao longo dos dias, conforme mostram os recortes a seguir:

| Data do scrap Pesquisadora | Texto do scrap enviado pela pesquisadora |
|----------------------------|---|
| 17 de junho | <i>Oi C.... tdo bem contigo?Que dia na semana que vem tu pode falar comigo? preciso te entregar as fotos e te perguntar mais umas coisas para minha pesquisa. Espero teu contato, eu posso qualquer dia..me avisa quando tu pode e vou na tua casa. bjinhou e bom findi</i> |
| Data do scrap Sujeito C | Texto do scrap enviado por Sujeito C |
| 17 de junho | <i>tudo bem!!!! eu nau sei pode ser qualquer dia?besos</i> |

Ao estudar a interação social é preciso buscar compreender a comunicação entre os atores, analisando então as trocas de mensagens e principalmente o sentido destas, procurando entender o sentido das trocas comunicativas nas trocas sociais. As interações na rede são parte

de suas percepções do universo que os rodeia, influenciadas por elas e pelas motivações particulares desses atores (RECUERO, 2009).

Para Donath (2000) o processo de sociabilidade está baseado nas impressões que os próprios atores sociais constroem desde o início da sua interação na rede. E essas impressões são tanto percebidas por eles como fazem parte dos papéis sociais ali representados (GOFFMAN, 1975).

Para efetivar estas trocas e fazer emergir relações sociais naquele espaço, depois de alguns dias sem trocar mensagens, a pesquisadora entra novamente em contato com o Sujeito C:

| Data do scrap Pesquisadora | Texto do scrap enviado pela pesquisadora |
|----------------------------|--|
| 07 de julho | <i>Vamos passear? Oi C..., quero saber se tu podia marcar com alguma amiga para nos ir na casa dela para fazer a entrevista? Acho melhor tu avisar que vamos um dia certo que tu acha? Assim marcamos e vamos em umas quantas..tipo umas 3? será que tu tem 3 amigas para nos ir fazer as perguntas?</i> |

| Data do scrap Sujeito C | Texto do scrap enviado por Sujeito C |
|-------------------------|--|
| 09 de julho | <i>hola !!! c estas? cuando vas a venir a mi casa , hable con mi prima sofia, x que tiene xo y entra en el facebook!!! besosssss</i> |

Ao analisar as trocas sob a permissão da identificação do capital social verifica-se que nas interações com C evidenciam-se trocas do tipo relacional, que se caracteriza conforme Bertolini e Bravo (2004) pelo somatório das relações e laços que conectam os sujeitos na rede estabelecida.

c) Sujeito Ka

Durante uma observação em um bairro mais distante do centro da cidade de Rivera, encontramos o **Sujeito Ka**, uma menina de 13 anos que estava fazendo uso da internet na frente da Escola do bairro onde reside, na oportunidade estava acompanhada de sua irmã menor. Ka costuma ir até o local de acesso à internet pelo menos uma vez por semana, utilizando os serviços de comunicação disponíveis na rede. Possui perfil no *orkut* e faz uso do e-mail, além de softwares de comunicação imediata como o MSN. Durante a observação a aluna utilizava o perfil do *orkut* para enviar e responder a recados.

Figura 28 - Resumo das informações apresentadas no perfil do Sujeito Ka.



Em seu perfil no *orkut* encontramos uma breve descrição de Ka. Ela costuma colocar imagens suas no perfil e também adicionar fotos com amigos e algumas imagens com referência à escola que frequenta. Não participa de nenhuma comunidade virtual, possui 215 amigos na rede e nenhuma comunidade.

Solicitamos ao sujeito Ka que nos adicionasse na rede para iniciarmos a interação. Depois de alguns dias iniciamos nossa interação na internet.

| Data do scrap Pesquisadora | Texto do scrap enviado pela Pesquisadora |
|----------------------------|--|
| 01 maio | Oi K tudo bem contigo? Vou te enviar as fotos que tiramos na pesquisa com tua irmã. bjsss |

| Data do scrap Sujeito Ka | Texto do scrap enviado por Sujeito Ka |
|--------------------------|---|
| 02 maio | todo bien y bos?? ok mandame las fotos ... bueno bezots!! |

| Data do scrap Pesquisadora | Texto do scrap enviado pela Pesquisadora |
|----------------------------|--|
| 02 maio | K tem outras fotos bem legais..te mando no email ta.bjss |

| Data do scrap Sujeito Ka | Texto do scrap enviado por Sujeito Ka |
|--------------------------|--|
| 02 maio | en verdad salio muy linda la foto!!! buen ok las estare esperando en email bechos!! |

O **Sujeito Ka** faz uso constante da internet e conecta-se a rede na escola que fica próxima a sua residência. Porém a aluna estuda em outra escola que fica mais distante, mas costuma usar a internet da escola do bairro para conectar-se.

Assim como o Sujeito C, a maioria das trocas efetuadas durante a realização da pesquisa foram do tipo relacional. A seguir apresentaremos alguns recortes destas trocas:

| Data do scrap Pesquisadora | Texto do scrap enviado pela Pesquisadora |
|----------------------------|---|
| 04/setembro | <i>hola k... q linda esta na foto nova pode ir na Escola q dia vou ir conversar contigo para terminar a entrevista besoss</i> |

| Data do scrap Sujeito Ka | Texto do scrap enviado por Sujeito Ka |
|--------------------------|--|
| 8/setembro | <i>hola.... buen te comento k mi compu n la tengo mas pues tenia k cambiarla x una azul k me sirve para el liceo ok y nse cuando me la van entregar de nuevo ok bzot....</i> |

| Data do scrap Pesquisadora | Texto do scrap enviado pela Pesquisadora |
|----------------------------|--|
| 05/outubro | <i>Olá querida, Estou em Livramento na próxima semana...vou ir até a Escola conversar contigo e ver a nova máquina. besitoss nos falamos</i> |

| Data do scrap Sujeito Ka | Texto do scrap enviado por Sujeito Ka |
|--------------------------|--|
| 05/outubro | <i>hola marcia como estas?? tdo bien?? buen te cuento ya recibi la computadora nueva cuando kieras me avisas y nos vemos en la escuela de m barrio ta!! buen... BzOoT... resp cuando puedas ta!!</i> |

| Data do scrap Pesquisadora | Texto do scrap enviado pela Pesquisadora |
|----------------------------|--|
| 10 de julho | <i>Hola C.....eu bem e tu? Posso ir na tua casa miercoles de manhã, será que tua prima pode conversar comigo neste dia? Se puder me avisa dai passo na tua casa e vamos. besoss e mais uma vez graciasss</i> |

| Data do scrap Sujeito C | Texto do scrap enviado por Sujeito C |
|-------------------------|--|
| 10 de julho | <i>veni cuando quieras !!! mis vacaciones estan terminando , pero si quieres veni d mañana o los sabados d tarde eso d las 18:30 o el domingo veni cualquier hora el domingo !!!! besoss</i> |

A partir do que foi apresentado anteriormente nos recortes das trocas realizadas nas redes sociais utilizadas com os sujeitos desta investigação (*orkut* e *facebook*) percebe-se que o capital social constituído estaria basicamente na categoria “relacional”, de acordo com a classificação de Bertolini e Bravo (2004). As categorias cognitivo, confiança no ambiente e institucional não foram evidenciadas nas trocas estabelecidas.

d) Sujeito S

Conhecemos então outro membro da nossa rede de amigos, o **Sujeito S**, um menino de 13 anos que frequenta o ensino médio e foi encontrado utilizando o seu XO nas proximidades

da escola do bairro. Ao conversar com o aluno este nos adicionou naquele momento a sua rede social. Este aluno utiliza o *facebook* para manter seus amigos virtuais conectados.

Ao aceitar o Sujeito S, enviamos uma mensagem perguntando para o aluno algo que ele havia comentado na entrevista referente ao tema de seu interesse, porém o sujeito S não respondeu a nenhuma de nossas mensagens.

Observou-se então que S não interagiu virtualmente com a pesquisadora, já que este apenas fez o contato inicial respondendo ao convite para fazer parte de sua rede, mas não manteve o vínculo estabelecido presencialmente, onde conversamos e o aluno, muito comunicativo, acabou contando bastante sobre o uso que ele fazia do XO. Isso não foi transposto para o virtual, já que no uso na rede social o aluno não enviou nenhuma resposta aos recados enviados pela pesquisadora, observando-se então um silêncio virtual deste aluno.

e) **Sujeito E**

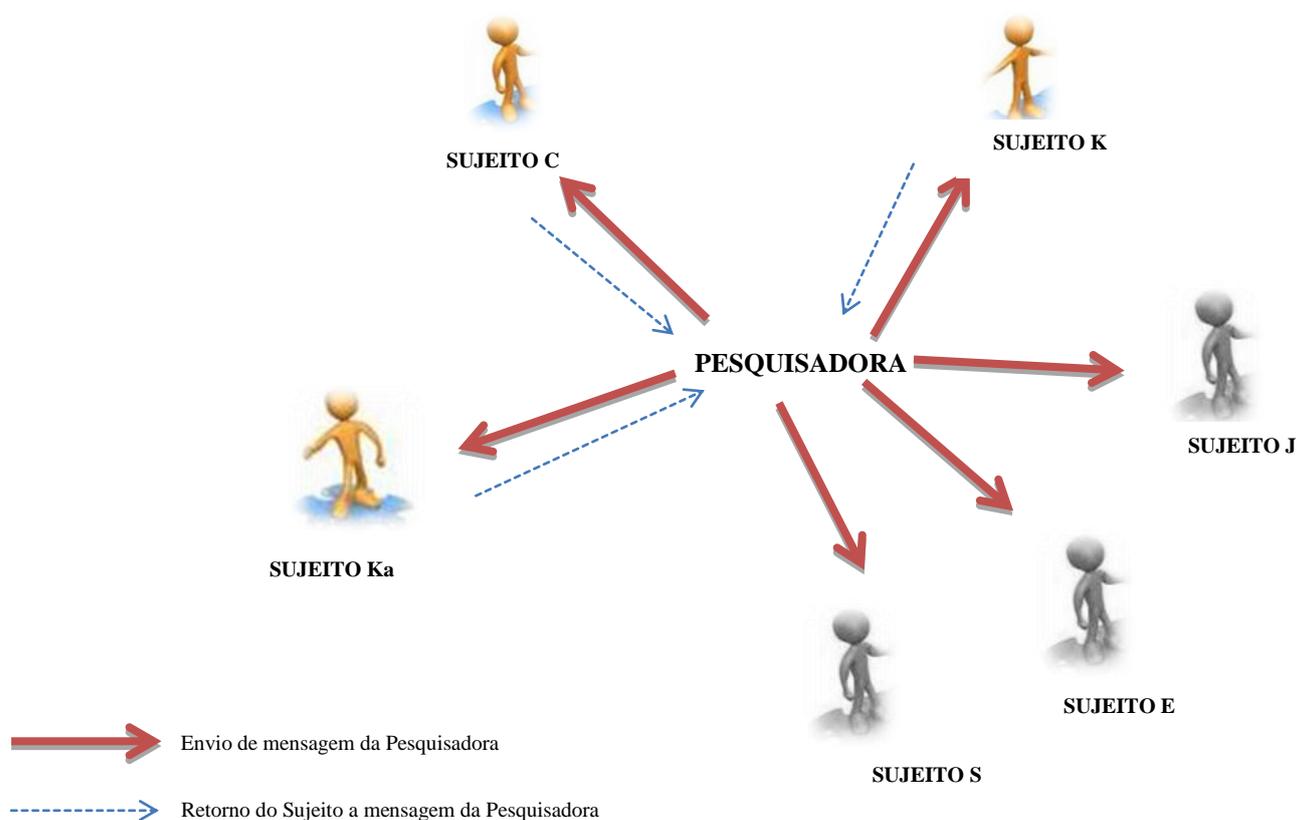
Durante uma visita em uma comunidade rural, agrega-se mais um sujeito a nossa rede. Assim, conhecemos o **Sujeito E**, uma menina de 12 anos que reside do lado da escola rural e assim consegue ter sinal da internet em sua residência. A aluna contou que costuma fazer uso frequente da internet, que possui perfil no *orkut*, blog e faz uso do e-mail para se comunicar. Pedimos à aluna para que nos adicionasse na sua rede de amigos e assim ela fez, porém não respondeu a nenhum outro contato realizado pela pesquisadora.

f) **Sujeito J**

Em uma entrevista realizada com uma menina na saída de uma Escola, fomos apresentados para o **Sujeito J**, uma menina de 11 anos que estuda em Rivera, mas mora na cidade vizinha no Brasil. Na oportunidade o Sujeito J relatou que costuma usar a internet na escola já que fica agora afastada das vantagens de acesso aos lugares públicos da cidade onde ela estuda. Como reside em Sant'ana do Livramento ela precisa deslocar-se até a cidade de Rivera todos os dias para estudar, e nos seus intervalos, ou no final da aula, costuma fazer um uso bastante significativo do computador e dos serviços da internet. A aluna passou a ter acesso a e-mail e a participar de redes sociais somente depois do recebimento do XO. Solicitamos à aluna que na próxima oportunidade de acesso a internet nos aceitasse como membro de sua rede social, porém a aluna não mais respondeu aos nossos contatos.

A Figura 27 apresenta o resumo das interações realizadas entre os sujeitos e a pesquisadora, indicando que a pesquisadora sempre realizou o primeiro contato solicitando a participação na rede social e o sujeito, ao responder, iniciava então a interação naquele meio.

Figura 29 - Esquema de interação



Fonte: Elaborado pela autora

Analisando o resumo das interações ocorridas entre os sujeitos selecionados e a pesquisadora, verifica-se que os Sujeitos S, E, J não responderam a nossas mensagens e apenas nos aceitaram em sua rede social, por isso não há registro de trocas realizadas entre estes sujeitos com a pesquisadora, conforme apresenta a Figura 27.

De um modo geral, sobre o tipo de rede construído pelos envolvidos nesta pesquisa (sujeitos C, Ka e K e a pesquisadora), percebe-se que se trata de RSIs de filiação/associação que são construídas através de mecanismos de filiação de *sites* de redes sociais, mais estáveis que a do tipo emergente, pois permitem que sejam representados laços que foram estabelecidos em outros espaços. Além disso, costumam não ser alteradas devido à diminuição das interações ou trocas realizadas, mas podem através das trocas agregar valor e gerar capital social. Em sua maioria são redes consideradas grandes, não sendo necessário o

ato de interagir para manter estabelecida a conexão, pois esta conexão está garantida pelo próprio sistema utilizado e, por isso, os laços criados podem ser fracos (RECUERO, 2009).

6.3 OS SENTIDOS DO USO DO XO

O estudo etnográfico possibilitou compreender os usos e práticas do XO, e a netnografia nos mostrou uma possibilidade de redes estabelecidas no meio virtual. Mas somente através da realização das entrevistas episódicas com os sujeitos selecionados no estudo netnográfico é que conseguimos mapear os sentidos do uso do XO na comunidade estudada. Quando propomos realizar um estudo etnográfico precisávamos responder a três questões norteadoras na busca dos dados: o que as pessoas fazem com a tecnologia, o que as pessoas dizem que fazem e o que as pessoas acham que deveriam fazer com a tecnologia. Esta última questão foi somente identificada durante a realização das entrevistas episódicas, razão pela qual no texto que segue iremos apresentar estes dados.

E assim, passamos a marcar algumas entrevistas episódicas. Estes encontros tinham um tema específico que buscava levar ao sujeito entrevistado a explorar momentos ao longo de sua trajetória de utilização do XO, desde o início do uso até os dias atuais.

Através das entrevistas episódicas realizadas foi possível entender um pouco mais dos sentidos de uso do XO na comunidade estudada. Os alunos conseguiram refletir desde a chegada do XO em suas vidas até a atualidade.

Os primeiros dias com o XO:

“A partir da chegada desta nova ferramenta passamos a levar todos os dias o XO para a escola, ele passou a fazer parte de nossos materiais escolares. Depois de algum tempo e após algumas tentativas de utilização em sala de aula, passamos então a levar esporadicamente o XO para a escola, somente em dias que era solicitado pelos nossos professores.” RECORTE ENTREVISTA EPISÓDICA SUJEITO C

Sob o olhar de Bunge (1999), o Ceibal, ao efetivar a distribuição de computadores portáteis aos alunos, visa a uma provável inclusão digital, mas esta só pode ser caracterizada quando o processo no qual as pessoas têm acesso às tecnologias digitais e se capacitam para poder usufruir destes recursos. Percebemos que, no caso do Ceibal, sua estruturação encontra-se fortemente direcionada nesse determinismo tecnológico, principalmente nos discursos oficiais, carecendo de estudos que verifiquem esse entrelaçamento complexo tecnologia-processos sociais. Embora se percebam alguns indícios de mudanças no contexto familiar dos alunos, estes que foram abordados em pesquisa do Observatics (2010). Mas são apenas alguns

dos nós que compõe esta trama. É evidente que há uma necessidade de ampliação do conceito de inclusão digital e suas implicações em uma sociedade sob este paradigma, de forma que o fenômeno da distribuição de um computador por aluno seja analisado sob a ótica da construção de processos de inclusão digital, que considerem não somente a utilização da tecnologia, mas a valorização cultural no ciberespaço (HINE, 2000).

Nos recortes que seguem evidenciamos alguns avanços nas primeiras explorações do XO pelos alunos e o apoio social efetivado no momento que estes alunos recebiam uma parceria para aprender a utilizar o computador. Essa aprendizagem é chamada por Warschauer (2006) de letramento, considerando que não basta ao aluno possuir equipamentos e conectividade, é preciso buscar uma aplicação significativa, através do letramento.

- O uso inicial

“Nesta exploração inicial minha irmã me auxiliou muito, fomos descobrindo através da leitura do manual de uso e depois de ir a Escola, passamos a trocar com os colegas nossas experiências neste novo mundo de descobertas. RECORTE ENTREVISTA EPSÓDICA SUJEITO C

“No inicio todos colegas se ajudavam na exploração e também contamos com o auxílio e orientação do professor. Em alguns dias o professor solicitava atividades envolvendo o computador e isso nos ajudou a ir descobrindo juntos as funções do XO.” RECORTE ENTREVISTA EPSÓDICA SUJEITO S

Nestes recortes destacamos a condição de letramento sendo atingida em diferentes momentos ao longo da exploração do computador pelos alunos e com apoio social. O que é enfatizado por Warschauer (2006), que aponta que o letramento é uma combinação de equipamentos, conteúdo, habilidades, entendimento e apoio social. O autor conclui afirmando que somente com este somatório que o indivíduo poderá envolver-se em práticas significativas.

- O uso depois de um tempo

“A utilização também foi modificando ao longo dos tempos, durante os primeiros meses o uso era mais intenso na escola, nas ruas e na minha residência. Hoje depois de 2 anos de exploração do computador, passei a ter um uso mais específico e em momentos mais determinados. Hoje consigo pegar o sinal da internet na minha residência e assim faço o uso quase que diário do computador para vários fins, estes que foram sendo agregados ao longo da minha utilização e novas descobertas.” RECORTE ENTREVISTA EPSÓDICA SUJEITO C

“Também aumentei meu número de amigos e conhecidos e atribuo isso ao uso das redes sociais, sabe antes eu conhecia as pessoas e passava a ser amigo ou conhecido somente pessoalmente, mas agora eu consigo ter mais amigos e manter eles com o uso dos recursos da internet para conversação. Utilizo bastante o msn, *facebook* para me comunicar com meus amigos.” RECORTE ENTREVISTA EPSÓDICA SUJEITO S

“As minhas notas na escola também mudaram em função de que hoje consigo ter mais oportunidade de buscar novas informações, sempre que tenho um trabalho ou mesmo curiosidade faço uso da internet e isso esta me ajudando no momento dos estudos, além é claro da forma de comunicação com meus colegas que ficou mais rápida e fácil.” RECORTE ENTREVISTA EPSÓDICA SUJEITO S

Com o passar do tempo vemos uma condição de melhorias na utilização dos recursos dos computadores, percebe-se que alunos maiores de 14 anos fazem um uso cada vez mais direcionado e em condições melhores de letramento. Para Soares, o letramento vai envolver as práticas sociais de leitura e escrita e, ainda, os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como suas consequências sobre a sociedade (SOARES, 2002). Nestes recortes, percebemos o que, conforme a autora, seriam a colocação em prática do uso da escrita e leitura através de ações obtendo alguma consequência já observada em sociedade.

7 DESBOBRAMENTOS DA PESQUISA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este estudo baseados em investigações realizadas pelo governo uruguaio através de publicações realizadas naquele país (OBSERVATICS, 2010; RIVOIR, 2010; UNESCO, 2009), em pesquisas que apontavam para um forte impulso de estar acontecendo a chamada inclusão digital/social em algumas localidades do Uruguai, onde haviam sido distribuídos computadores oriundos do projeto Ceibal. As referidas pesquisas apresentavam para um uso domiciliar destes computadores ainda um tanto tímido com relação ao envolvimento dos membros familiares, estando naquele momento a utilização dos computadores atrelada aos alunos beneficiados com a tecnologia. Havia indícios de uma utilização fora da escola, porém ainda não mapeados. Acima de tudo sabíamos que todos os alunos das escolas públicas do Uruguai estavam vivenciando um momento único da tecnologia, fazendo parte da vida em sociedade destes alunos. Então passamos a direcionar nosso olhar investigativo para a região de fronteira, onde as condições de vida diferem do restante do país devido às influências da língua, cultura e comércio. Selecionamos a cidade onde realizaríamos o estudo etnográfico e netnográfico. Rivera foi escolhida por estar na região de fronteira e possuir uma situação econômica muito instável devido as oscilações da moeda no comércio local, pois assim encontraríamos alunos beneficiados com mesma tecnologia, mas que se encontravam em situações diferenciadas devido a sua condição social.

Partimos da possibilidade de sociabilização com o advento da utilização dos XO na comunidade da cidade de Rivera e procuramos, ao longo deste estudo, responder ao seguinte questionamento: **Em que medida o uso das *ceibalitas* nos espaços públicos propicia práticas culturais de letramento digital e participações em redes sociais pelos alunos da cidade de Rivera no Uruguai, e que tipo de laços e capital social são estabelecidos?**

Consideramos que as *ceibalitas* propiciam o surgimento de práticas culturais adaptadas às já existentes, como encontros em praças, um hábito comum entres os habitantes do Uruguai. As crianças com suas *ceibalitas* se incorporam também a estes espaços e práticas, traçando um novo cenário dentro do contexto já conhecido pelos uruguaios. Registra-se ainda o uso efetivos das *ceibalitas* nas residências com o grupo familiar, e também fora desta, com algum membro familiar, levando a considerar a necessidade de ampliação desse uso por parte da família, aproveitando estas possibilidades.

Os processos de interação e aprendizagem informal que acontecem nas RSI, como já mencionamos anteriormente, ficam restritos às jovens de idade entre 11 e 16 anos de idade, o que não nos surpreende já que é uma prática entre este público considerada comum.

Nossas categorias de análise foram as seguintes:

Através do estudo etnográfico procuramos responder quais seriam as formas de socialização e utilização com o uso do XO na comunidade, identificando as práticas culturais adotadas por estes alunos fora do contexto da escola. O estudo etnográfico permitiu, primeiramente, mapear os lugares de utilização dos XO fora da escola. Após, foi possível identificar qual o uso que estes alunos faziam dos computadores, as finalidades de utilização e perceber que de fato estavam sempre conectados, com lugares de acesso a rede, onde costumam se reunir.

Aqui é preciso ressaltar que um estudo etnográfico ocorreu através da observação de como as pessoas utilizam os produtos e serviços no seu ambiente real. No nosso caso, como o uso dos XO estava sendo realizado e em que espaços. Esta técnica traz resultados focados especificamente nos comportamentos dos sujeitos da pesquisa em seu ambiente natural, então procuramos entender o diálogo entre as construções interpretativas da pesquisadora e os sujeitos pesquisados. Para isso, em nossos registros de dados durante as observações e entrevistas realizadas, procuramos fazer uso das próprias falas dos sujeitos da pesquisa, tentando entender o seus sentimentos e utilizações dadas aos computadores, além de novas práticas culturais que pareciam estar surgido. Percebemos que trabalhar com grupos de alunos crianças e jovens de contextos interculturais e sociais distintos exige um cuidado e rigor no procedimento e na escolha dos métodos a serem utilizados para a coleta de dados. Por isso utilizamos suas próprias falas e garantimos não fazer um discurso sobre eles, e sim aproveitar seus registros para assim ir contando essa história.

Mesmo a pesquisadora, de origem fronteiriça, não impediu que ao longo da pesquisa tivéssemos enfrentado várias dificuldades, no início a própria cultura do povo uruguaio, que difere em partes da nossa e possui características bem peculiares, sobretudo por ser uma cidade distante da capital. E isso pode ser observado na condição que alguns pais não aceitavam participar de nossa pesquisa, supomos que devido à falta de entendimento da importância da investigação para agregar novos dados ao processo de inclusão proposto pelo governo uruguaio.

Nossa pesquisa foi um processo difícil em alguns momentos, tivemos avanços e recuos, momentos desanimadores. Porém sabemos que isso é próprio do processo de aprender a partir de situações concretas, tentando documentar uma realidade. Ao chegar ao campo de

pesquisa enfrentamos diversas dificuldades, mas a maior delas refere-se ao fato da questão proposta por este estudo, de analisar o uso dos computadores fora da escola, exigindo que precisássemos tentar estar incluídos na comunidade estudada. Como realizamos um estudo etnográfico, precisávamos ser um nativo e ao mesmo tempo um estranho naquela cidade. A recepção das pessoas nem sempre foi satisfatória, pois alguns permitiam que conversássemos e acompanhássemos os alunos nos momentos de utilização dos XO fora da escola, e outros impediam nossa permanência no local.

Mas ao longo dos meses fomos vencendo estas barreiras e conseguindo permanecer o maior tempo possível naquela localidade, além de avançar para os espaços virtuais. Em nossas intervenções na comunidade procuramos respeitar as imposições da cultura, como horários estabelecidos para entrevistas, procurando falar o mesmo idioma dos entrevistados e, principalmente, procurando se adequar aos costumes do público jovem, que era nosso foco de investigação.

Um fato a destacar foi a diversidade da língua falada nos bairros visitados, percebemos que quando mais adentrávamos a faixa de fronteira mais desapareciam as influências da língua do país vizinho. E quanto mais nos aproximávamos da linha de fronteira maiores eram as interferências na linguagem.

O período escolhido para realização desta pesquisa permitiu que diferentes situações do uso dos computadores fossem evidenciadas, pois iniciamos nossa pesquisa em janeiro, época de férias Escolares, mas como nosso objetivo era encontrar alunos utilizando o XO fora da escola, foi possível dar início neste período, permitindo mapear diferentes condições do não uso do computador nos espaços públicos pelos alunos. O mês de fevereiro também evidenciou pouco uso dos computadores por razões semelhantes às do pouco uso em janeiro: eram férias escolares, muitos computadores estavam bloqueados, devido ao fato dos alunos não estarem acessando a rede da escola para se conectar. O uso efetivo dos computadores nos lugares públicos se estabeleceu no início das aulas, e somente neste período foi possível mapear os locais e tipos de uso.

E assim foi possível a identificação dos espaços e tipos de uso do XO fora da escola. Encontramos várias evidências de sociabilização com este uso, alunos que costumam se reunir para utilização dos computadores, e verificamos que este uso estava sempre atrelado ao uso da internet, tanto como cultura em si ou como produto deste uso.

Quanto às práticas culturais do uso dos XO, identificamos que os alunos com idade entre 8 e 13 anos costumam utilizar a internet para entretenimento, gostam de jogar e obtêm acesso à internet através da escola do bairro, se reúnem próximo da escola e acomodam-se de

forma a fazer a utilização por um longo período. Na maioria estão em grupo, seja em dupla, trio ou em maior número, percebe-se que preferem o uso em grupo, mas cada uma em sua respectiva máquina e a união justifica-se na interação que ocorre no momento da utilização, as trocas que são verificadas durante a exploração dos jogos. Utilizam espaços na frente da escola, na frente de suas próprias residências (quando estas ficam próximo da escola do bairro) e procuram sempre o sinal da internet e ali se acomodam para fazer o uso. Nestes alunos verificamos um uso bastante restrito ao entretenimento, poucos participam de redes sociais na internet ou utilizam a rede para se comunicar ou buscar informações para pesquisas escolares.

Já os alunos menores de 13 anos são motivados para o uso significativo na escola, pois foi possível perceber na fala dos pais que, em oportunidades em que a escola oferecia um suporte adequado e incentivador aos alunos, a utilização era de maior qualidade e direcionada aos estudos, mas com o tempo diferentes entraves foram surgindo, então os alunos passaram a fazer um uso mais desregrado e direcionado ao uso de jogos unicamente. Encontramos ainda uma minoria de alunos, menores de 10 anos que se sentem, segundo a fala dos pais nas entrevistas, desmotivados com o uso do computador. Percebe-se que, ao passar dos anos, o computador ficou esquecido por estes e que, agora, poucas vezes é lembrado, sentindo os pais uma sensível diferença do uso inicial para o uso atual dos XO pelos seus filhos.

Os alunos maiores de 13 anos fazem um uso mais específico, costumam utilizar a internet para se comunicar, seja por correio eletrônico, chat, mensagens instantâneas (Msn) ou mesmo nas redes sociais. Além do uso para comunicação, eles investem nas pesquisas escolares, e ficou bastante evidente o uso destes alunos nas proximidades das escolas dos bairros com fins de pesquisa escolar. Neste caso os alunos já não frequentam mais a escola do bairro, e sim já foram deslocados para as de nível secundário (que eles denominam de Liceo ou Ensino Técnico), indo até a do bairro mesmo para ter acesso a internet, muitos casos de alunos que fazem um uso rápido e ficam acomodados em pé mesmo na frente da escola para fazer sua consulta a web.

Assim percebemos que a inserção de ferramentas tecnológicas na comunidade estudada mostra que a aprendizagem dos alunos não se encerra no momento que saem da escola, ela apresenta possibilidades de ser ampliada para outros espaços. Ao realizar atividades distintas daquelas que são propostas na escola, devido às possibilidades de conectividade e acesso às tecnologias e uso significativo, é possível identificar uma forte ligação entre a capacitação oriunda da escola e as práticas identificadas.

Nossa percepção a partir dos dados coletados nos mostra a lacuna presente na exploração desse uso não formal dos computadores. Consideramos que a formação dos professores mostra-se fundamental no processo de inclusão digital de uma comunidade que recebeu os mesmos incentivos e que apresenta respostas diferenciadas no uso efetivo dos computadores. Os dados desta pesquisa apontam para a grande e forte influência do professor como sujeito que molda o uso também fora da escola dos computadores. Através das falas dos responsáveis e dos próprios alunos foi possível perceber o quanto os professores tornaram-se responsáveis pelo tipo de uso dos XO fora da escola, inclusive. Inicialmente, a formação dos professores ocorreu restrita à capital do Uruguai, mas depois de um tempo novas possibilidades de formação foram surgindo e, atualmente, os professores conseguem ter uma formação adequada nas suas próprias cidades, mesmo no interior já existem pólos de formação de professores, fazendo com que estes tenham cada vez mais formas de se capacitar para atender à demanda dos alunos na utilização dos computadores.

As comunidades rurais visitadas naquela localidade ainda necessitam de um olhar mais atento para que façam um uso mais efetivo das ferramentas oferecidas pelo projeto ceibal. Percebemos algumas comunidades pouco organizadas e fazendo um uso tímido da máquina. Encontramos uma localidade com professores desmotivados com o uso e atrelando essa ao fato de estar longe da zona urbana da cidade, impedindo ou dificultando a chegada da manutenção e condições técnicas favoráveis para o uso dos computadores pela comunidade rural. Em outra localidade rural visitada encontramos um uso mais intenso, mas somente voltado à escola da localidade. Alunos que levam o computador fazem uso, encontram suporte na escola para este uso, mas fora dela ainda o utilizam como brinquedo, fazendo o uso de jogos desassociados da internet.

Os computadores de modo geral encontram-se com alguns componentes bastante desgastados, como o teclado onde o uso é mais intenso (locais de classe baixa). Os alunos ainda têm pouco cuidado com a máquina, percebem-se teclados estragados, teclas faltando (devido ao uso dos jogos, algumas teclas como as setas de direção estão gastas e acabaram caindo do teclado), antenas para conexão sem fio também quebradas (devido ao mau uso), além de outros estragos evidenciados. Quando questionados os alunos sobre o cuidado com os computadores, estes mostram-se despreocupados e garantem que podem continuar a usar assim mesmo. Porém, isso não é regra, pois em outras localidades os alunos mostram-se mais cuidadosos, principalmente entre o público feminino encontramos XO com perfeito estado de conservação, portanto o mau trato ao computador refere-se a casos específicos atrelados ao forte uso dos jogos pelos alunos e à falta de cuidado com o computador, mesmo com as

inúmeras investidas por parte da coordenação do projeto, que investe em divulgar a necessidade de bom uso do computador.

Finalmente, o estudo netnográfico permitiu ampliar nosso campo de análise também para a internet e, principalmente, para as formas de interação destes alunos no meio digital através da participação em redes sociais. Então procuramos identificar que tipos de trocas na rede social se estabeleceram (tipos de laços e capital social).

Como resultado, foi possível identificar o interesse meramente social das interações nas plataformas estudadas, devido à dispensa da necessidade de investimento em laços sociais e na manutenção destes pelos sujeitos para que se tenha acesso ao capital social dos demais envolvidos na rede. As interações permitiram a identificação e classificação das interações com a pesquisadora, ficando evidente o uso bastante intenso destes alunos da rede para se comunicar. Os alunos com perfil para a nossa pesquisa foram acompanhados na rede durante um período e neste foi possível trocar algumas mensagens com eles, deixando rastros que foram classificados conforme, Bertolini e Bravo (2004). A maioria das trocas realizadas foi caracterizada como capital relacional.

Evidencia-se que as redes proporcionadas pelos sujeitos selecionados que utilizavam o *orkut* ou *facebook* permitiram a formação sem a necessidade de manutenção dos laços, pois a rede, uma vez criada, poderá ser mantida por um tempo, com ou sem a existência de interações entre os atores daquela rede, pois o próprio sistema mantém a rede (RECUERO, 2009). Consideramos ainda como limitação no estudo do campo netnográfico o fato dos sujeitos utilizarem somente as plataformas *orkut* e *facebook*, pois estas limitam nossas análises e não permite, devido a configurações de privacidade, estender nosso foco de análise para toda a estrutura da rede e acompanhar os rastros nas interações mais amplamente destes sujeitos.

E assim, ao findar este estudo, pensamos que no cenário de inclusão digital, com vistas à inclusão social estabelecida no Uruguai, ainda é um tema a ser amplamente explorado. Nossa investigação permitiu apenas dar os primeiros passos em direção à análise deste tipo de inclusão, deixando visíveis muitas direções que podem ser ainda analisadas em trabalhos futuros. Quando se trata da realização de um estudo etnográfico, sabemos que os dados aqui coletados e analisados podem a qualquer momento ser alvo de novas análises com novos objetivos de estudo em outro tempo.

8 REFERÊNCIAS

- ALAVA, S. *Ciberespaço e Formações Abertas: rumo a novas práticas educacionais?* Organizado por Séraphin Alava; tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BEZ, M. R.; V. R. Projeto um Computador por Aluno - UCA Formação Brasil. *Sbie*. Joao Pessoa, 2010
- BUCKINGHAM, D. *Más, allá de la tecnologia: aprendizaje infantil em la era de la cultura digital*. Buenos Aires: Manantial, 2008.
- BERTOLINI, S; BRAVO, G. *Social Capital, a Multidimensional Concept*. 2004. Disponível em: [http:// web.archive.org/web/20030318075349/ http://www.ex.ac.uk/shipss/politics/research/socialcapital/other/bertolini.pdf](http://web.archive.org/web/20030318075349/http://www.ex.ac.uk/shipss/politics/research/socialcapital/other/bertolini.pdf) Acesso em: 15/09/2011.
- BOURDIEU, P. *The Forms of Capital*. Originalmente publicado em alemão como “Okomisches nKapital Kulturelles Kapital, soziales ncapital” na *Spziale Ungleichheiyeen* (Soziale Wlt, Sonderhelf 2), editado por Reinhardt Kreckel. Goettingen: Otto, Shacartz & Co.1983 pp.183-98. Traduzido por Richard Nice para o inglês. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/bourdieu>. Acesso em: 01/09/2011
- CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede*. 9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- CHAVES, E. O. C. *A inclusão digital e a Educação*, 2006. Disponível em: <http://Escola2000.org.br/pesquisa/texto/textosart.aspx?id=79>. Acesso em outubro 2010.
- COLEMAN, J. S. Social Capital and the Creation of Human Capital. *American Journal of Sociology*, n. 94, p. S95-S120, 1988.
- CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos*. Tradução de Luciana de Oliveira Rocha. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DEGENNE, A.; FORSÉ, M. *Introducing Social Networks*. London: Sage, 1999.
- FALK, I;KILPATRICK, S. What is social capital? A study of rural communities. *Sociologia Ruralis*, v.4o, n.1, p.87-110, 2000.
- FERREIRA, M. C. R.; AMORIM, K. de S.; SILVA, A.P. S. da; CARVALHO, A. M. A. *Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2ed. Porto Alegre: Bookman, 2004

HERRERA, M. H.; PASSERINO, L. M. Estigma e Ciberespaço: desafios da netnografia como metodologia para pesquisa de redes temáticas na blogosfera. *Novas Tecnologias na educação*, 2008.

GONZALES R. F. L. *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*; tradução Raquel Souza Lobo Guzzi; revisão técnica do autor: São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara Ed. 1989.

GOFFMAN E. *A Representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Editora Vozes, 1999.

GRANOVETTER M. *La fuerza de los vínculos débiles*. Tradução de Maria Ángeles Garcia Verdasco. *Políticas y Sociedad*, n.33. Madrid, p. 41-56, 2000.

HINE, C. *Etnografía Virtual*. Coleção Nuevas Tecnologias y Sociedad, Editorial UOC, 2000.

INE, Instituto Nacional Estatísticas do Uruguay, 2011 disponível em: <http://www.ine.gub.uy/>. Acesso em novembro de 2011.

KOZINETS, R. V. *Netnography*. Doing Ethnographic Research Online. 2010.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na Escola. In: KLEIMAN, A. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995, . 15.

KLEIMAN, A. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. (Org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas: Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*, de Magda Soares. Educ. Social, Campinas, vol. 23, n.81, p. 143-160, dez. 2002.

LADEIRA, F.; AMARAL, I. *A educação de alunos com multideficiência nas Escolas de Ensino Regular*. Coleção Apoios Educativos. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica, 1999

LATU, Laboratório Tecnológico do Uruguai. *Pesquisa Evolução do Impacto Social do Plan Ceibal*, 2009.

LEMOS, A. *Cibercultura*. Porto Alegre, Sulina, 2002.

LEVY, P. *As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1993.

LEVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1999.

LÉVY, P. A emergência do espaço cibernético e as mutações culturais. Oficina do espaço Cibernético. Conferência realizada no Festival de Arte e Cultura, promovido pela Usina do Gasômetro/Secretaria Municipal de Cultura, Porto Alegre, novembro de 1994.

MARCONI, M. de A. e LAKATOS, E. M. *Técnicas de Pesquisa*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MONTARDO, S. P. e PASSERINO, L. M. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. *RENOTE*. Vol.4, n.2 Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/renote/dez2006/artigosrenote/25065.pdf>. Acesso em maio de 2010.

MONTARDO, S. P.; PASSERINO, L. M. Espelhos quebrados no ciberespaço: implicação de rede temáticas em blogs na Análise de Redes Sociais.. In: *17o. Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 2008, São Paulo. 17o. Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.. São Paulo : UNIP, 2008. v. 1. p. 1-10

NEGROPONTE, N. (2010) *One Laptop per Child*. Disponível em: <http://www.laptop.org/en>. Acesso 20/02/2011.

OBSERVATICS, 2010: *Observatorio de Tecnologías de Información y Comunicación*. Disponível em: <http://www.observatic.edu.uy/inicio>. Acesso em 23/08/2011.

PASSERINO, L. M.; MONTARDO, S. P.; Análise de Redes Sociais em Blogs de Pessoas com Necessidades Especiais (PNE). *RENOTE*. Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 5, p. 1-12, 2007.

PASSERINO, L. M.; MONTARDO, S. P. Inclusão social via acessibilidade digital: proposta de inclusão digital para Pessoas com Necessidades Especiais (PNE). *E-Compós* (Brasília), v. 8, p. 1-18, 2007.

PEREIRA, J. T. Educação e Sociedade da Informação. IN: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO; A. E. *Letramento digital*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PUTNAM, R. *Making democracy work: civic traditions in modem Italy*. Princeton: Princeton University Press, 1993.

PUTNAM, R. *Bowling Alone: the collapse and Revival of American Community*. New York: Simon and Schuster, 2000.

RECUERO, R. *Redes sociais na Internet*. Sulina, Porto Alegre, 2009.

RIVOIR, A. L. C. *Innovación para la inclusión digital. El Plan Ceibal en Uruguay*. Montevideo, Uruguai, 2009.

SILVEIRA, S. A. *Exclusão Digital: a miséria na era da informação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SPOSATI, A. *A fluidez da inclusão/exclusão social*. Ciência e Cultura, vol. 58, no. 4., São Paulo, Out/Dec. 2006.

SMOLKA, A. L. B. *O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais*. Cadernos CEDES ano XX n° 50, abril 2000.

TOMASELLO, M. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (Coleção Tópicos).

TFOUNI, L.V. *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. Campinas: Pontes, 1988.

TFOUNI, L.V. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995.

UNESCO. *En el camino del Plan Ceibal, Referencias para padres y educadores*, Unesco, Uruguai, 2009.

UNESCO. *Ceibal en la sociedad del siglo XXI, Referencias para padres y educadores*, Unesco, Uruguai, 2009.

UNESCO. *En el Camino del Plan Ceibal*. Montevideo, Uruguay, 2010.

VYGOTSKY, L. S. *Formação Social da Mente*. 6° Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. *A Construção do Pensamento e da Linguagem* (texto integral traduzido do russo). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WARSCHAUER, M. *Tecnologia e Inclusão Social*. A exclusão digital em debate. São Paulo: Senac, 2006.

WATTS, Duncan. J. *Six Degrees*. The Science of a Connected Age. New York: W.W. Norton & Company, 2003

WASSERMAN, S.; FAUST, K. *Social network analysis: methods and applications*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.

WELLMAN, B. et. Al. The Social Affordances of Internet for Networked Individualism. *Jornal of computer Mediated Communication*, v. 8 Issue 3, (2003). Disponível em <http://www.ascusc.org/jcmc/vol8/issue3/wellman.html>. Acesso em: 20/10/2011.

WELLMAN, Barry. *Physical Place and CyberPlace: The Rise of Personalized Networking*. Fevereiro de 2001. Disponível em: <http://www.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/individualism/ijurr3al.htm> Acesso em: 04/11/2011

WELLMAN, S.; BERKOWITZ, S.D. (Ed) *Social Structures: a network approach*. Cambridge University Press, 1988.

APÊNDICE

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO

DOCUMENTO DE CONSENTIMIENTO LIBRE Y ACLARADO

Su hijo(a) está siendo invitado(a) como voluntario(a) para participar de una pesquisa, cuyo título es: "Red Sociales en contextos sócio-educativos: los caminos del Plan Ceibal. Nuestra pesquisa pretende encontrar conocimientos a efectos de que sobresalgan en el Plan Ceibal, y en los hogares y comunidad en que viven los alumnos beneficiados por el proyecto y que usan las computadoras. Todo esto tiene como objetivo de apuntar datos relevantes y útiles para los actores sociales y la población en general, permitiendo optimizar el impacto de ésta herramienta a efectos del desarrollo de la inclusión social en las familias, a través de la construcción de las redes sociales por ellos.

Buscamos, con esta investigación, analizar la utilización de éstas computadoras portátiles fuera del ámbito Escolar, identificando que tipo de uso los alumnos y sus familiares realizan fuera de los muros de la escuela y buscando comprender de que manera ésta política, en cuanto a fenómeno social favorece la construcción y participación de redes sociales, con la perspectiva de incluir a la familia en el contexto de inclusión digital analizando los intercambios realizados en éstos contextos.

El procedimiento de la recolección de datos adoptado será básicamente la aplicación de cuestionarios, entrevistas a los alumnos y a sus familiares, así como la observación durante un determinado período, a la utilización de las computadoras portátiles fuera del ambiente Escolar, analizando las posibilidades de creación de redes sociales, también será analizado que tipo de intercambios ocurran en el grupo así como en el medio virtual. También de éstas fuentes de datos, se pretende en algunos momentos realizar la grabación de las interacciones de los alumnos y sus familiares, dentro de los grupos constituidos, con el objetivo de extraer registros más ricos en su contenido. Esas grabaciones nos permitirán analizar mejor las discusiones en grupos, inclusive con documentación de los elementos de comunicación no-verbal, como gestos, expresiones faciales y acciones corporales.

El(los) pesquisador(es) ira(n) a tratar su identidad y la de su hijo(a) con pa profesionales de sigilo. Los resultados del análisis de los datos podrán ser enviadc

usted y permanecerán confidenciales. Su nombre ó el material que indique su participación no será liberado sin su consentimiento. Usted y también su hijo(a) no serán identificados(as) en ninguna publicación que pueda resultar de éste estudio. Una copia de éste consentimiento avisado será archivada en la Secretaria del Programa de Pós-Graduación en Educación de la Universidad Federal del Río Grande del Sur en Porto Alegre – RS, y la otra copia será entregue a usted.

Usted será informado(a) sobre la pesquisa en cualquier aspecto que deseara. Usted es libre para negar la participación de su hijo(a), retirar su consentimiento o interrumpir la participación en cualquier momento. Su participación y la de su hijo(a) es voluntaria y la negativa en participar no le dará ninguna penalidad o pérdida de beneficios.

Yo, _____ fui informada (o) de los objetivos de la pesquisa arriba mencionada, de manera clara y detallada y aclaré mis dudas. Sé que en cualquier momento puedo solicitar nuevas informaciones y cambiar mi decisión si así lo deseara. El(la) profesor(a) orientador(a) _____ y el profesor/pesquisador _____ me aseguraran de que todos los datos de esta pesquisa serán confidenciales

Declaro que estoy de acuerdo en participar y permitir que mi hijo(a) también participe de éste estudio. Recibí una copia de éste documento de consentimiento libre y aclarado y me fue dada la oportunidad de leer y satisfacer todas mis dudas.

| | | |
|-------------|------------------------|-------|
| Nombre / CI | Firma del Participante | Fecha |
| Nombre / CI | Firma del Pesquisador | Fecha |

APÊNDICE B : MODELO DE ENTREVISTAS ALUNOS



**PESQUISA DE SOCIABILIDAD Y INCLUSION DIGITAL PLAN CEIBAL
PUBLICO ALVO: ALUMNOS DE LAS ESCUELAS DE LA RED PÚBLICA DE
ENSEÑANZA**

Datos para Contacto:

Nombre: _____

Edad : _____ Año: _____

Dirección: _____

Teléfono: _____

E-mail: _____

Nombre de la madre: _____

Nombre del padre: _____

Nombre de la Escuela: _____

PERFIL TECNOLÓGICO

En ésta parte de la pesquisa serán realizadas preguntas sobre la utilización de la ceibalita en las casas y en los espacios públicos por los alumnos y sus familiares.

Marque las opciones que correspondan a su respuesta:

1. En el comienzo de la utilización, con quien aprendió a utilizar la ceibalita?

Maestros

Padres

Hermanos

Colegas

Solo

Otros

2. Con relación a la frecuencia del uso de la ceibalita, usted utiliza:

Ocasionalmente

Todos los dias

Una vez por semana

Nunca

Otro

3. Dónde usted tiene hábito de utilizar la ceibalita?

- En casa
- En la casa de amigos
- En la Lan House
- Otro

4. Cuándo usted utiliza la ceibalita fuera de la escuela, cuáles actividades usted realiza?

- Crear blogs, facebook, páginas web
- Enviar correo electrónico
- Buscar noticias en Internet
- Participar de chats
- Crear animaciones, programar
- Crear músicas
- Bajar músicas y videos
- Buscar informaciones para la escuela
- Dibujar
- Escribir
- Sacar foto y filmar
- Juegos. Cuáles? _____

5. Cuándo usted utiliza la ceibalita y no está con acceso a Internet, qué hábitos hacer?

- Jugar
- Utiliza los programas de la ceibalita
- Programar
- Conversar con otro colega (a través de la red)
- Leer material guardado en la ceibalita

Sociabilidad en Internet

Las preguntas que siguen serán referentes a cuestiones de sus relaciones inter-personales.

Marque las opciones que correspondan a su respuesta:

En Internet, cuál es la manera de conversar que más utiliza?

Email

MSN

Skype

Comunidades virtuales cuales _____

Otros

Sobre que asuntos en general usted conversa:

1. Cuándo usted utiliza Internet, con cuántas personas usted conversa por día?
 - Ninguna
 - 1 a 5
 - 5 a 10
 - Más de 10
 - Otro _____
2. Cuánto tiempo usted dedica a éstos contactos/conversaciones? (minutos/ horas)
 - 1 hora
 - + 1 hora
 - 1 hora
 - Otro _____
3. Usted participa de alguna red social en Internet?
 - Si.Cuál? _____
 - No. Por qué? _____
4. Usted enseñó a alguna persona a utilizar la ceibalita?
 - Amigos
 - Familiares
 - Profesores/Maestros
 - Nadie
 - Otro.Cuál: _____ Qué enseñó? _____
5. Cuáles son los integrantes de su familia que utilizan la ceibalita?
 - Hermanos mayores
 - Hermanos menores
 - Madre
 - Padre
 - Otros. Cuáles? _____
 - Ningún integrante de la familia
- 6.Cuál de los integrantes es el que más sabe utilizar la ceibalita?
 - Hermanos mayores
 - Hermanos menores
 - Madre
 - Padre
 - Otros. Cuáles? _____
7. En alguna actividad realizada en la ceibalita usted tiene ayuda de otros colegas?
 - Si
 - No

Con cuántos colegas tiene hábito de realizar actividades? _____

Cuál actividad realizan? _____

8. Cuál es el local dónde usted tiene más acceso a Internet?

- En casa
- En la escuela
- En la comunidad
- En las plazas públicas
- Otros

9. Cuando usted utiliza la ceibalita para jugar, qué tipo de juego utiliza?

- Juegos en Internet
- Juegos de la propia ceibalita
- Ninguno
- Otro

10. Al realizar sus actividades Escolares, usted tiene la I costumbre de utilizar la ceibalita?

- Si
- No

Qué tipo de actividad realiza? _____

11. Sus padres participan de éstas actividades?

- Si
- No

De qué manera? _____

12. Usted conoció otros colegas que también fueron beneficiados por el Plan Ceibal, a través de la utilización de Internet?

- Si
- No

Cuántas personas? _____

Cómo conoció? _____

Continúa comunicándose con esos colegas?

- Si
- No

APÊNDICE C : MODELO DE ENTREVISTAS DOS PAIS



PESQUISA DE SOCIABILIDAD Y INCLUSIÓN DIGITAL PLAN CEIBAL

PUBLICO ALVO: PADRES DE ALUMNOS DE LAS ESCUELAS DE LA RED PÚBLICA DE ENSEÑANZA

Datos para Contacto:

Nombre: _____

Dirección: _____

Teléfono: _____

E-mail: _____

Nombre del(a) (s) hijos (a) (s): _____

Nombre de la Escuela: _____

Profesión: _____

Marque las opciones que correspondan a su respuesta:

13. Cuándo sus familiares utilizan la ceibalita, qué tipo de actividades realizan?

- Entretenimiento (jugar, bajar música...)
- Buscar informaciones en general
- Buscar informaciones para estudiar
- Leer noticias
- Buscar informaciones sobre salud
- Utilizar correo electrónico
- Buscar informaciones para su trabajo

14. Cuáles son los motivos de otros integrantes de la familia para no usar la ceibalita?

- No saben utilizar
- Tienen otra computadora en casa
- Piensan que es solamente para los niños
- Tienen miedo de romper
- No tienen interés de usar
- La encuentran muy chica

3. Cuáles eran sus expectativas con relación a la distribución de las computadoras portátiles para sus hijos?

4. Usted notó algún(s) cambio(s) de actitud de su hijo debido al uso diario de las ceibalitas?

5. Desde la introducción de la utilización de las ceibalitas por su hijo, qué es lo que percibe con relación a las siguientes áreas:

 Escuela/ estudios

 Comunicación / Interacción con otras personas (Amistades)

 Problemas locales

 Informaciones sobre salud

 Compras

 Otra

6. Qué destaca usted como consecuencias positivas de la utilización de las ceibalitas por su hijo:

Y negativas:

APÊNDICE D : DIÁRIO ETNOGRÁFICO

Diário do Etnógrafo

Inclusão Digital Rivera – Uruguai

Janeiro – maio de 2011

Janeiro 2011

Iniciando a pesquisa aqui no Uruguai em um primeiro momento me perguntei como vou iniciar, qual caminho seguir, ou seja, por onde iniciar? Havia combinado com minha orientadora em tentar encontrar crianças que fossem filhas de pessoas que eu conheço que fossem moradores da cidade de Rivera e assim fiz. No início aproveitava qualquer oportunidade para falar que estava pesquisando a inclusão digital em Rivera... precisava entrevistar... conhecer crianças que tivessem sido beneficiadas com o projeto ceibal. Então fui aproveitando e qualquer oportunidade, evento social e assim fui falando com amigos e estes me apresentando a outras pessoas com filhos na idade escolar e beneficiados com o projeto de inclusão digital do governo uruguaio. E assim consegui marcar minha primeira entrevista, consegui esta através de meus familiares que moram em Rivera e me convidaram a visitar o bairro onde vivem e entrevistar as crianças da casa e vizinhos. Cheguei na residência e já me esperava a mãe da criança e o menino de 6 anos para a realização da entrevista. Porém ao iniciar os questionamentos percebi que o menino não utilizava o XO, não tem interesse em usar, somente utiliza na escola, quando a professora solicita o uso. Portanto, neste caso verifica-se que o menino (pequeno ainda e que não descobriu as funcionalidades da internet) não faz o uso do computador em casa, prefere outros entretenimentos como vídeo game e atividades físicas com colegas. Assim a mãe do menino me levou a uma vizinha que possui duas filhas e que utilizam com muita frequência o XO. Ao chegar na residência da vizinha fui atendida no comércio (um mercadinho) onde a mãe das crianças é proprietária. Ela muito simpática, concordou em realizar a entrevista, dizia ela: sabe tenho 2 filhas e elas

utilizam muito o XO, mas tenho uma filha que tem 14 anos e já está indo para o Liceo (ensino médio) ela sim utiliza mais, tem um grupo de colegas que se reúne aqui na frente da minha casa perto de uma árvore o "umbu" e ali eles conseguem acessar o sinal da internet da escola e sempre a tardinha se reúnem para acessar com os colegas. Eu indaguei: o que fazem? Sabe o que acessam? Ela respondeu: ficam jogando usam também para se comunicar... sabe o MSN... eles gostam de falar com os outros, acessar o Orkut... alguns tem perfil e utilizam bastante, porém somente a minha filha maior utiliza este recurso. Perguntei ainda: como você percebe essa utilização do XO pelas suas filhas?

Ela responde: acho ótimo excelente minha filha maior ficava o tempo todo usando a máquina a outra usava menos. Mas eu coloco limites e acho muito bom elas terem esse computador é delas e podem usar sempre. Perguntei e com relação aos estudos você acha que ajuda ou atrapalha? Ela responde que melhorou muito e por incentivo das professoras que não aceitavam mais as cópias de materiais xerocados e sim pediam aos alunos para procurar na Internet as informações... anotam no caderno... depois levam para a escola. Acho que melhorou bastante, pois com isso eles acabam lendo mais... a leitura foi um grande incentivo. Passamos a pagar menos por cópias xerocadas e eles passaram a ler mais... isso é importante. Após a conversa a mãe da aluna, passei a realizar a entrevista com a menina maior.

Porém antes de relatar o que esta conversa gostaria de destacar que nesta residência, depois de me apresentar e perguntar sobre o uso do XO a mãe logo falou elas tem sim usam muito, mas agora estão de férias não usam, nem querem saber de usar, elas usam mais quando estão em época de aula. Mesmo que agora minha filha grande está indo na escola em um programa de férias, mesmo assim ela não utiliza não há interesse. Os computadores aqui estão guardados... até voltar as aulas. Pedi para a menina maior trazer o seu

computador e registrei. computadores fechados e guardados por aqui nas férias.

Ao conversar com a menina chamada Karem que possui 14 anos e neste ano vai para o Liceo ela relata que utiliza bastante o computador que no inicio utilizava bem mais claro, tinha muita curiosidade e que agora usa mais para acesso a internet. Possui Orkut e MSN. gosta bastante de utilizar, consegue pegar o sinal da internet em frente de casa. Na escola costumava levar as vezes, a professora solicita e levo para utilizar. sempre para buscar algo na internet. Anotei o endereço de Orkut da menina e ao chegar em casa adicionei. Me despedi da aluna e marquei de voltar para visitar o ponto de acesso a internet do grupo de amigos dela.

Seguindo para a próxima entrevista agora em uma vila localizada na zona rural de Rivera, lugar chamado Villa Sara aqui fica bastante distante do centro da cidade de Rivera...ruas ainda não asfaltadas e lugar de pouco acesso. Na casa que havia marcado a entrevista não havia ninguém, então cheguei em uma vizinha que me atendeu e permitiu que seu filho fosse entrevistado. Hoje é um dia de chuva por aqui...vamos iniciar a entrevista então. Cheguei explicando que sou brasileira e estou realizando uma pesquisa sobre o ceibal e quando falo ceibal os pais dizem "ah o ceibal ai si" concordam em colaborar. Iniciei a entrevista com a mãe do menino, ela mostra-se muito satisfeita com a utilização dos computadores pelo filho e pelos colegas de modo geral no seu país. Ao questioná-la sobre a utilização em específico de seu filho um menino de 7 anos, ela me informa que o menino utilizava muito no inicio para jogar, mas agora como a professora não está solicitando que leve a escola ele parou de usar. Neste ano ele vai mudar de professora vamos ver se esta incentiva o uso, agora nas férias ele não usa, nem abre o computador. gosta mesmo de ficar ouvindo musicas, brincando com amigos não tem interesse no XO nas férias. Ela não tem acesso a internet em casa, precisa se deslocar em no mínimo 4 quadras já que a escola do bairro fica

distante e não é a escola onde ele frequenta, pois ele estuda em uma escola no centro. a mãe destaca que na escola do bairro o estudo é mais fraco e ele sentiu a necessidade de trocar o filho de escola. Ao conversar com o aluno e solicitar que trouxesse o computador para eu ver ele não encontrou o X0, não sabia onde estava. Bom depois que encontrou fiz uma foto para registrar e encerrei a entrevista, pensando em voltar em época de aula nesta localidade. Assim estou encerrando as entrevistas marcadas no período de férias, pois não tive muito sucesso, pois os alunos estavam em férias e todas as entrevistas que consegui marcar tive que remarcar em função de que os alunos não estavam. Neste período utilizei amigos e parentes que conheciam algum aluno beneficiado pelo programa de inclusão digital para chegar até os alunos e realizar as entrevistas, mas como conclusão desta época de férias percebi que mesmo nas entrevistas marcadas as pessoas não tinham comprometimento, ou seja, como minha pesquisa é fora da instituição de ensino eles não sentem-se obrigados a participar e colaborar com minhas entrevistas, então mesmo marcando muitas entrevistas foram desconsideradas porque os pais e alunos acabaram não respondendo aos questionamentos.

Março 2011

Início este mês com boas perspectivas com relação a pesquisa, este mês tem início as aulas, penso nestas primeiras semanas me organizar para acompanhar a utilização dos computadores por alunos de dois bairros distintos que conheci durante as férias escolares aqui em Rivera. No dia 14 de março visitei um bairro chamado "povo novo" onde alguns alunos relataram durante as entrevistas realizadas nas férias que costumam se reunir para acessar a internet. Ao chegar no local para minha surpresa não encontrei nenhum aluno usando computador e nem reunidos. Então resolvi visitar novamente uma aluna que em janeiro havia me relatado dos demais colegas. Ao chegar na residência a menina mesmo que me recebe e questiono. "Karen o que houve cadê teus colegas...ninguém usando o XO? Ainda estão em férias? E ela responde...Acontece que agora estamos voltando as aulas e as coisas custam um pouco a se organizar...várias máquinas estão bloqueadas, pois não utilizamos nas férias e elas se travam depois de um tempo sem se conectar ao servidor da escola. (medida para controlar a evasão escolar) E eu perguntei e agora...vai demorar muito para terem novamente as máquinas disponíveis? Olha tem que levar no conserto entende...demora um pouquinho sim...tenta vir mais adiante. E no meu caso entreguei o Xo que eu usava porque passei para o Liceo (ensino médio) e agora devo receber a outra máquina, mas ainda não recebi as aulas tiveram início faz poucos dias. Bom me despedi avisando que vou aguardar uns dias e voltar...quer dizer meus planos de acompanhar este grupo não deu muito certo...imagina aqui é um bairro próximo do centro...com condições mais fácil de acesso a loja que realiza o conserto dos computadores...imagina a outra vila onde pretendia visitar que fica na zona rural de Rivera...acho que vou ter que aguardar o andamento das aulas e os alunos conseguirem desbloquear suas máquinas. No dia 21|março marquei uma nova entrevista com uma aluna de 11 anos que estuda em Rivera e mora em Livramento. Ao chegar na sua residência da

aluna conversei com a mãe da aluna que disse ter gostado muito do projeto de inclusão digital do governo, ajudou muito diz ela..aqui em casa tenho 3 computadores do projeto..meus tres filhos possuem o X0.No inicio tive muito medo dos meus filhos utilizarem para fazer algo errado, mas agora que já estão usando acho muito bom, é importante que meus filhos tenham acesso a uma tecnologia. Então passei a conversar com a aluna chamada Jaqueline que me informa que quem ensinou ela a utilizar o computador foi seu professor e ele que continua incentivando o uso neste momento, sendo que ela nem leva o computador para a escola se ele não solicitar..relata a aluna que apenas um professor que costuma utilizar em suas aulas.

A aula relata que utiliza mais o computador na escola, que em casa não utiliza, pois mora em Livramento e aqui não consegue conectar aos pontos de acesso a internet. Ela diz que no inicio utilizava bastante na escola para fazer pesquisa, utilizava o chat também para conversar com os colegas, mas usa pouco em casa agora já que agora está morando com sua mãe fora do Uruguai. Prossegue a aluna...no inicio utilizava muito para jogar, ouvir musicas, mas agora depois de um tempo deixei de utilizar..perdeu a graça. Quanto a internet..questiono..quando tu usa? Usa pra que? Ela responde que utiliza na escola..fico um pouco mais na frente da escola usando a internet. Mas agora não estou levando na escola porque muitos colegas estão com o computador travado e não conseguem usar, então o professor não pede para levar o meu não levo. Ela me conta que se o aluno não acessa dentro de 20 dias ele o sistema bloqueia o computador..impossibilitando o uso. Nas escolas alguns professores já fazem o desbloqueio, mas muitas escolas ainda recorrem a levar para a loja credenciada para realizar o conserto dos computadores aqui em Rivera é uma única loja. Quando perguntei se ela havia ensinado alguém a usar o X0 ela que não somente ajuda na escola os alunos menores...isto é um incentivo que o próprio projeto faz para os demais alunos visitarem as classes dos alunos menores e ensinar os colegas no uso do

XO...uma vez por semana eles visitam os alunos menores e ajudam na exploração do computador. A aluna utiliza o Orkut e o facebook porém sem muita frequência de acesso, entra as vezes na escola...não lembra da senha de acesso, vai perguntar para o seu irmão. As vezes uso o MSN para me comunicar. Combinei com a aluna de visitar sua escola a 114 para ver ela e seus colegas utilizando a internet no final da aula.

Dia 22 de março, como estou ainda em fase de buscar pelo grupo de alunos para acompanhar durante um tempo, percebendo como eles utilizam os recursos dos XO. Mudei um pouco a forma de abordagem, já que tenho enfrentado várias dificuldades nesta procura: alunos não estavam utilizando motivo férias (preferem outras atividades); depois do início das aulas máquinas bloqueadas devido a não utilização no período de férias pelos alunos. Portanto neste início de ano letivo no Uruguai percebo alunos um pouco tímidos na utilização do XO o que demonstra que o incentivo e motivação para o uso encontram-se ainda atrelados a escola e todas as possibilidades de uso também, já que muitos alunos reforçam que o acesso a internet se dá na maioria das vezes na sua própria escola. Outra dificuldade neste início de pesquisa é com relação a abordagens realizadas aos sujeitos de pesquisa, estou adotando utilizar o contato de pessoas próximas que conheçam crianças em idade escolar e que tenham sido beneficiadas com o projeto ceibal, porém percebo que o cenário inicial da minha pesquisa mudou e agora é a residência das famílias, é lá que sou recebida e somente depois vou aos espaços públicos buscando encontrar os alunos explorando esta ferramenta.

Um fato bastante interessante ao realizar a pesquisa é a desconfiança do povo uruguaio, muitas vezes eles me indagam...mas porque tu quer investigar aqui no Uruguai. Estão sempre com muitas indagações e desconfianças, mas quando falo que pretendo contribuir com o projeto com as informações coletas na pesquisa eles concordam em participar, mesmo com tais desconfianças. Além disso preciso tomar cuidado nos horários de visitas nas residências

percebo que todas as entrevistas foram e estão sendo agendadas a partir das, pois após o meio dia os uruguaios costumam realizar a "sestia" que compreende em uma cochilada após o almoço que se estende até as 15hs, normalmente. E essa prática aqui é praticada por a maioria dos uruguaios, então procuro respeitar estes horários.

Na procura por um número maior de alunos atuando na prática com o XO busquei realizar entrevistas no local onde os alunos precisam levar os XO's para conserto. Ao chegar no local me organizei para iniciar as entrevistas sendo que o responsável pelo conserto me apresentava para os pais e eu encaminhava a entrevista. Realizei algumas entrevistas juntamente com os pais dos alunos, ao indagar ao aluno procurava também questionar aos pais. E assim obtive algumas informações e foi possível entrevistar alunos de diversas localidades, alguns que fazem um uso mais freqüente e outros que somente usam na escola para atividades solicitadas pelo professor, eventualmente.

No dia 24 de março retornei a loja que realiza o conserto dos XO's, percebi ao chegar na loja que os alunos sempre que levam o computador para conserto acompanhados de um responsável. Antes de levar o computador para consertar é preciso ligar para uma central de atendimento informando que o XO está com um determinado defeito e posteriormente podem entregar o computador para o devido conserto na loja credenciada. É importante salientar que nem todas as vezes que os responsáveis ligam para a central conseguem efetivamente falar com o atendente e permitir o encaminhamento do conserto do computador. Iniciei a pesquisa aqui na loja com ajuda dos atendentes que perguntavam aos responsáveis se eles poderiam participar da entrevista e então me encaminhavam os responsáveis acompanhados dos alunos. Todos os responsáveis aceitaram participar da entrevista. Aqui encontrei um público bem heterogêneo, pois percebi que os alunos acabam utilizando o XO para as mais diferentes situações. Entrevistei o responsável

juntamente com o aluno, direcionei as perguntas para que transcorresse como uma conversa informal, percebi que ali passou alunos de escolas de bairros mais afastados do centro, zona rural e também no centro. Ao conversar encontrei um aluno de 10 anos que não utiliza o XO fora da escola, não tem interesse, o pai informa que ele utiliza somente quando solicitado pelo professor e o uso se restringe a escola. Este aluno reside em um bairro próximo ao centro, na vila militar e não costuma utilizar o computador em casa, nem mesmo para jogos ou qualquer outra atividade. Seus responsáveis também não utilizam o XO pois possuem computador em sua residência e fazem o uso deste, deixando o XO para uso exclusivo do aluno. Relata o pai que o seu filho não costuma utilizar a internet, não possui endereço de email e não faz uso de redes sociais, ele é muito pequeno ainda, afirma o pai.

Outra menina entrevistada nesta oportunidade reside em arroio branco uma localidade da zona rural de Rivera, ela estava acompanhada de seus pais e a mãe muito falante me informa que eles residem ao lado da escola daquela localidade e que a filha utiliza bastante o computador, desde que recebeu. A mãe acha o projeto ótimo diz que trouxe muitas oportunidades para a filha que vive no interior do município. A aluna me conta que possui blog que gosta de utilizar a internet e que devido ao acesso a internet na sua residência, por ser próxima da escola ela acaba utilizando bastante o computador para outros fins. Possui email e faz uso deste, mostra-se bastante empolgada com a utilização do computador, percebe-se que domina, porém não lembrava o endereço do seu blog e tampouco o seu próprio endereço de email. Combinei de visitar em outra oportunidade ela em sua residência e assim ela me mostrava seus trabalhos com o XO, já que naquele momento seu computador estava sendo enviado para o conserto.

Uma menina muito falante chegou para deixar seu computador e seu responsável revoltado por ter ligado várias vezes para a central de atendimento e não ter conseguido realizar o cadastramento inicial para

realizar o conserto do XO, o atendente informa que sem a realização da ligação para a central não é possível realizar o conserto. O responsável então se dirigiu a um telefone público localizado próximo a loja e continuou na tentativa de realizar a ligação para a central de atendimento. Conversei então, Enquanto isso com a menina, ela estuda em uma escola próxima ao centro (110) e na escola ela está ajudando as professoras a codificar alguns computadores que estão tendo a versão do sistema atualizada...relata a aluna..ajudei a flashear muitas máquinas..imagina de toda a escola são mais de 300 máquinas para atualizar o sistema, agora as professoras costumam aprender essas pequenas atividades e já realizar na escola, agilizando assim a manutenção das máquinas, permitindo que nenhuma criança fique sem ter sua máquina funcionando...fazem o possível para isso informa a aluna. Conta-me ainda que vários colegas já sabem como realizar esta atualização...sabemos também como burlar algumas configurações e bloqueios realizados pelo próprio sistema de segurança adotado pelo projeto ceibal. Informa ainda a aluna que alguns colegas sabem como deixar o mouse sem movimento...além de outras práticas que eles costumam realizar com as máquinas. Ela diz ainda que muitos colegas não querem enviar as máquinas para o conserto, quando possuem um problema grave com a máquina que necessite envio para Montevideo, que não enviam mais porque o XO retorna com novo hardware e que já vem com um novo mouse substituindo o toocht. Na minha escola 110 o uso do XO é bem constante...utilizamos muito existem aulas de música com o XO, agora estamos explorando um novo aplicativo que permite a programação...gostamos muito...está muito interessante este uso. Fui convidada pela aluna para visitar a sua escola, trocamos email e ficamos de combinar minha visita a sua escola. O irmão que acompanhava a aluna no momento da entrevista me informa que este projeto ajudou bastante os alunos, que eles utilizam bastante o XO, ele não costuma

utilizar o XO, pois possui seu próprio computador pessoal e acha o XO pequeno e adequado para as crianças.

Hoje então estou encerrando minhas entrevistas neste local, voltarei outro dia para continuar entrevistando alunos e responsáveis aqui, além de conhecer e explorar um pouco mais as informações com relação ao conserto dos computadores portáteis.

Dia 30 de março de 2011 fui ao cabeleireiro que fica em Rivera, onde costumo ir com frequência, porém agora que estou realizando a pesquisa, e as profissionais que trabalham lá sempre estão me perguntando como está indo minha pesquisa, assim que todos acabam se envolvendo um pouco na ajuda em indicar alunos para que eu possa entrevistar. E assim me informam que naquele dia havia uma menina, cliente do salão que poderia ser entrevistada. Então aproveitei para conversar com a menina, chamada Mariana que estava acompanhando sua mãe naquela oportunidade, me contou a menina que não utiliza o XO, pois possui outro computador em sua casa e prefere utilizar o outro que tem acesso a internet em casa e no XO ela não tem acesso em casa a internet. A menina frequenta a escola 8 que fica no centro da cidade, não possui o hábito de utilizar o Xo fora da escola. Relata que leva o computador para a escola sempre que solicitado pela professora, mas que isso não ocorre com muita frequência. Na internet ela costuma utilizar os serviços do facebook e que outros colegas também possuem e participam desta rede social. Combinei com a menina de adicionar ela no facebook, vou encontrar ela e adicionar para que me apresente a outros colegas.

Um fato que percebi já em algumas entrevistas realizadas, que alunos de classe social mais alta como esta menina entrevistada neste dia, não possuem o hábito de utilizar o computador fora da escola, possuem outras oportunidades de acesso as ferramentas tecnológicas e por isso não fazem o uso deste computador portátil. Apenas utilizam na escola quando solicitado

pelo professor. E ainda vários entrevistados relatam que seus responsáveis não utilizam o XO, pois em primeiro lugar os próprios alunos não deixam eles utilizarem e outros responsáveis dizem que não se interessam pelo uso, pois é de propriedade das crianças, foi projetado para eles...é pequeno demais complementam.

Abril|2011

No dia 04 de abril ao visitar novamente a loja que faz consertos dos XO's, percebi que aqueles alunos que entrevistados na loja demoram muito tempo para ter novamente o computador consertado e então resolvi mudar a estratégia de abordagem aos sujeitos entrevistados.

A partir deste dia passei a andar aleatoriamente nos bairros da cidade de Rivera, na busca de alunos/grupo de alunos utilizando o XO nos lugares públicos.

No dia 11/abril visitei uma vila chamada "povo novo", andei aleatoriamente pelo bairro até encontrar a escola da vila, e assim na frente da escola em cima de um barranco ao lado de um mini-mercado encontrei alguns alunos(três) utilizando o XO, sentados no chão e bem concentrados no uso. Me aproximei e me apresentei e eles bem simpáticos me acolheram e muito simpáticos e falantes conversaram comigo sobre o uso. Diziam eles...nós utilizamos todos os dias para baixar músicas, vídeos, uso para pesquisa disse um e outro complementou usamos quando tem trabalho da escola. Perguntei a eles se gostariam de participar de uma pesquisa e eles gostaram...se sentiram importantes...eram crianças de idade entre 8...a 14 anos de idade. Então pedi que por favor levassem aos seus pais a autorização para que os pais pudessem assinar e me trazer no outro dia para que assim eu realizasse a

entrevista com eles. Conversamos mais um pouco e combinei de voltar outro dia para efetivamente entrevistá-los. Fiquei um pouco observando o uso do XO por eles... estavam baixando um jogo... cada um baixava um jogo específico... ouviam música tocada através de um celular de um dos alunos e trabalhavam individualmente no seu XO.



No dia 12/abril retornei ao bairro povo novo e encontrei somente um aluno quando cheguei, porém era próximo a hora da saída da escola e logo vários alunos chegaram com seu XO para acessar a internet. Acomodaram-se no chão..sentados juntamente com os demais meninos..e assim começaram a utilizar...novamente estavam baixando jogos, continuavam trabalhando individualmente e em alguns momentos trocavam informações e continuavam a trabalhar sozinho. Estes que são alunos de um bairro mais carente..trata-se de alunos da escola do próprio bairro e alguns já maiores de 13 anos que estudam na utu (escola técnica) e outros que já estão no ensino médio (Liceo).Descrevendo os alunos são bem carentes, estão vestidos de bermuda camiseta e chinelo, alguns estão de pés descalços..os que acabaram de sair da escola ainda estão vestindo o uniforme da escola, mas logo surgiu sua mãe pedindo o uniforme que é uma túnica branca com um tope azul escuro que eles utilizam diariamente..e assim levou o uniforme o aluno ficou vestido como os demais de bermuda e camiseta somente...continuaram a utilização e como no dia anterior permaneciam no jogos e ouviam musica, só que hoje ouviam diretamente do computador de um deles. Aproveitei para conversar com a mãe de um deles que se aproximou e eu pedi para que assinasse o termo de autorização para seu filho participar da pesquisa. Ela me diz que eles gostam de utilizar o Xo, ficam aqui quase todos os dias, mas eu fico controlando para não deixar fazer o que não deve com o computador. Eu perguntei se ela utilizou o Xo..ela me diz que não sabe utilizar, que até comprou um manual de utilização vendido nas livrarias uruguaias mas que nunca conseguiu utilizar.leu o manual mas não colocou em prática...o filho não deixa ela usar o computador dele...afirma que ela não iria saber utilizar os recursos da máquina. Entrevistei um a um dos alunos que estavam ali, um fato comum a todos os entrevistados é o motivo da utilização naquele lugar..ali sentados no chão..encostados em uma parede...fazendo o uso do Xo...eles utilizam para baixar jogos, gostam mesmo é de jogar, assim

quando voltam para casa já tem os jogos na máquina e podem jogar. Não costumam usar em grupo..não realizam nenhuma atividade em grupo. Um aluno relata que possui Orkut e me adicionou naquele momento, os demais não possuem e não se interessam por este tipo de atividade de relacionamento e redes sociais on-line. Todos os alunos aprenderam a utilizar a máquina com suas respectivas professoras nas escolas e passaram então a explorar os recursos do computador. Um aluno diz que ensinou seu primo e sua irmã que são menores, os demais não ensinaram ninguém. Assim encerrei minha conversa e observação neste dia, me despedi e combinei de voltar outro dia para visitá-los.



No dia 13 de abril fui visitar outro bairro chamado "Ferro Carril", que fica próximo do centro de Rivera, quando estava passeando no bairro, percebi que em uma determinada esquina estavam 3 meninos sentados utilizando seus Xó's..sentados no chão perto de uma árvore. Me aproximei perguntei se poderia falar com algum responsável por eles...tem algum responsável por algum de vocês que está aqui perto? Um responde sim minha mãe está aqui na frente na minha casa, vou chamar ela. Conversei com a mãe e me apresentei dizendo que necessitava conversar um pouco com os meninos e observar o uso que eles estavam fazendo do Xó. A mãe me autorizou a conversar com os meninos e ainda fiz a ela alguns questionamentos, como ela estava vendo esta implantação do programa de inclusão digital no Uruguai, ela diz que foi um coisa boa para as crianças que ela não teve esta oportunidade então agora ela fica feliz que o filho pode utilizar, mas que ela não faz uso que não sabe mexer que isso é coisa para a gurizada diz ela. Controlo o uso deles...utilizam aqui na frente quando precisam da internet, o sinal da escola pega aqui na frente.

Me aproximei dos alunos e perguntei o que estavam realizando, eles respondem..baixando jogos e continuam trabalhando, bem concentrados. Perguntei então se possuem email..se utilizam o computador para se comunicar, eles respondem que não utilizam que usam mesmo para baixar jogos e jogar fora da escola, pois na escola não é permitido. Quando pergunto se utilizam na escola e para que utilizam, os maiores (11 ou 13 anos) respondem que quase nunca levam para escola, eventualmente a professora solicita, mas muito raro o dia que levam o XO ao Liceo ou a Utu onde estudam. Já o aluno de 10 anos que estava junto com os demais alunos me responde que utiliza as vezes na escola que faz trabalhos escolares, procura informações para alguma atividade. Estes alunos eram alunos do bairro próximo ao centro estavam vestidos de camiseta e bermuda, usavam tênis todos. Um aluno de 13 anos que mora em uma casa muito humilde que

ficava na frente de onde eles estavam acomodados para pegar o sinal da internet, me informa que ali na casa dele consegue pegar em quase todos os cômodos da casa, pego a internet direto. As vezes eu utilizo ali em casa mesmo, meus pais e minha irmã também utilizam as vezes para entrar na internet, empresto meu XO. O outro aluno de 11 anos diz que geralmente eles reúnem-se para utilizar a internet, mas que ele também consegue pegar na sua residência, coloco o XO próximo da janela e assim pego o sinal da internet, relata o aluno. Quando o sinal não está bom lá na minha casa venho para aqui na rua, na calçada aqui sentado em baixo desta arvore consigo pegar o sinal da internet e baixar os jogos, complementa o aluno. O aluno de 10 anos deste grupo conta-me que na sua casa a mãe e a avo utiliza bastante para acessar a internet e buscar produtos que possa vender no seu comércio.



No dia 14 de abril fui visitar um bairro chamado "misiones" e encontrei apenas um aluno utilizando o computador, sentado próximo a a escola do bairro. Ao me aproximar perguntei o que houve hoje está sozinho, e seus amigos? Ele respondeu hoje não veio ninguém, tem jogo de futebol, estão todos lá. Ao chegar no local onde o aluno estava que fica próximo a um mercadinho do bairro, o dono do comercio já me recebeu e me ofereceu uma cadeira para sentar e conversar com os alunos, em outra oportunidade eu havia me apresentado para ele, que me relatou sobre a utilização dos computadores pelos alunos. dizia ele. eles vem aqui diariamente, costumam ficar ai sentados no chão jogando, baixando jogos...as vezes ouvem musica...ficam um tempão ai..algumas vezes termina a bateria dos XO e me pedem para carregar um pouco para que possam seguir usando a internet da escola. Bom como neste dia ficou somente um aluno e logo já foi para o jogo, tive que encerrar minha observação por aqui e agradecer o convite para ir para o jogo de futebol.

Como na próxima semana aqui no Uruguai será semana de turismo, assim é chamada aqui a semana que antecede a páscoa, será feriado toda semana e as escolas não irão funcionar, portanto acredito ser uma semana de pouco acesso dos alunos aos computadores nos lugares públicos, pois estarão viajando aproveitando a semana de feriado.



De 18/abril até dia 22 de abril será feriado em todo o Uruguai, é o que eles chamam de semana de turismo. Nestes dias visitei alguns bairros que ficam próximo ao centro de Rivera, mas não encontrei nenhum aluno usando os computadores fora da escola. Nesta semana também fez tempo ruim, muita chuva e frio e isso é uma condição bem pertinente para os alunos não estarem utilizando as máquinas em lugares públicos.



No dia 25 de abril inicii um passeio de observação pelo bairro "misiones" com o objetivo de encontrar alunos utilizando o XO em ambiente

públicos. Assim logo encontrei um aluno sentado na calçada utilizando seu computador...me aproximei e me apresentei e disse que gostaria de conversar um pouco sobre o uso do computador. Ele concordou em conversar e logo apareceu uma vizinha que conhecia o menino e que me informou que a mãe do menino não estava em casa naquele horário, deixei então com o garoto o termo de consentimento para sua mãe assinar posteriormente. Iniciei a conversar aproveitando a presença da vizinha que também possui dois netos que foram beneficiados com o computador...ela me disse que foi uma excelente incentivo para os alunos, que de outra forma não teria como dar para seus netos tal tecnologia, que no início eles usavam bem mais e que agora deixam de lado, mas as vezes costumam usar e levam para a escola em algumas oportunidades. Observando o que o menino estava fazendo percebi que estava baixando musicas da internet e ele me disse que gosta muito de ouvir musicas e também de jogar e que para isso vem próximo da escola para acessar a internet e baixar para posteriormente usar, me informa ainda que não leva para a escola todos os dias e que gosta de ficar baixando musicas com um colega que também tem o X0...o aluno relata que utiliza mais o X0 em casa do que na escola. Enquanto eu conversava com o aluno se aproximou outro menino que me disse eu também tenho esse computador vou lá buscar para te mostrar...e assim fez...era um garotinho de 8 anos que me relata que utiliza o computador para jogar, que aprendeu a utilizar com a professora e que também seus primos ajudavam mas que muitas vezes queriam cobrar para ensinar ele a utilizar. Perguntei então para que ele utiliza o computador...o que mais gosta de fazer...ele me responde que gosta de baixar jogos e quando esta aborrecido em casa, costuma abrir o computador e jogar. Ainda acompanhando estes alunos avistei outro menino utilizando o computador no outro lado da rua, perguntei se eles conheciam o menino...me disse um...sim ele meu primo...chamando ele para conversar comigo. E assim se aproximou mais um menino ao grupo...conversei com ele que me disse que costuma utilizar

todos os dias o computador, que gosta de jogar e ouvir musicas que utiliza pouco na escola, que as vezes faz pesquisas para ajudar em tarefas da escola, mas que gosta mesmo dos jogos. Observando a manutenção dos computadores percebei que o menino de 13 anos que entrevistei primeiramente possuía o computador com as teclas soltas e muito mal cuidado em termos de limpeza..o segundo menino que chegou o de 8 anos tinha o computador colado com uma fita que abrangia todo o teclado..perguntei porque teria colocado aquela fita...ele me disse que foi a mãe que colocou para ele não perder as teclas que estava caindo...e assim ficou com a fita...notei ainda neste caso que o aluno não estava utilizando a internet e perguntei porque..ele me respondeu que seu computador estava a dias com a antena quebrada e que por isso não consegue pegar o sinal da internet..perguntei porque não leva para consertar..ele disse que vai pedir para a mãe levar...este trata-se de um aluno que foi abandonado pelos pais e mora com a avó, que foi a senhora que me recebeu enquanto conversava com os meninos. O outro aluno de 14 anos que esta cursando o Liceo tinha o seu computador sem as setas de direção..as teclas caíram..perguntei para ele se era devido a jogar demasiadamente ele disse que não e riu. Ao conversar um pouco mais com este grupo os alunos me relatam que costumam se reunir para utilizar o computador próximo da escola do bairro..já que nenhum freqüenta aquela escola e sim vão em escolas que ficam no centro de Rivera...pois já estão em nível médio(Liceo). O único que estuda na escola que fica próximo onde eles estavam me disse que as vezes pula o muro da escola e fica lá dentro do pátio utilizando a internet. A maioria destes utiliza mesmo para jogar e buscar novos jogos, relatam que não utilizam para se comunicar..não participam de redes sociais.



No dia 26 de abril visitei uma localidade rural chamada "vila indarte", fica localizada no interior do município de Rivera, distante a 90 km do centro da cidade. Trata-se de um vilarejo rural onde estudam 20 crianças na escola rural lá localizada. Ao chegar na vila me aproximei de uma residência e conversei com uma Sra. que me informou que todos os alunos estavam na escola naquele momento, me mostrou onde era a escola e fui até lá... ao chegar na escola observei que tratava-se de um prédio pequeno localizado bem no centro da vila e que com características de uma escola rural, tinha inclusive um cavalo solto no pátio da escola...este que depois um aluno pegou e que serviria de transporte para este menino. Logo que cheguei a escola já estava próximo do horário de saída e fiquei conversando com uma menina que estava buscando seus irmãos e ele me contou que seus irmão gostam muito do computador que costumam usar para jogar e as vezes vem na escola para pegar o sinal da internet, mas que agora não estava funcionando. Logo saíram os alunos e assim fui conversar com uma professora que me recebeu contando que não está mais utilizando as máquinas com seus alunos...que desistiu do ceibal...pois o equipamento de internet já queimou duas vezes e que demoram muito para vir consertar...além disso ela diz que muitos computadores se travam ou apresentam qualquer problema e como a vila fica longe do centro onde fica a loja que faz o conserto ela acabou desistindo de utilizar, porque sempre tem um aluno com o computador estragado...a professora disse ainda que preferia ter na escola um único computador equipado com impressora que ela pudesse utilizar sempre em sala de aula...ela acredita que distribuir assim computadores foi um ato político e que não tem, segundo ela um retorno, pelo menos na escola que ela pertence e na sua sala de aula. Ela me informa que as demais professoras também não utilizam mais, que alguns alunos até trazem o computador para a escola, mas não é mais exigido e nem acontece atividades voltadas ao uso do XO.

Conversei com a professora acompanhada dos seus alunos então aproveitei para perguntar...e vocês não trazem mais os computadores?...eles respondem que não..nenhum naquele dia trouxe o computador. Percebi que aqui o uso do XO está esquecido e que as crianças utilizam em casa....teve alguns relatos deste tipo... e que o uso em casa restringe-se a jogos e entretenimento. E assim ao terminar a conversa com a professora...andei ainda um pouco na região não tendo encontrado nenhum aluno utilizando o seu XO.

Quando estava chegando no centro de Rivera percebi na frente de uma escola onde vários pais esperavam os alunos no momento da saída das turmas...sentados na frente da escola esperando o sinal tocar. E assim uma senhora estava utilizando o Xo do seu filho...ao me aproximar me apresentando a senhora nem me olhou e foi dizendo que não estava utilizando o computador..perguntei se podia conversar comigo..ela disse não agora não posso falar estou ocupada e não posso falar...insisti mas vejo que tu está utilizando...é para usar a internet? Esse computador é do teu filho...a senhora fica de costas para mim e não responde mais nenhuma indagação. Agradeço a atenção e vou embora. Percebe-se que os pais ao serem questionados sentem-se envergonhados de estar usando o computador..não tem um incentivo para este uso..os pais não querem afirmar que estão usando o XO.

No dia 28 de abril ao passar no parque internacional no centro de Rivera, este que trata-se de um parque que é a divisa entre as cidades de Livramento e Rivera..percebi que havia algumas turmas de alunos uruguaios fazendo uma visita ao parque acompanhados de suas professoras e também cada aluno estava com seu computador portátil..me aproximei me apresentando para as professoras e solicitando que se possível gostaria de conversar um pouco sobre o uso do XO. Ela me informa que costumam utilizar muito o computador na escola que naquela oportunidade ela estava visitando o parque para que os alunos fizessem fotos da natureza e também dos limites entre os dois países..relata a professora que costuma utilizar bastante a câmera do computador com seus alunos, além é claro de outras funcionalidades da maquina. Ela informa que os alunos ficam livres para ir registrando as imagens e que posteriormente organizam em sala de aula em forma de apresentação para os demais colegas. Conversei bastante com esta professora que me informou que poderia estar visitando a escola, mas que nunca poderia estar registrando imagens..que fotos não eram permitidas dos alunos, inclusive naquele dia não puder registrar este uso que os alunos estavam realizando porque a professora não permitiu tirar fotos. Fiquei observando um pouco a utilização dos alunos...percebi que estavam todos uniformizados como é de costume no Uruguai..andavam em fila..cada um com sua maquina na mão e atentos as ordens da professora que indicava o que deveria ser registrado e então eles livremente faziam seus registros fotograficos utilizando a webcam da maquina. Lamento não registrar em fotos esta utilização, pois tratava-se de um lindo registro..alunos de um pais visitando outro pais utilizando a tecnologia para fazer os registros e posteriormente levar até sua sala de aula e trabalhar com estas informações.

No dia 08 de maio, um domingo, visitei algumas praças de Rivera procurando encontrar alunos utilizando os seus computadores, visitei varias praças e estas estavam bastante lotadas, pois os uruguaios possuem o habito de estar sentados na praça tomando seu tradicional "mate" enquanto as crianças brincam na pracinha. E assim foi o quadro que encontrei em todas as praças, porém em uma em especifico em meio das brincadeiras.....jogo de futebol.....bicicleta.....balanços..escorregadores..encontrei uma menina utilizando seu XO, me aproximei ela estava com suas primas e sua avó com sentada tomando seu "mate" observava as crianças. Indaguei então o que ela estava fazendo naquele lindo dia de sol com o computador na praça, ela me disse estou jogando...eu gosto de jogar no Xo...perguntei quais jogos..ela disse detetive..que trata-se de um jogo do próprio projeto ceibal que pode ser baixado do portal ceibal para utilização dos alunos. Conversei mais um pouco com a avó da criança que me disse ela não desgruda deste computador..a menina tem 8 anos..informa a avó que a menina desde que recebeu o computador utiliza muito e que também cuida bastante da maquina...percebi que tratava-se de uma maquina bem conservada..com os devidos cuidados necessários para ter seu computador sempre funcionando. A menina me informa que vive no bairro chamado "Insausti", próximo ao Hospital de Rivera....este bairro que fica próximo a praça onde estava utilizando o computador a menina..perguntei se estava pegando o sinal da internet ela disse que sim, mas que naquele momento não estava utilizando...estava apenas usando os jogos já instalados no seu computador. A avó me diz ainda esta outra menina minha neta também tem o computador este..assim se referindo ao XO. Perguntei sim tens quer conversar um pouco sobre o que faz com teu computador..qual uso..ela responde que sim, mas muito tímida e com pouca vontade de conversar...mesmo assim eu continuei..me conte o que você gosta de fazer..ela me disse que gosta de jogar

também..mas que participa de redes sociais.tem um perfil no facebook e que sempre acessa para enviar recados e conversar com amigos..esta menina de 14 anos vai no Liceo (ensino médio) e vive no mesmo bairro da outra chamado "Insausti", combinei com a aluna de procurar e adicionar o seu perfil no facebook.Ao final da nossa conversa pedi para fazer uma foto..registrando aquele momento e a avó não permitiu que fosse feita a foto..me disse que somente se a mãe das meninas estivesse presente. Agradei disse que não tinha problema algum e fui embora sem foto.

No dia 11 de maio, visitei vários bairros na busca de encontrar algum aluno utilizando seu XO. Assim cheguei em uma praça localizada bem no centro de Rivera, próximo a avenida Sarandi que é a rua mais movimentada da cidade, onde ficam os Free Shops (lojas de produtos importados) encontrei então nesta praça, sentada em um bando da praça em frente a prefeitura de Rivera, uma menina de 14 anos juntamente com sua mãe, que estavam as duas super concentradas na utilização do computador. Me aproximei me apresentei e a menina muito simpática me disse que sim que poderia colaborar com minha pesquisa... disse então vamos conversar com sua mãe juntamente... ela me disse sim pode ser só que minha mãe é surda... perguntei se ela entendia a linguagens dos sinais ela me disse que apenas fazia leitura labial... e assim iniciei a conversa com a menina... me dizia ela que freqüenta o Liceo que utiliza bastante o computador... desde que recebeu... que utiliza bastante na escola ou em lugares onde tem acesso a internet... que busca informações para atividades da escola e ainda gosta de se comunicar com amigos utilizando as redes sociais... esta aluna já estava utilizando o novo modelo de computador enviado para as escolas de ensino médio. Este que trata-se de um computador mais potente... um modelo diferente do utilizado pelos alunos de 1 a 6 ano. Ela me disse que aprendeu a utilizar com os outros colegas... que sempre que um descobria alguma funcionalidade ensinava para o outro e assim foram trocando ensinamentos e que hoje utiliza sozinha... na sua casa a sua mãe costuma utilizar... que utiliza para se comunicar com parentes que vivem em outras localidades e que ela não costuma ver diariamente... acompanhei um pouco a exploração das ferramentas do computador pela dupla e percebi que a menina ajuda o tempo todo a sua mãe na utilização do computador... a mãe aponta na tela o que deseja e a aluna vai fazendo... e assim vão utilizando e se comunicando com outras pessoas através do facebook site escolhido para se relacionar. A menina me informa que não gosta muito de jogar, que não tem esse hábito... que prefere utilizar a

internet... acessar o seu email e também as redes sociais. É possível perceber uma grande motivação desta aluna na utilização do computador. Combinei com ela de nos encontrar no facebook, avisei que iria procurar seu perfil naquela rede social e adiciona-la para manter esta comunicação via facebook.



No dia 12 de maio visitei uma comunidade rural chamada "Arroyo Blanco", havia marcado através de um telefonema a entrevista com a diretora da escola Dionisio Dias, a Profa. Teresinha já me aguardava quando cheguei na escola ela me encaminhou para a sala de aula, onde estavam todos os alunos da escola que estavam presentes naquele dia. A Diretora então me apresentou para a Professora que estava na sala e logo me apresentou também para os demais alunos e em seguida comentou, estamos ensaiando uma canção que será apresentada dia 17 de maio onde os alunos irão visitar a comunidade próxima a escola e apresentar a canção para comemorar uma data importante para o Uruguai..trata-se do dia 18 de maio onde eles comemoram a "Batalha das pedras- Artigas". E assim a Diretora comandou o inicio do ensaio da musica que será apresentada..os alunos cantaram e após a Diretora disse que seria realizado a "Bandeirada" outro evento que eles costumam realizar nas escolas são escolhidos alunos destaques.. seja pela nota ou pelo comportamento escolar... e assim estes tem a distinção de ter a honra de carregar por um dia as bandeiras.. e assim 3 alunos escolhidos e que estão identificados por uma faixa azul com dourado..destacando-se na sala são convidados para carregar as bandeiras no final da aula. Após a bandeirada...os alunos acompanhados da Profa. e da Diretora cantaram mais uma canção chamada bandeira e logo a Diretora indicou que eu poderia estar escolhendo os alunos para conversar...convidei os alunos maiores de 10 anos para me acompanharem até o refeitório onde iria realizar as entrevistas com cada um deles. Iniciamos a conversa questionando quem ali utilizava o computador? a Todos levantam a mão mostrando que costumam utilizar, embora naquele dia apenas alguns alunos tinham levado o XO para a escola. Onde utilizavam?Os alunos relatam que costumam utilizar na escola e em casa. Se utilizavam na escola? Me contam que utilizam na escola para realizar atividades de pesquisa..acessando a internet. Relatam que a internet

na escola normalmente está funcionando e que eventualmente quando falta luz que eles ficam sem internet, mas isso ocorre raramente normalmente tem o sinal da internet funcionando adequadamente. A internet da escola é via-rádio e tem sua antena instalada no refeitório da escola. Onde acessavam a internet? Os alunos dizem que conseguem pegar o sinal da internet somente na escola, que na maioria das casas que ficam bem distantes não tem acesso a internet e precisam então vir na escola para acessar a internet. Pergunto então o que gostam de acessar na internet? Do que mais gostam? Eles me dizem...em coral...jogos...gostamos de jogar...baixamos os jogos na escola e depois utilizamos em casa. Pergunto o que mais além dos jogos? Alguns dizem utilizamos também para ver vídeos...baixar músicas...procuramos informações para trabalhos escolares as vezes. Em casa quase nunca utilizam, porém alguns mencionam que utilizam em casa para jogar...uma menina diz que utiliza bastante que costuma ficar o tempo todo com seu XO...uso para jogar...adoro o jogo de moda que tenho instalado no XO...pergunto o que faz neste jogo...ela diz visto a boneca...procura roupas...faço maquiagem na boneca...essas coisas. O que mais? Ah gostamos também de jogar o "Vascolê"...então eu complemento Vascolê é o melhor não?...eles riem e dizem sim é o melhor...todos gostam deste jogo. Ao perguntar com quem aprenderam a utilizar? Eles me dizem que a professora foi a pessoa que instruiu o uso...mas um aluno diz...aprendemos uns com os outros...assim entre colegas...fomos explorando e aprendendo. Pergunto então, quem mais utiliza na sua família? Lá na casa de vocês quem utiliza? Eles respondem hum ninguém...uma menina diz a minha mãe utiliza...um dia ela veio aqui na escola usar a internet...o que fez sua mãe?...ahh ela veio usar a internet,mas não sei o que estava utilizando. E os demais? Quem utiliza? Um menino diz meu irmão usa ele estuda na escola agrária e as vezes pede emprestado meu computador...eu empresto...e o que ele faz? Joga responde o menino. Uma outra menina me fala...sabe as vezes nos reunimos no

"bolicho" (assim que eles chamam o mercadinho da vila rural) e ali ficamos jogando...dois três colegas...vamos nos reunindo e jogando...ficamos um tempo jogando...pergunto então e lá tem internet? Ela responde não lá não tem acesso a internet somente na escola. Uma outra aluna que mora do lado da escola me diz que utiliza bastante que já criou um blog...mas o perguntar o endereço do blog...ela não sabe me responder. Perguntei o que mais ela gosta de fazer? Ela responde que gosta de utilizar o facebook...peço então para ela me adicionar...acompanho a aluna para fazer o login do facebook, mas ao tentar entrar percebo que ela não lembra seus dados de acesso a rede social. Deixo então com ela meus dados e email para que ela entre em contato e me aceite na rede social que ela participa. Retomo a conversa com os demais que me aguardam alguns com seu XO e já acessando a internet...estão no Google...procurando imagens...Então continuo perguntando sobre o uso do computador...pergunto se tem algum computador ali que esteja estragado ou com problemas? Não todos respondem que todos estão funcionando adequadamente que apenas algumas teclas do teclado que caíram...perguntei se é porque eles usam bastante jogos? Ouço apenas sorrisos e nenhuma resposta. E quando estraga o que vocês fazem...o centro a loja que realiza o conserto está a 100km daqui...eles dizem levamos na loja que fica ao lado do terminal (rodoviária de Rivera). E demora para consertar? Não demora não é rápido. Questiono se alguém mais costuma utilizar o computador para se comunicar? Uma menina muito simpática me diz sim eu já mandei um email...e para quem enviou o email? Ela diz que enviou para uma prima que mora em cidade longe, mas não lembra como foi esta experiência. Os demais não possuem email e não participam de rede social. Costumam utilizar o computador para jogar...gostam muito de jogos e músicas. Relatam ainda que usam na escola, mas naquele dia poucos alunos haviam trazido o seu XO para a escola, acredito que o uso em sala de aula seja restrito a algumas vezes por mês. A Professora diz que utiliza para enviar email, mas que com os alunos

ela usa para buscar informações no Google e na Wikipédia. Quando vamos realizar um trabalho sobre um tema específico procuramos utilizar o computador. Então eu perguntei, hoje que eles estão se preparando para a comemoração da "batalha das pedras". Por que não estavam procurando na internet dados desta batalha? A Profa. disse que prefere contar a história e trabalhar com outros materiais. Hoje estamos construindo as lanças para realizar a encenação no dia da comemoração então por isso não usamos o XO. A Profa. viaja 100km por dia para chegar na escola, volta ao final da aula para sua casa que fica no centro de Rivera, já a diretora mora na escola, fica toda semana e disse que costuma usar a internet para ver seu email, relata que tem dois emails mas que o email do Yahoo não abre no XO ela só consegue usar o email do gmail. A Profa da classe não demonstra muito entendimento do uso do XO, ela disse que tem o seu computador, mas não costuma trazer para a escola, não possui email. Nesta escola percebe-se um uso um pouco tímido do XO, porém muitos alunos levam o computador para a escola na intenção de usar a internet. Os equipamentos de acesso a internet estão funcionando adequadamente e não há queixas por parte das Professoras sobre estes equipamentos, os alunos estão com suas máquinas em um bom estado de conservação, poucos alunos estão com o XO apresentando teclas soltas ou algum desgaste no teclado, no geral os computadores estão limpos e conservados se compararmos com os computadores dos alunos de determinados bairros que já participaram desta pesquisa que estão em péssimo estado de conservação.



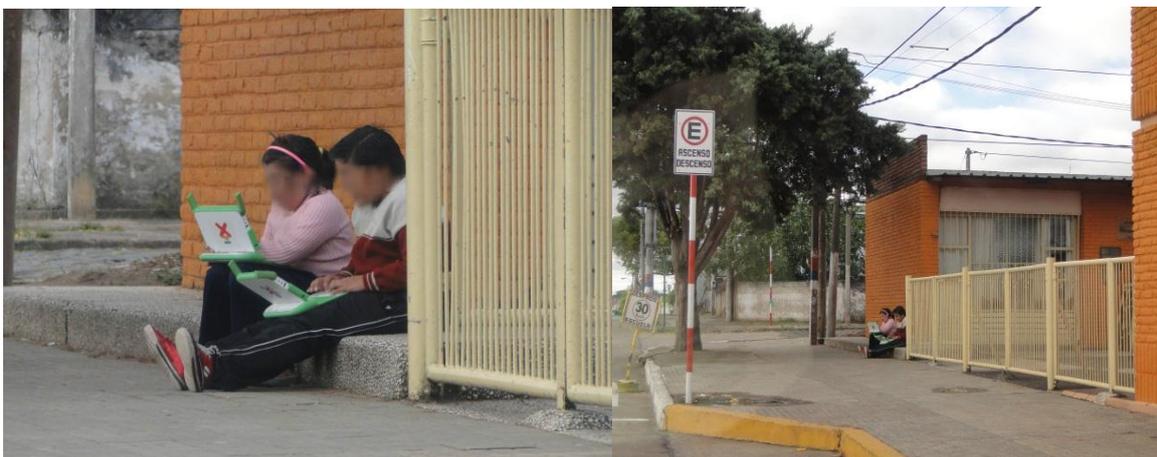
No dia 16 de maio visitei uma praça no centro de Rivera, chamada praça antigas e lá estavam duas turmas de alunos fazendo uma visita a exposição de mascaras que esta ocorrendo na intendência de Rivera, que fica localizada na frente da praça. No momento que cheguei conversei com uma professora que estava com uma das turmas, ela me explicou que estavam naquele momento realizando um lanche coletivo e que depois iriam utilizar os XO's para tirar fotos e filmar as máscaras para posteriormente fazer um trabalho na escola sobre a visita. Ela me disse que costumam realizar este tipo de atividade com os alunos, que a câmera do computador é bem potente e que eles conseguem capturar as imagens e depois em sala de aula criam algumas atividades, me disse ainda que esta visita servirá de introdução para um próximo tema que será tratado em sala de aula. Me acomodei ali e fiquei observando aquelas turmas, tratavam-se de turmas de quarto e quinto ano, onde alunos brincavam na praça em um momento de descontração e após lanchavam, percebi ainda que poucos alunos teriam levado seu computador, questionei a professora que me disse que eles trabalham em grupo, caso um não leve o outro registra e eles depois na sala de aula trabalham em conjunto. E assim fiquei observando os computadores empilhados ao lado da professora e os alunos a brincar, a utilização seria realizada no interior da prefeitura (intendência) de Rivera, onde eles mais tarde visitariam a exposição de mascaras. Perguntei a professora se poderia fazer fotos e registrar aquele momento de utilização, ela me disse que me daria todas as informações mas não poderia autorizar ao registro de imagens.

No dia 18 de maio visitei vários bairros que já conheço em Rivera na busca de alunos utilizando seu XO, hoje faz um lindo dia de sol aqui e está muito agradável para estar em espaços ao ar livre, porém não encontrei nenhum aluno efetivamente utilizando o seu computador, na saída dos colégios se percebe muitos alunos carregando seu XO aberto tentando pegar rede da internet ou mesmo ficam jogando ao caminhar, mas não é algo que dure muito tempo, eles costumam ter esta prática frequentemente, sempre que saem da escola muitos costumam andar com seu computador aberto tentando utilizar, mas em seguida já desistem desta utilização e seguem seu caminho para casa. É comum também ver pais carregando o XO do seu filho, ou seja ao buscar o seu filho na escola agora os pais tem mais um acessório didático para carregar, em vez de livros os pais aqui carregam o XO dos alunos, isso também é muito freqüente enquanto o filho leva a mochila o pai carrega o XO. Na frente de uma escola, onde os pais aguardavam seus filhos percebi que uma mãe fazia o uso do XO, me aproximei percebi que estava usando a internet, me apresentei ela sequer me olhou e foi logo dizendo não estou utilizando, perguntei mas que bom você utiliza é do seu filho, ela responde... agora não posso falar.. não estou usando não. Agradei a gentileza e fui embora, percebe-se que os pais não tem incentivo para utilizar, ao serem questionados afirmam que o computador é do aluno e não deve ser usado por eles, é bastante evidente que não existe incentivo para o uso familiar por aqui.

No dia 23 de maio entrevistei uma menina chamada Josiane que estava em frente de uma loja com o computador em cima do carro, jogando o detetive (um jogo didático que trabalha as operações matemáticas e também ajuda como português). Me aproximei da menina de 10 anos e perguntei o que estava fazendo, ela me disse que estava jogando que costuma sair do colégio e enquanto aguarda a saída do seu pai do trabalho fica na rua utilizando o computador. Relata a aluna que gosta bastante de jogos, que utiliza sempre e que sente-se bastante animada quando consegue baixar mais um jogo para sua coleção, diz que poucas vezes utiliza na escola, que usa mais em casa para jogar, mas que não tem acesso a internet próximo de sua casa. Sempre que vai a escola leva o computador para poder utilizar a internet da escola. Conversei ainda com seu pai um Sr. Chamado Richard que trabalha em uma loja de ração, o pai me disse que não aprova muito a distribuição destes computadores no Uruguai, que preferia que a educação fosse de mais qualidade e que seus filhos tivessem a oportunidade de ter um ensino mais rígido, com ênfase na matemática e no português, disciplinas que antes eram mais exploradas, segundo o pai a educação está muito fraca e necessita de um ajuste para que os alunos possam efetivamente aprender. Garante o pai que o computador não trouxe benefícios para seus filhos ele percebe que eles passaram a jogar mais, se dedicam somente a isso, jogos...me questiona ele...você acha que jogo ensina alguém?...me diz o pai indignado...fala que no seu tempo os estudos eram de mais qualidade e que se dava valor aos livros...hoje em dia as crianças só querem brincar e não sabem realizar as operações básicas da matemática. Ao final da entrevista solicitei uma foto para registrar aquele uso, o pai não autorizou, agradei... e não consegui retomar a entrevista com a menina, pois o seu pai deu por encerrada a nossa conversa.

Neste mesmo dia ao passar por uma escola percebi que tinha dois alunos utilizando seus respectivos computadores, em aproximei e perguntei o que

estavam fazendo, os alunos relatam que estavam utilizando a internet, estavam sentados na calçada da escola e ali faziam esta utilização com os seus respectivos XO's. Perguntei o que estavam baixando a menina de 8 anos me responde que estava baixando um jogo e o menino de 12 anos me disse que estava procurando receitas para seu pai, que é cozinheiro e pediu para o filho buscar receitas para ele experimentar em seu comercio...o aluno diz que seu pai possui um restaurante em casa e que geralmente pede para o filho ou ele mesmo faz esta busca, já que a casa do menino fica próximo da escola.



No dia 25 de maio visitei uma menina de 16 anos chamada Carolina, estudante do Liceo 3, moradora do bairro Misiones. Chequei na residência desta aluna a convite da sua tia que me apresentou para seus pais e também para a menina. Ao chegar em sua residência fui recebida por sua mãe e também pela menina, que muito simpática me convidou para entrar e conhecer sua família. Ao chegar na área nos fundos da casa avistei o XO em cima da mesa onde também havia uma cartolina com algumas canetas e anotações já escritas nesta cartolina, perguntei do que se tratava e menina me respondeu que estava realizando um cartaz para um trabalho escolar de pesquisa e que utilizava o XO para realizar buscar por informações de biografias de alguns

nomes indicados pela professora, após iria realizar desenhos para finalizar o trabalho de biografia. A aluna me disse que estava com o computador ali naquele cômodo da casa, pois é onde consegue pegar o sinal da internet, vindo da escola próximo a sua residência, me disse que costuma utilizar bastante o XO em casa, poucas vezes leva ao Liceo e que nunca é solicitado o uso do computador no Liceo. Todos os dias Carolina abre seu email, em casa...utiliza ainda o Facebook para se comunicar com amigos e conhecidos...disse que tem domínio do computador e de todas suas ferramentas, gosta muito de utilizar. Aprendeu a usar com sua professora e depois foi descobrindo sozinha...hoje sei mais que minha professora...complementa a aluna. Ao ser questionada quanto tempo por dia ela costuma utilizar a internet, me relata que chega do Liceo e que faz alguma atividade e já se acomoda para entrar no facebook e iniciar a conversa com os colegas, postar fotos, ouvir musica e conversar, enviando mensagens...são algumas das atividades que ela costuma fazer...disse que mesmo com o frio do inverno ela costuma ficar até mais tarde na área que não é fechada com janelas ou paredes e fica ali utilizando o XO até cansar...geralmente utiliza desde as 18hs até 22hs ou até as 23hs dependendo do frio...diz ela...coloco jaqueta e fico aqui utilizando o computador...eu gosto de conversar e dos recursos que tem na internet.Faço pesquisas para os trabalhos da escola, minha irmã que já saiu do Liceo e não teve a oportunidade de receber o XO, utiliza também o meu computador, empresto para ela e esta sendo muito útil nos seus estudos. Converso um pouco com a mãe da menina que me diz que foi de muita importância esta máquina e principalmente a possibilidade de acesso a internet na sua residência, ela me diz que antes as filhas precisavam sair de casa ir até uma lan house para fazer uso da internet...tendo gastos e preocupação...que hoje ao ver as filhas em casa usando o computador e a internet...vê melhorias para a educação...acredita que o computador está ajudando as filhas a buscar mais

informações...expandir seus conhecimentos. Aprovo muito o uso deste computador, e diz ainda que não costuma usar, sabe acessar a internet a filha ajuda, mas não tem paciência, a internet as vezes está muito lenta. Voltando a conversar com a aluna ela me relata que gosta de usar a ferramenta mensagem do facebook, que poucas vezes utiliza o bate-papo online e que ainda não baixou o MSN na sua maquina, mas que conhece e que pretende baixar em breve, me disse que não gosta de jogos, poucas vezes eu utilizo. Pedi a ela para me apresentar outras colegas que também fazem o uso do XO e que possuam como ela o habito de se comunicar utilizando o XO. Percebo a cada nova entrevista que alunos maiores, geralmente os que estão no Liceo (ensino médio) são alunos que tem um maior entendimento dos recursos comunicacionais da internet e fazem um uso mais adequado explorando estas potencialidades da internet. Jogos são poucas vezes apontados por alunos maiores de 14 anos, o foco nesta faixa etária é mesmo a busca por informações e todos os recursos de comunicação que as redes sociais permitem. Aproveitei para adicionar a Carolina no meu facebook...assim podemos iniciar uma conversa por este meio também.



A partir deste momento conseguimos encontrar alguns alunos que freqüentam o ensino médio e que fazem uso do computador para fins de comunicação, estes que foram selecionados através da realização de entrevistas, desde janeiro de 2011, portanto agora em junho já temos um grande numero de alunos entrevistados sendo possível selecionar alguns para então traçarmos seu perfil... estes alunos são participantes de alguma rede social e também destes fazerem o uso de recursos de comunicação na rede. O uso da internet é recorrente em todos os casos dos alunos selecionados, mas o local de acesso difere entre eles, pois tem aluno que consegue pegar o sinal em sua própria residência e ali faz o uso da internet, outros precisam se deslocar até a escola do bairro para fazer o uso do computador e alguns ainda precisam ir até a escola na qual encontram-se matriculados e freqüentando para somente assim ter acesso a internet, já que nas proximidades de sua residência não tem acesso a rede da internet sem fio do projeto ceibal. Nosso foco agora é visitar cada um dos 3 sujeitos selecionados, inicialmente vamos realizar uma entrevista episódica com o objetivo de relembrar a chegada do XO na vida de cada um dos sujeitos, depois partiremos por conhecer sua rede social, verificar como se formou... quem são seu amigos... como foi o início da utilização dos recursos da rede social e assim vamos ir conhecendo a composição da rede de cada um dos alunos selecionados.

Primeiro sujeito: Aluna Carolina 16 anos 2 ano do Liceo 3

Perfil da aluna: Comunicação Facebook e email, pesquisa para atividades da escola, utiliza o XO em casa, na escola (ensino médio) Liceo nunca é solicitado o uso do computador. Sentada na área de sua casa, consegue pegar sinal do lado de fora da casa, fundos da casa. Sua irmã que já saiu do Liceo e está estudando para ser professora, a mãe já utilizou para acessar o Google. Na sua residência seus pais não utilizam, pois não sabem utilizar, não tem interesse de usar. Aprovam a utilização da aluna, pois fica mais tempo em casa e mesmo com trabalhos escolares, consegue através do acesso a internet, fazer pesquisas e efetuar os trabalhos. A aluna participa de rede social, costuma utilizar o facebook para se comunicar, consegui contato com a aluna logo em seguida da entrevista, sendo que é bastante ativa, responde os recados e me enviou seu telefone para contato, não conversamos utilizando o recurso on-line de comunicação. Seu computador apresenta-se em bom estado de conservação, a aluna costuma cuidar e fazer adequadamente a manutenção. Aprendeu utilizar o XO com a professora e também foi explorando os recursos e descobrindo sozinha todas as funcionalidades do XO. Ainda tem dificuldades em algumas coisas, mas vai descobrindo aos poucos sozinha e com ajuda dos colegas.

No dia 13 de junho realizei uma entrevista episódica com o tema "a chegada do XO" marquei com Carolina a aluna de 16 anos que estou conhecendo. Inicialmente eu convidei a aluna a viajar no tempo e se posicionar no dia em que ficou sabendo que receberia o seu próprio computador... a aluna diz que ficaram sabendo que chegariam computadores porém achava que seria mais rápido... disse que demorou para chegar e que elas imaginavam que seriam computadores grandes normais, azuis ou preto, relata a aluna... disse que tinha uma grande expectativa com essa chegada já que ela não possuía

computador e gostaria muito de ter um. Na escola que ela freqüentava todos estavam ansiosos com essa nova tecnologia sendo que muitos colegas não tinham também computador em suas residências, então foi com muita alegria que eles ficaram aguardando a chegada dos computadores, imaginavam o que poderiam estar realizando...mas a aluna ressalta que não imaginava ter aprendido tanta coisa quanto já aprendeu ao explorar o computador, disse ainda que não imaginava que o uso poderia auxiliar muito nas atividades da escola..hoje ela consegue ver bem diferente o seu uso...percebe que tem mais utilidade. Carolina conta do dia que sua mãe finalmente foi chamada na escola para então receber a máquina, naquele dia todos estavam felizes, inclusive sua mãe....ela conta..foi assim nos reunimos todos em uma sala...minha mãe levou a minha identidade, pois cada computador estava identificado com a identidade correspondente ao respectivo aluno e assim foram chamando e entregando os computadores...que não eram pretos e nem azuis....eram verdes com bege e possuíam um desenho apropriado para crianças, hoje Carolina acredita que o computador é mais adequado para as crianças mesmo de 0 a 6 anos, mas naquele dia ela achou tudo maravilhoso..disse que estava ansiosa por chegar em casa e poder utilizar sua própria máquina...as máquinas foram levadas pelos responsáveis e somente depois que Carolina chegou em casa pode fazer uso da máquina...e eu perguntei como você conseguiu utilizar..como sabia usar?...Carolina disse que a máquina veio com manual e isso ficou muito fácil bastava ler e ir utilizando...bem fácil diz a aluna...e assim aos poucos foi aprendendo a utilizar..cada dia mais e melhor..disse que no início os jogos eram suas atividades principais...jogava bastante...nao sabia fazer outras coisas..na escola se usava pouco...a professora não pedia para levar..hoje em dia uso muito mais no Liceo usamos todos os dias, mesmo em casa preciso usar, mas a aluna afirma que a máquina já não está mais adequada para seu uso, acha que deveria ter a máquina apropriada para o ensino médio (Liceo) mas

somente no 3º ano que eles recebem e ela ainda está no 2º ano. Carolina lembra ainda que nos primeiros dias de utilização da máquina ficava o tempo todo com ela levava para todos os lugares e queria ficar jogando por muito tempo, sua mãe então pedia para ela deixar um pouco a máquina e aos poucos ela foi se acostumando com as funcionalidades da máquina e conhecendo outras coisas que podia ser mais úteis para ela. E já que tenho o acesso à internet em casa, pois consigo pegar o sinal da escola nos fundos de casa e assim posso fazer uso dos recursos da internet todos os dias, utilizo bastante para trabalhos da escola, além e claro do próprio Facebook que agora está se tornando um hábito. A aluna destaca como uma reação positiva da época que receberam o computador o fato de todos os colegas se sentirem importantes por estar recebendo um computador para uso exclusivo do aluno, mas que o que destaca como ponto negativo foi o fato de um determinado colega de sua aula não receber naquela oportunidade o computador, sendo que o aluno ficou muito chateado e inclusive chorou por não ter recebido sua máquina... e eu pergunto se demorou para ele receber e a aluna disse que sim demorou bastante, mas ele recebeu também depois.

No dia 20 de junho de 2011, marquei uma entrevista somente com a aluna Carolina que havia conhecido em outra oportunidade e passamos a nos comunicar através do Facebook, adicionei a aluna na rede social e trocamos algumas mensagens, combinei então de ir realizar com ela uma nova entrevista, agora focando no uso específico do Facebook. Iniciamos nossa conversa falando um pouco de como a sua rede social foi sendo formada, ele me disse que iniciou a sua participação na rede social depois de ter recebido o computador do projeto Ceibal, disse que passou algum tempo para se interessar por fazer um perfil no Facebook, primeiramente o uso do computador foi destinado unicamente a jogos a medida que foi explorando os recursos do computador, descobriu a internet e suas potencialidades, fazendo então despertar na menina o interesse por também estar fazendo parte deste grupo.

Na época sua irmã mais velha incentivou e auxiliou a criação do perfil de Carolina, sendo que sua irmã já utilizava a mais tempo e conhecia os recursos. Carolina então iniciou sua própria rede de amigos, conta-me que seus primeiros amigos na rede foram os próprios amigos e conhecidos dela que faziam parte do perfil da irmã. Carolina passou a adicionar os amigos e conhecidos da irmã levando estes para sua rede, iniciou com uns 7 amigos e aos poucos foi encontrando os seus novos amigos virtuais, passou a procurar colegas do Liceo (escola que freqüentava na época) e ainda alguns parentes da família. Atualmente Carolina possui 97 amigos, sendo que costuma se comunicar diariamente com no mínimo 7 destes, são colegas e amigas da escola, algumas que ela desde o início do uso do facebook se mantem em contato também através do facebook. Carolina conta que uma amiga chamada Katie foi a primeira pessoa que ela enviou uma mensagem nesta rede social e até hoje as duas continuam se comunicando também por este meio, além de se encontrarem pessoalmente, algumas vezes elas se reúnem para fazer o uso do computador juntas, ela convida a colega que vai para sua casa e as duas ficam explorando o facebook, já que este agora é um hábito que elas adquiriram. Carolina diz que ainda precisa aprender muito sobre o facebook que existem muitos recursos que ela desconhece, que gostaria de aprender cada dia mais sobre a rede social, dentre as atividades que ela costuma realizar no facebook, estão enviar mensagens para os amigos, curtir determinada informação ou evento postado por um amigo, publicar no mural de algum amigo além de gostar muito de receber fofocas de artistas, este é um assunto que ela gosta bastante. Dentre as atividades que ela gostaria de saber quanto ao uso do facebook estão alterar sua foto no perfil, editar melhor o perfil... também quer aprender a trocar o plano de fundo do facebook, dentre outras coisas que ainda quer explorar. A aluna quando questionada se costuma utilizar o bate-papo on-line do facebook diz que não costuma utilizar que o XO é bloqueado para este uso, que não consegue utilizar.

Perguntei a Carolina quem são seus amigos atualmente no facebook: ela responde que são seus próprios colegas de escola, além de alguns conhecidos que freqüentam a mesma escola que ela e mesmo não sendo ítimos elas conhece-os de vista e assim adicionou na rede. Além destes na sua rede também encontram-se alguns vizinhos e parentes da família de Carolina que vivem geograficamente distantes da família da menina e ela costuma se comunicar com eles somente pelo facebook, através de mensagens. Ao questionar sobre que tipo de interação a menina realiza no facebook ela diz que é bastante variada, que gosta de enviar mensagens, de enviar recados, mas que utiliza mais as mensagens e também quando se sente motivada costuma comentar ou curtir informações postadas pelos amigos. Quando idaqueci de Carolina que tipo de assunto ela prefere falar no facebook e não pessoalmente ela diz que quando tem algum assunto delicado ela prefere falar por ali que tem confiança que o que ali for tratado tem caráter sigiloso e portanto ninguém ficara sabendo, neste momento percebe-se um tanto de timidez da aluna ao perceber que a mãe está próxima e pode ouvir do que estamos falando, percebe-se que o uso do facebook está associado também ao namoro que pelo que percebi a mãe não aprova e Carolina se comunica também com namorado pela rede social. .devido a presença da mãe a menina fica bastante tímida e colabora pouco com maiores informações com relação as conversas na rede. Me disse que conhece dos 97 adicionados no máximo uns 40 sendo assim composto: vizinhos, amigos de escola e parentes. Os assuntos tratados são variados, sendo que para combinar alguma coisa ou enviar aviso de acontecimentos ela prefere utilizar o celular, enviando mensagens e na rede prefere enviar um recadinho rápido do tipo *Hola como vai?* e *saludos...* assim se expressa a menina. Disse que seus familiares sabem que ela faz uso da rede social, mas que apenas sua irmã mais velha tem perfil e costuma utilizar, sua mãe não sabe fazer nada no computador e ela não deixa utilizar porque sempre a mãe consegue travar a máquina ou fazer algo errado. Encerro a

entrevista focal " o uso do facebook" por aqui, marcando com a aluna que vamos manter o contato via facebook, que a partir de agora nossa comunicação será somente através da rede, entrego umas fotos que fizemos em outra oportunidade e agradeço pela entrevista.

No final de junho aqui no Uruguai ocorrem as férias de inverno e durante um tempo, aproximadamente 15 dias os alunos vão ficar sem ter aulas, aproveitei esse tempo para também analisar o que eles preferem fazer nas férias, passei a interagir mais com os alunos que tenho adicionado na minha rede social, procurando controlar o tempo que eles demoram para me dar o referido retorno nas mensagens, observei que apenas 2 alunas estão utilizando com frequência e me respondendo sempre que envio mensagens, os demais estão bastante ausentes. E ausentes estão também na rua, passei a andar aleatoriamente nos bairros onde costumo encontrar crianças utilizando os computadores na frente ou próximo as escolas e não estou encontrando alunos, vejo que eles estão aproveitando as férias para utilizar outras formas de entretenimento como jogar futebol, andar de bicicleta ou realizar outros esportes.

Dia 23 junho... Encontrei uma menina usando seu XO na frente de sua casa, estava sentada na porta utilizando o computador, me aproximei e pedi para conversar com seu responsável e assim passei a conversar com a menina sobre que atividade estava realizando, a menina me disse que estava jogando o jogo que eles chamam de "moda" trata-se de vestir uma boneca..fiquei observando por algum tempo a menina jogar solitaria e sem interferência da mãe que estava por perto.

Dia 24 de junho... Ainda relatando as minhas visitas durante as férias conheci uma família onde as crianças possuem o Xo mas que deixaram de utilizar, conversando com a responsável pelas crianças ela me informa que ambos os computadores travaram e ela enviou para conserto e durante o tempo

que estão no conserto ela comprou um computador grande e os filhos passaram a utilizar este computador para realizar acessos a internet e outras atividades, deixando de lado o XO. Questionei se eles não precisam levar para a escola, ela me disse que não que quase não utilizam na escola onde seus filhos freqüentam.

No dia 27 de junho... Mais um dia de visita aos bairros e nas proximidades das escolas novamente não encontrei nenhum aluno utilizando seus computadores, hoje faz um lindo dia de sol e vejo somente muitas crianças correndo e brincando nas praças e nas proximidades das escolas. Nada de computadores por aqui.

No semana seguinte de 01 a 08 de agosto, alunos ainda em férias, visitei alguns bairros e em todos sempre encontrei uma criança utilizando o Xo nas proximidades de sua residência e ainda nas proximidades das escolas do bairro que mesmo em férias proporcionam o acesso a internet através da internet sem fio da escola, expandindo assim o uso dos computadores para áreas fora das escolas, chegando as residências.

Nestas observações percebo que a maioria dos alunos estavam baixando jogos, quando estavam utilizando a internet e na maioria deles acessavam em casa sentados na frente das residências e utilizando jogos já baixados na máquina. Interessante ressaltar que evidencia-se como prática o usos dos computadores fora da escola e que os alunos já acomodam-se para fazer um uso bem longo da máquina, pois conectam a máquina na energia elétrica buscando assim permanecer conectado além do tempo de duração da máquina e devido isso fazem o uso próximo da fonte de energia da sua residência.

Julho, 2011

Iniciei o mês de julho dando seqüência as entrevistas episódicas com as alunas que estou me comunicando via redes sociais, as alunas moram em bairros distintos e não se conhecem entre si fisicamente e mesmo na rede elas não se conhecem. A única amiga em comum que marquei de visitar a aluna Karolina que reside no bairro Mondubi em um sábado, dia no qual a aluna costuma ir até a escola do bairro para fazer uso da internet, neste dia a aluna sempre me envia mensagem, desde que nos conectamos na rede social, em todos os sábados recebo uma mensagem da aluna.

No dia 09 de julho fui até o bairro Mandubi, local distante do centro da cidade de Rivera, para realizar a entrevista episódica com a aluna Karolina. Nos encontramos na frente da escola do bairro, nos acomodamos da mesma forma que a aluna costuma se acomodar para utilizar o computador nas proximidades da escola buscando conexão com a internet. Neste dia passamos a falar da chegada do Xo na sua vida, pedi então que a aluna relatasse sobre todos os aspectos a chegada do Xo. Ela foi então lembrando de como foi a expectativa da chegada e até o fato de não acreditar que este recurso fosse realmente estar disponível para todos. A aluna conta que ao saber que chegariam computadores para cada um de seus colegas e para ela inclusive ela ficou muito feliz, mas desconfiada de que não atenderia a totalidade de seus colegas, achava que era algo impossível de acontecer. Antes nós não

tínhamos acesso a internet aqui na escola, nosso bairro fica longe do centro da cidade de Rivera e as coisas por aqui não são fáceis, relata a aluna, lembrando de como era antes da chegada do Xo. E então em um determinado dia chegaram os computadores e foi uma festa na escola, nossos pais precisaram comparecer e foram eles que receberam os computadores e nós ficamos muito felizes, depois que cheguei em casa fiquei utilizando o computador e descobrindo como as coisas funcionavam. E assim foi nos demais dias da chegada dos computadores, muita curiosidade e bastante utilização, lembro que não me separava do computador por um minuto, era como um brinquedo novo, afirma a aluna. E depois passamos a leva-lo a escola todos os dias e alguns professores utilizavam mais que outros, sendo que não tinham um preparo para este uso, muitas vezes nos alunos sabíamos mais que os próprios professores. Nos reuníamos com os colegas para juntos descobrir como utilizar, na minha casa me reunia com minha irmã que também recebeu o computador e passamos a utilizar juntas esta tecnologia. Na minha casa somente eu e minha irmã passamos a utilizar e até hoje só nós usamos o Xo, ninguém tem interesse, meus pais não sabem usar. Eu em seguida criei uma página na rede social Orkut e passei a ter vários amigos on-line, inclusive brasileiros que converso até hoje. Mas desde o dia que chegou os computadores foi uma felicidade em todos sentidos, pois passamos a ter em mãos algo que para nós parecia impossível. Mas aqui na minha escola vários alunos no dia da chegada dos computadores não receberam seus Xo e somente depois chegou os computadores deles.

Pergunto então sobre o início da utilização das redes sociais e ela me diz que logo que começou a usar a internet e faz isso nas proximidades da escola, ela passou a usar também as redes sociais, relata a aluna: tenho perfil no facebook e também no Orkut, gosto e utilizo mais o Orkut, minhas amigas também, gosto de enviar recados e ficar online conversando e fazendo novas amizades. Gosto bastante de usar a ferramenta de fotos e também de visitar

os amigos na rede, trocando mensagens. Não tenho dificuldade de utilização, gostaria de saber mais sobre o facebook que uso pouco e não tenho muito conhecimento. Eu aprendi a usar com meus colegas e amigos, ficava desuendando tudo da rede. Gosto também de fazer pesquisas na internet, isso me ajuda na escola, faço trabalhos usando a internet, a única coisa ruim é ter que caminhar até a escola porque não tenho acesso a internet em casa.

Meu perfil no Orkut começou em poucos amigos, menos de 10 e agora já tenho mais de 60 amigos e cada dia tenho mais amigos on-line. Fui aprendendo a postar fotos, enviar recados animados e também a usar a ferramenta de bate-papo on-line. Gosto de trocar minha foto do perfil, faço isso com frequência e meus amigos gostam e me enviam várias mensagens falando da foto, gosto também de colocar fotos das festas que vou com meus colegas, depois ficamos comentando isso é muito divertido, relata a aluna.



No dia 12 de julho marquei com a aluna para realizar uma entrevista episódica, me deslocuei até o endereço da aluna, ficava em um bairro próximo ao centro da cidade. Chegando no endereço a aluna me aguardava para conversar, sua mãe não participou da nossa conversa. A aluna então passou a falar da chegada do X0 em sua vida, relata a aluna que utiliza bastante o computador e que inclusive neste ano foi trocado de modelo, pois ela passou para o Liceo e com isso recebeu novo computador, outro modelo, mais moderno conforme a aluna. Começamos então a falar do dia que ficou sabendo que chegaria os computadores para todos na escola, ela disse que no dia que a professora falou ela achou que já ia chegar, em poucos dias, mas demorou muito tempo ainda para chegar que ela já não esperava mais, então em um dia foi solicitado que os pais fossem até a escola para receber os computadores. Ela disse que ficou bem feliz ao receber o seu e que não sabia como usar, que no início foi difícil e que precisava de ajuda, fazia sempre o uso junto aos colegas, isso deixava o trabalho mais fácil. Na escola utilizava bem pouco, agora que levo mais para pegar a internet da escola e assim fazer os trabalhos da escola, mas na aula mesmo poucas vezes utilizamos. Aprendi mais utilizando e trocando experiências com os colegas. Quanto ao uso do Orkut eu pergunto para a aluna quando passou a utilizar ela responde que demorou para usar, mas que hoje em dia usa bastante e que sua mãe também gosta de usar, elas ficam conversando e enviando mensagens para parentes

que vivem em outras localidades e isso é bem interessante, mas é difícil porque não temos acesso a internet em casa, precisamos nos deslocar, quando vamos no centro da cidade a minha mãe vai junto e ficamos na praça pública usando a internet e acessando o Orkut. Ainda quero aprender mais sobre o Orkut, hoje uso bastante a conversa on-line e envio para meus amigos os recados animados, gosto bastante. Não coloco muitas fotos no meu perfil, sou mais discreta diz a aluna. A minha mãe gosta de usar e eu ajudo ela, assim ficou mais fácil para ela se comunicar com os familiares já que ela tem problemas de audição.